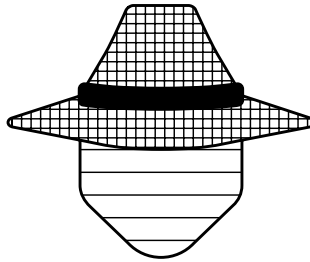


O design enquanto instrumento de transformação social



O design enquanto instrumento de transformação social

Estudo de caso: sistema de insígnias
de inspiração escotista como forma de
inclusão e diversidade LGBTQI+

Aluna: Inês Pereira Pina

**Dissertação para obtenção do
Grau de Mestre em Design Gráfico**

Instituto Politécnico de Leiria
Escola Superior de Arte e Design

Orientadores: António Gomes e Teresa Fradique

Caldas da Rainha, 2022

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais pelo apoio incondicional e interesse que demonstraram durante todo o processo de concepção deste trabalho. Quero também agradecer aos meus avós e família por todo o suporte que me proporcionaram, por fim estou também grata ao meu irmão por me ter apoiado durante este período.

Estou muito grata ao CNE, em particular ao agrupamento 737 Marrazes, por todos os chefes que me ensinaram e desafiaram durante o meu percurso escutista, por me transmitirem os valores que hoje defendo, por todos os amigos que fiz durante este percurso e por todas as vivências que experienciamos. O CNE, durante o tempo que lá estive, foi a minha segunda casa, sinto que consegui de facto compreender porque é comum dizermos que somos todos irmãos, da grande família que é o escutismo. O escutismo para mim foi o que me fez acreditar que com esforço, dedicação e trabalho em equipa tudo é possível, estou grata ao escutismo por me fazer acreditar que o esforço recompensa e que vale a pena sonhar.

Em terceiro lugar, estou grata aos meus orientadores, António Gomes e Teresa Fradique, foi um privilégio poder trabalhar com ambos, agradeço todos os conhecimentos e conselhos que me deram. Agradeço toda a paciência e apoio durante este trabalho, por todo o rigor e exigência que acredito que me ajudaram a descobrir a designer que no futuro quero ser, obrigada por me terem feito refletir e consolidar a mensagem que aqui pretendo passar.

Quero também agradecer aos meus colegas de casa durante a minha estadia nas Caldas, ao Rui e ao Daniel por se terem tornado pessoas tão importantes na minha vida e por termos passado pelo processo de um mestrado juntos. Estou grata por todas as horas a conversar sobre os trabalhos que íamos desenvolver, por todas as sugestões e argumentações que tivemos, por nos apoiarmos uns aos outros incondicionalmente.

E por fim não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que entrevistei e se mostraram interessadas no meu trabalho, agradeço por toda a ajuda e dúvidas esclarecidas. Agradeço também pelas conversas que me fizeram compreender que existe sempre mais do que uma perspetiva do mesmo problema, estas entrevistas serviram-me de inspiração para a realização do trabalho aqui apresentado.

Resumo

PT

No presente trabalho, o design será encarado como instrumento de transformação social colocado ao serviço da inclusão. De modo a desenvolver este projeto, é utilizado como território de investigação a proposta educativa do Corpo Nacional de Escutas (CNE), mais concretamente os sistemas de competências e especialidades, como suporte de apoio à criação de um sistema identitário da comunidade LGBTQI+ no escotismo.

O projeto apresentado consiste numa abordagem do design inspirado nos princípios do design justice que se traduz na criação de uma proposta de um sistema de competências denominado *Inclusão e Diversidade LGBTQI+*. Para a sua conceção pretende-se, com recurso ao design especulativo, criar uma realidade alternativa onde este sistema de competências faria parte da proposta educativa de uma associação escotista. O presente trabalho resulta assim num artefato gráfico constituído por sete insígnias, seis relacionadas com diferentes questões dentro da temática anteriormente referida, em conjunto com uma insígnia de mérito recebida após a obtenção das seis insígnias anteriores.

Palavras - Chave: Inclusão; Diversidade; LGBTQ; Escotismo; Design Gráfico; Especulação; Insígnia;

Abstract

EN

Project seeks to present design as an instrument of social change, in service of inclusion. In order to develop this project, *Corpo Nacional de Escuta's (CNE)* educational proposal is used as the investigation object, specifically its specialities and skills systems, as a supporting element to the creation of an identity system for the LGBTQI+ community in scouts.

The present project consists of an approach to design, inspired by design justice's principles, which translates into the creation of a proposal for a skills system named LGBTQI+ Diversity and Inclusion. For its conception, the idea lies in crafting an alternative reality where is actively used by a National Scout Organization (NSO). Hence, the following project results in a graphic artifact composed by seven insignia. Six of which pertain to different issues that fit within the thematic aforementioned and the last one being a merit badge, which is only earned after all the previous six are attained.

Key words: Inclusion; Diversity; LGBTQI+; Scouts; Graphic Design; Speculation; Insignia;

Índice

iii	Introdução	p. 16			
1	O escotismo e a insígnia	p. 32	4	Objetivos do projeto	p. 134
1.1	Surgimento do movimento escotista	p. 34	4.1	O escotismo mundial e a WOSM	p. 132
1.2	A insígnia como objeto classificatório e de identificação	p. 52	4.2	Motivações do projeto	p. 136
1.3	A insígnia enquanto artefato gráfico	p. 71	4.3	Objetivos do projeto	p. 140
2	Design para a transformação social	p. 78	5	Metodologia	p. 142
2.1	Problemáticas de inclusão e o design gráfico	p. 80	5.1	Design Justice	p. 144
2.2	Estado da arte do design gráfico inclusivo	p. 86	5.2	Design Thinking	p. 147
2.3	Contributos de Andy Campbell para uma síntese do design da comunidade LGBTQ	p. 91	5.3	Abordagem metodológica	p. 149
3	Projetos de referência	p. 108	6	Sistema de insígnias Inclusão e Diversidade LGBTQI+	p. 154
3.1	Práticas de inclusão e diversidade no escotismo	p. 110			
3.2	Códigos escutistas	p. 120	iv	Conclusões	p. 206
3.3	Projetos inclusivos e diversificados	p.125	v	Referências bibliográficas	p. 214
			vi	Anexos	p. 224

Índice de figuras

Fig. 1 e 2	<i>p. 36</i>	Fig. 19 - 31	<i>p. 101</i>	Fig. 61	<i>p. 127</i>
Fig. 3	<i>p. 37</i>	Fig. 32	<i>p. 102</i>	Fig. 62	<i>p. 157</i>
Fig. 4	<i>p. 39</i>	Fig. 33	<i>p. 104</i>	Fig. 63	<i>p. 158</i>
Fig. 5	<i>p. 40</i>	Fig. 34	<i>p. 105</i>	Fig. 64	<i>p. 159</i>
Fig. 6	<i>p. 41</i>	Fig. 35	<i>p. 106</i>	Fig. 65	<i>p. 160</i>
Fig. 7 e 8	<i>p. 44</i>	Fig. 36	<i>p. 107</i>	Fig. 66	<i>p. 161</i>
Fig. 9	<i>p. 47</i>	Fig. 37 - 39	<i>p. 110</i>	Fig. 67	<i>p. 162</i>
Fig. 10 - 12	<i>p. 64</i>	Fig. 40 e 41	<i>p. 112</i>	Fig. 68	<i>p. 163</i>
Fig. 13	<i>p. 66</i>	Fig. 42 e 43	<i>p. 113</i>	Fig. 69	<i>p. 164</i>
Fig. 14	<i>p. 67</i>	Fig. 44 - 46	<i>p. 114</i>	Fig. 70	<i>p. 165</i>
Fig. 15	<i>p. 69</i>	Fig. 47	<i>p. 116</i>	Fig. 71	<i>p. 166</i>
Fig. 16 e 17	<i>p. 70</i>	Fig. 48 - 51	<i>p. 118</i>	Fig. 72	<i>p. 167</i>
Fig. 18 e 19	<i>p. 93</i>	Fig. 52 - 56	<i>p. 119</i>	Fig. 73	<i>p. 168</i>
Fig. 20 e 21	<i>p. 95</i>	Fig. 57	<i>p. 121</i>	Fig. 74	<i>p. 169</i>
Fig. 22 e 23	<i>p. 97</i>	Fig. 58	<i>p. 122</i>	Fig. 75	<i>p. 171</i>
Fig. 24	<i>p. 98</i>	Fig. 59	<i>p. 124</i>	Fig. 76 e 77	<i>p. 172</i>
Fig. 25 - 28	<i>p. 99</i>	Fig. 60	<i>p. 125</i>	Fig. 78 e 79	<i>p. 173</i>

Glossário e Lista de Siglas

Rovers, Caminheiros - Secção dos escoteiros mais velhos.

WOSM, OMME - World Organization of Scout Movement ou Organização Mundial do Movimento Escotista.

World Scout Jamboree - Acampamento mundial de escoteiros.

NSO, NSOs - National Scouts Organizations, Organizações Escotistas Nacionais.

World Scout Committee - Comitê Internacional.

WSC - World Scout Conference ou Conferência Internacional Escotista.

World Scout Youth Forum – Fórum de participação jovem de onde são tiradas sugestões para a World Scout Conference.

AEP - Associação Escotista Portuguesa

UAP - União dos Adueros de Portugal

CSCP - Corpo de Scouts Católicos Portugueses

CNS - Corpo Nacional de Scouts

ACP - Ação Católica Portuguesa - Visava encorajar a participação dos leigos na Igreja Católica, objetivando estreitar relações entre a sociedade e a Igreja.

OEP - Organização Escotista de Portuguesa, Criada sob a tutela do Governo com o objetivo de controlar as orientações pedagógicas das Associações Escotistas.

AGP - Associação de Guias de Portugal.

CNE - Corpo Nacional de Escutas - Antigo CNS, adoção de um carácter mais “nacionalista” por parte do movimento.

MP - Mocidade Portuguesa

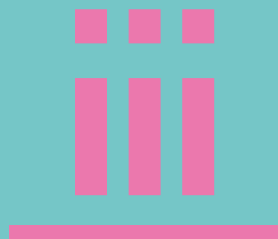
Hitlerjugend - A Juventude de Hitler

CISC - Conferência Mundial do Escutismo Católico

CEL - Comunidade de Escotismo Lusófono

FEP - Federação Escotista de Portugal

Pictograma - Desenho figurativo estilizado, utilizado para indicar um objeto ou expressar uma ideia de forma analógica ou figurativa.



Introdução

O trabalho de investigação e projeto em design gráfico que aqui se apresenta relaciona-se, em parte, com a minha experiência pessoal enquanto escuteira do Corpo Nacional de Escutas (CNE) e enquanto estudante de design interessada no desenvolvimento de uma abordagem social à prática do design. Proponho, assim, uma reflexão que tem origem na minha prática escutista - e cuja importância na minha formação é crucial -, reflexão essa que defende a necessidade de promover a visibilidade e inclusão de diferentes vozes nos métodos educativos como aqueles aplicados pelo escotismo¹. Tendo constatado que a temática LGBTQI+ na proposta educativa do CNE é praticamente inexistente, e sendo que este movimento desempenhou um papel importante pelo qual serei eternamente grata, tanto na minha educação, quanto nos valores que atualmente defendo, considereei pertinente o desenvolvimento de abordagens que incentivem a reflexão de como poderia ser a educação e inclusão da temática LGBTQI+, não só no CNE, como no escotismo no geral. Esta opção associa-se igualmente ao meu interesse no design social, ou seja, nas possibilidades de praticar esta disciplina enquanto instrumento de transformação. Esta foi uma das principais motivações para ingressar no Mestrado em Design Gráfico, apesar de a minha formação de base ser em artes plásticas.

¹Nota sobre a diferença entre escotismo e escutismo: segundo a Associação Escotista de Portugal (AEP), tal como é explicitado no seu site oficial, ambas as expressões utilizadas para referenciar o movimento estão corretas. A primeira associação escotista a surgir em Portugal foi a AEP e a designação original do movimento era *boy scouts*. Foi então adoptada uma palavra já existente na língua portuguesa, escoteiro, justificando que o escoteiro era aquele que viaja sem bagagem, o pioneiro. Mais tarde, com o aparecimento do escutismo católico em Portugal, tendo como referência o escutismo vivido em França onde se pronunciava “secúte”, foi feita mais uma adaptação deste termo para o português, sendo que a palavra que se encontrava mais próxima era “escuta”, com a justificação de que, para além de apresentar uma fonética próxima, o scout era também atento e observador, adequando-se ao significado de escuta. No entanto, segundo o descrito no site da AEP, é mais frequente encontrar a grafia “escotismo” nos livros e jornais portugueses e no Brasil, a associação dos Escoteiros do Brasil sempre escreve escoteiro. Dito isto, na presente dissertação, optei por utilizar a palavra escuteiro sempre que me referir ao CNE e escoteiro sempre que me referir ao escotismo de forma geral.

Foi o facto de, desde jovem, ter demonstrado interesse na área criativa que me levou a enveredar pela área das artes plásticas e da ilustração. Durante a licenciatura fiz amigos que se estavam a formar em Design Gráfico e foi nesse momento que comecei a despertar interesse pelos trabalhos que estes se encontravam a desenvolver. Foi também neste período que integrei o departamento de comunicação de algumas equipas regionais dos escuteiros de Leiria, entre elas o Observatório Regional da IV^a onde me foi possível antever as possibilidades de uma vertente social do design. Esta equipa tinha como foco dinamizar atividades de serviço à população na região de Leiria e alguns exemplos de atividades realizadas incluíam pequenas intervenções em casas degradadas, a dinamização de atividades para pessoas em lares de idosos, a limpeza de praias e matas, atividades com jovens e crianças de instituições sociais, entre outras intervenções de cariz social. Foi neste âmbito que me comecei a aperceber das potencialidades e do poder do design enquanto meio de comunicação neste contexto, pois cada atividade que realizávamos era composta por um imaginário que era lançado com recurso às redes sociais, tendo como principal preocupação que este apelasse a uma reflexão sobre temáticas relacionadas com a área social e ambiental. Assim, decidi entrar num mestrado em Design Gráfico, sendo o presente projeto a minha tentativa de materializar as potencialidades que adivinhava no design. O meu propósito foi olhar para o design de forma transformativa e diversificada, um design que desafiasse as normas binárias nas quais o ambiente que nos rodeia foi construído, sempre tendo como objetivo gerar um objeto gráfico que, ao libertar-se dos discursos normativos, conseguisse incluir aqueles que por elas não se sentem representados. Esta é, aliás, uma tendência que se tem afirmado, de forma cada vez mais visível nas recentes reflexões em torno do papel do design gráfico, tal como afilma Lupton et al. em *extra bold a feminist inclusive anti-racist nonbinary field guide for graphic designers* (2021):

“ *Design is normative, but it can also be transformative. Binary oppositions lure the mind with their shiny, neatly defined polarities. Just one of many alternative models is the spectrum, which contains endless shades of difference between opposing endpoints. Intercessions, twisting paths, and mixed ecologies push beyond the either/ or structure of binary categories* (Lupton et al., 2021, p. 33).

Quando iniciei o desenvolvimento deste trabalho, a temática da inclusão, sobretudo aplicada à representatividade da comunidade LGBTQI+ ainda não me era tão familiar, no entanto, com recurso às recentes publicações de Lupton et al. (2021), Costanza-Chock (2020) e Campbell (2019) a ideia mais concreta do que pretendia desenvolver tornou-se progressivamente mais clara. Após a análise destes três autores é possível afirmar que o design vai muito para além do que é geralmente reconhecido e instituído na disciplina. Na verdade, podemos identificar como que um paradoxo na medida em que, tal como o defende Anne-Marie Willis (2006), enquanto designers, estamos a desenhar o mundo à nossa volta, a delinear o seu funcionamento e, ao mesmo tempo, estamos a ser influenciados por aquilo que já nos rodeia.

“ *Design is something far more pervasive and profound than is generally recognised by designers, cultural theorists, philosophers or lay persons; designing is fundamental to being human — we design, that is to say, we deliberate, plan and scheme in ways which prefigure our actions and makings ... we design our world, while our world acts back on us and designs us* (Willis, 2006, p. 80).

No seguimento da afirmação de Anne-Marie Willis, pretendo que o presente projeto, e respetiva reflexão que o suporta, tenham como foco a promoção da inclusão e diversidade da comunidade LBGTQI+ a partir da prática do design, seguindo a perspectiva de Lupton:

“ *Queer artists, designers, writers, and philosophers have always existed—often in hiding, sometimes in the open. Design and creativity have played powerful roles in movements to make gay sexuality and diverse gender identities visible and accepted within the broader culture. Artists have also sought to keep queerness queer, by resisting assimilation and embracing difference* (Lupton et al., 2021, p. 109).

Antes de mais, parece-me importante considerar aquilo que são os objetivos delineados pelo próprio CNE e que são pertinentes para o delinear da proposta que aqui pretendo explorar:

“ *O Escutismo aposta no aprender fazendo. Através de atividades que são projetadas, desenvolvidas e implementadas tendo por base o método do projeto e o trabalho em equipa, procura-se que os escuteiros trabalhem as seguintes áreas de desenvolvimento: carácter, afetiva, intelectual, física, social e espiritual. Consoante as idades, estas atividades podem envolver construções, jogos, exploração, raides ou serviço comunitário, mas, acima de tudo, pretende-se que estas reflitam os desafios que os jovens encontram durante todo o seu percurso de vida, preparando-os para uma cidadania ativa, relação com o próximo, sustentabilidade ambiental e desenvolvimento pessoal integral.* (CNE, n.d.)

Durante a minha vivência no movimento senti falta de ter sido educada e consciencializada dentro do que poderia consistir a nossa identidade individual, a forma como nos expressamos socialmente e até mesmo a forma como amamos. Acredito que a possível existência deste conjunto de insígnias, tanto dentro do CNE, como em qualquer outra associação escotista, poderia consistir numa mais-valia na educação de pessoas jovens na diversidade e livres na forma como se expressam e constroem os seus afetos.

“ *Numa perspetiva educativa, colocamos o enfoque nos jovens, promovendo junto destes o sentido de pertença a um movimento à escala mundial para que possam desenvolver uma postura e consciência de cidadão global, conhecedor do seu lugar no mundo, potenciando o conhecimento de diferentes culturas, tradições, religiões e espiritualidades e explorando dimensões educativas adicionais capazes de contribuir para o seu desenvolvimento integral* (CNE, n.d.).

Assim sendo, e tal como referido acima, o projeto aqui proposto pretende juntar-se a um movimento no âmbito do design gráfico do qual Lupton et al.(2021), Costanza-Chock (2020) e Campbell (2019) fazem parte, entre outros, e que ganha cada vez mais visibilidade, encarando a prática da disciplina como instrumento de transformação social, podendo ser usada como meio de afirmação de comunidades que são recorrentemente negligenciadas, como é o caso da comunidade LBGTQI+. Tal como afirma Andy Campbell em *Queer x Design* (2019): “LGBTQ design is about audacity, trying things out, and sometimes failing. Because LGBTQ people have historically been denied positions of political and economic power (...).” (Campbell, 2019, p.xv).

Já no *White Paper Beyond the Binary* (2020) de Paul Mijksenaar, que consiste numa proposta de design de casas de banho inclusivas², o designer holandês defende a importância do papel cultural e social do design e chama a atenção como o perpetuar de sistemas canónicos pode limitar a transformação com vista ao combate às formas de exclusão: “Design plays an important role in culture and in society, especially when a society is evolving. It is our obligation as experts to move away from old systems that perpetuate exclusion and hinder progress, and to create new systems that facilitate positive change.” (Mijksenaar, 2020, p. 2).

Mas não é apenas no design gráfico que as questões da inclusão estão a ser discutidas. No próprio escutismo alguns passos estão a ser dados. Um dos principais motivos que me fez enveredar neste projeto foi uma percepção, partilhada com diversos elementos do movimento, de falta de representatividade no CNE. Um importante passo foi dado neste âmbito quando, em 2018, foi elaborado por uma equipa de escuteiros do CNE conhecida por Escutismo para Todos, um questionário sobre a presença da comunidade LGBT no CNE, chamado *LGBT e o Escutismo*. Numa entrevista realizada ao fundador desta equipa procurei perceber como é que a mesma tinha surgido e no que consistia o seu trabalho:

²Sendo que o presente trabalho de investigação aborda uma vertente educativa tendo como foco a temática da inclusão e diversidade, decidi adotar uma linguagem inclusiva e neutra no projeto prático, ou seja, uma linguagem que evita perpetuar as ideias implícitas de género binário, permitindo assim a pessoas que não se identificam nem com o feminino ou o masculino se sentirem devidamente representadas. Durante a componente escrita, devido ao facto do Politécnico de Leiria ainda não ter adotado qualquer medida em relação a este tema, optei por fazer uma aproximação o mais inclusiva possível dentro do que a língua portuguesa permite.

“ Isto começou quando eu usei saia, eu usei a saia e depois chateei-me com uns dirigentes lá no ERC (Encontro Regional de Caminheiros) e no São Jorge (Atividade Regional) e, passado uns tempos, achei que poderia pegar naquilo e criar um movimento. Criei um movimento que se chamava “Saia ou Preconceito”, onde o principal foco era a igualdade no uniforme, mas depois acabou por assimilar outras igualdades como aceitar elementos trans, e por aí. ...

Passado uns tempos ... eu lancei um questionário online, ‘LGBT e o Escutismo’. Achei que aquele questionário devia ser um projeto e então criei o projeto ‘Turing’ que é o projeto relativo à comunidade LGBT no Escutismo e achei que para isto não andar tudo solto, até porque depois tinha a ‘Drave para Todos’, que era a atividade para deficientes na Drave (Base Nacional de Caminheiros, Serra da Freita) - um projeto que eu já tinha discutido com o CNE -, eu estava com imensos projetos soltos, então criei o ‘Escutismo para Todos’ para os agrupar.

O ‘Escutismo para Todos’ foi criado mais nesse âmbito de agrupar os projetos (...). Nós tínhamos o ‘Saia ou Preconceito’, o Projeto ‘Turing’ e nós queríamos passar a ser o ‘Escutismo para Todos’, o projeto da igualdade e em vez de ter microprojetos, ter áreas de atuação, porque achamos que é a forma mais lógica de atuar. (...) O ‘Escutismo para Todos’ é que passa a ter uma posição.

O que nós tentamos fazer, no geral, é fazer propostas à Junta Central, alterações, regulamentos, tentamos debater com eles. Uma das coisas que queremos fazer é organizar debates nas diferentes regiões para saber a opinião dos escuteiros, mais propriamente dos caminheiros e dos dirigentes sobre os assuntos e foi um bocado nesse sentido que temos atuado. Até agora foi mais no âmbito de sensibilizar as pessoas ... e agora é a parte mais de agir, de debater e de fazer propostas mais concretas (Entrevista a André Paupério, março 2020).

O acesso a este questionário permitiu-me confirmar a falta de abordagem relativamente à temática LGBTQI+ que senti durante o meu caminho dentro do CNE. Tendo sido uma grande inspiração no decorrer deste projeto, por ser capaz de servir de ponto de partida para todo o processo e desenvolvimento do trabalho aqui presente e por me demonstrar que este pode ter como propósito apresentar uma proposta de melhoria da problemática levantada por este questionário. Por isto, considero que o projeto resultante desta investigação consiste numa forma importante de pensar sobre o design e em como este pode ser aplicado tanto a nível identitário, como educativo.

O questionário *LGBT e o Escutismo* foi respondido de forma independente e anónima e tinha como objetivo averiguar a opinião dos escuteiros do CNE relativamente à presença de elementos da comunidade LGBT dentro do movimento. Foi partilhado via Facebook, num grupo que reúne diversos escuteiros e dirigentes a nível nacional, tendo obtido um total de 1511 respostas (Ver Anexo 1, p.225). O que os dados reunidos permitiram perceber é que notória a existência de uma percentagem considerável de escuteiros (38,3 %) que considera que a comunidade LGBTQI+ não se sente totalmente integrada no movimento. É também verificável que uma vasta maioria de escuteiros não vê qualquer problema na aceitação da mesma no CNE

(78,7%), sendo também preocupante o facto de quase um quarto dos participantes (21,2 %) afirmar ter assistido a atos discriminatórios a pessoas LGBT por parte de escuteiros ou agrupamentos.

De modo a poder enquadrar o projeto que aqui se encontra, recorri ao livro *Speculative Everything, design fiction and social dreaming* de Anthony Dunne e Fiona Raby (2013). Nesta obra os autores propõem o uso do design como ferramenta especulativa, criando um espaço favorável à discussão de alternativas à realidade, com o objetivo de cultivar o uso livre da imaginação. Desde modo, os autores almejam que as especulações geradas pelo design funcionem como alavanca a novas formas de nos relacionarmos com a realidade.

“ *This form of design thrives on imagination and aims to open up new perspectives on what are sometimes called wicked problems, to create spaces for discussion and debate about alternative ways of being, and to inspire and encourage people’s imaginations to flow freely. Design speculations can act as a catalyst for collectively redefining our relationship to reality (Dunne e Raby, 2013, p. 2).*

O projeto aqui apresentado tem como objetivo apresentar uma realidade onde uma associação escotista de cariz especulativo trabalha ativamente na inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ no seu método educativo. Esta realidade tem como propósito servir de catalisador de uma reflexão sobre como esta temática poderia ser ativamente incluída no movimento escotista, sendo que a Organização Mundial do Movimento Escotista (WOSM) já promove a educação para a inclusão e a diversidade LGBTQI+ no movimento.

“ By promoting human rights and a culture of peace, Scouting can act as a space where children and young people all over the world are empowered to embrace justice, equality, and respect through equal opportunity and dignity without discrimination. On the international stage, sexual orientation as a source of discrimination based on the grounds of sex, has led to the inclusion of rights of LGBT people within the family of human rights (Scouts, Creating a Better World, 2018, p.16).

A especulação que proponho tem assim como base o espaço existente entre o que vivenciei no CNE e o posicionamento da WOSM relativamente à inclusão e diversidade da comunidade LGBT no movimento escotista, sendo o método proposto por Anthony Dunne e Fiona Raby (2013) a cola entre estas duas realidades. O projeto desenvolvido teve como base dois sistemas educativos do CNE, o Sistema de Competências e Especialidades (o mais antigo) e o Sistema de Especialidades (o atual). O que proponho na componente prática é o imaginar de uma associação escotista que trabalhe ativamente as propostas feitas pela WOSM relativamente à inclusão da comunidade LGBT no movimento. Esta realidade é materializada através da criação de um sistema de insígnias que trabalha diversas temáticas da comunidade LGBTQI+. Este sistema é constituído por sete insígnias, seis *insígnias de competência* e uma *insígnia de mérito*, que apenas é adquirida após a aquisição das seis anteriores. As insígnias de competência dividem-se nas seguintes temáticas: *Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo*, *Escoteire inclusivo da diversidade LGBTQI+*, *Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+*, *Tipos de atração*, *Igualdade de género* e *Expressão de género*.

A componente teórica divide-se em duas partes, a primeira parte é constituída por três capítulos, foca-se num breve contexto histórico e enquadra a questão de investigação, a saber, *Como pode o es-*

cotismo incluir a temática LGBTQI+?. O primeiro capítulo inicia-se com uma introdução ao aparecimento do escotismo e do guidismo de forma geral e, de seguida, tendo como foco o aparecimento do escotismo em Portugal, para, por último, centrar-se no CNE (Corpo Nacional de Escutas), onde é sucintamente explicado método educativo e valores defendidos por esta associação escutista, finalizando com a apresentação dos dois sistemas de competências que referi no parágrafo acima. De seguida, introduzo o conceito de *artefato gráfico* a partir de Drucker (2009), concluindo com a descrição do artefato que pretendo desenvolver. Após a sua introdução torna-se necessário analisá-lo, é neste sentido que recorro à téttrade de McLuhan (1988) para proceder à análise do artefato aqui desenvolvido, a insígnia.

O segundo capítulo consiste numa relação entre as temáticas inclusivas e o design gráfico, começando por referenciar o livro de bell hooks, *Feminism is for everybody* (2000), onde a autora afirma que existe uma percepção errada do que realmente consiste o feminismo. De seguida é apresentada a ideia de feminismo defendida por Ellen Lupton et al. em *extra bold a feminist inclusive anti-racist nonbinary field guide for graphic designers* (2021). É depois referenciado o trabalho de Karen Keifer-Boyd, *Visual Culture and Gender Constructions* (2010), onde a autora apresenta uma análise relativa à forma como o género é percebido. Termina-se com Ellen Lupton et al. em *extra bold* (2021) que enunciam o conceito de matriz de género através das palavras de Judith Butler, a autora da famosa obra *Gender Trouble* (1990). Numa segunda parte é referido o conceito de *design justice* defendido por Costanza-Chock e Anne-Marie em *Design Justice* (2020) e posteriormente são introduzidos os conceitos de interseccionalidade, por Jennifer Tobias, *extra bold* (2021) e matriz dominante, por Patricia Hill Collins *Black Feminist Thought in the Matrix of Domination* (1990). Este capítulo é concluído, com recurso ao livro *Queer X Design 50 years of Signs, Symbols, Banners, Logos, and Graphic Art of LGBTQ* de Andy Campbell (2019), e é apresentada uma síntese de momentos importantes na história e no design da comunidade LGBTQI+.

O terceiro capítulo, apresenta os casos estudo que serviram de inspiração à criação do projeto. Iniciei com uma recolha dos materiais relativos à temática da inclusão e diversidade desenvolvidos por quatro associações escotistas, Associação Escotista Portuguesa (AEP), os *Boys Scouts of America* (BSA) e a organização *Scouts for Equality*, os Escoteiros do Brasil e a Equipa Diversidades, os *Scouts* (Reino Unido) e a FLAGS, uma unidade de suporte a escoteiros. Seguidamente apresento alguns códigos que aprendi durante o meu percurso no CNE, que me ajudaram na criação do código e linguagem gráfica presentes no sistema de insígnias que aqui proponho. E por fim apresento dois projetos que partilham o mesmo objetivo que o trabalho aqui desenvolvido, a *Human Rights Campaign*, que trabalha em prol de um mundo igualitário e mais justo para as pessoas da comunidade LGBTQI+ e o trabalho promovido pela Hues - um coletivo de artistas, educadores e ativistas pela justiça global da comunidade LGBTQI+ - e criado por Sam Killermann (2011).

A segunda parte consiste no processo e desenvolvimento do projeto. Começo por introduzir os objetivos que pretendo alcançar, que se alinham com os objetivos da WOSM, a qual propõe às diversas associações escotistas a nível mundial a promoção da paz e dos direitos humanos, tendo mesmo referenciado no seu documento, *Peace and Human Rights education in Scouting* (2018), a importância de incluir a comunidade LGBTQI+, passo a citar:

“ Scouting can act as a space where children and young people all over the world are empowered to embrace justice, equality, and respect through equal opportunity and dignity without discrimination. On the international stage, sexual orientation as a source of discrimination based on the grounds of sex, has led to the inclusion of rights of LGBT people within the family of human rights (World Organization of Scout Movement, 2018, p. 16).

Portanto este projeto, com a ajuda do *design especulativo* e *design justice*, teve como objetivo gerar um conjunto de ferramentas educativas que promovam a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ no escotismo.

Para gerar a metodologia que me orientou durante todo o processo recorri a duas metodologias já existentes que posteriormente comparei e de onde retirei os pontos em comum e acrescentei pontos díspares de modo a enriquecer a metodologia que aqui proponho. As metodologias utilizadas foram as propostas por Sacha Costanza-Chock em *Design Justice, Community-Led Practises to build the Worlds We Need* (2020) e por Tim Brown em *Change by Design, How Design Thinking Transforms Organizations and Inspires Innovation* (2009).

Assim como Sacha Costanza-Chock, que se apresenta como *nonbinary femme*, passou por um episódio onde se sentiu limitada pelos atuais sistemas binários sobre os quais grande parte da nossa sociedade ainda se rege, com este projeto tenho como objetivo chamar a atenção para a existência de pessoas que não se encaixam nestes sistemas e que são afetadas por métodos criados para as maiorias. Por um lado, esta autora presenciou um episódio em que sentiu que não se encaixava nas opções que lhe eram dispostas, fazendo dessa experiência um modo de reflexão sobre o design necessário no mundo actual; por outro lado, o questionário *LGBT e o Escutismo* identifica a

análise de um problema de representatividade presente no CNE. Deste modo o que me propus aqui a desenvolver é, com recurso aos valores defendidos por *Design Justice* (2020), criar um sistema dentro do movimento escotista que permita aos jovens serem educados para a inclusão e diversidade LGBTQI+ dentro do escotismo. Terminei esta introdução com as palavras de Sacha Costanza-Chock e o relato na primeira pessoa, assumindo-o como uma inspiração para a proposta que aqui trago.

“ *The point of this story is to provide a small but concrete example from my own daily lived experience of how larger systems — including norms, values, and assumptions — are encoded in and reproduced through the design of sociotechnical systems, or in political theorist Langdon Winner’s famous words, how “artifacts have politics.” In this case, cis-normativity is enforced at multiple levels of a traveler’s interaction with airport security systems. The database, models, and algorithms that assess deviance and risk are all binary and cis-normative. The male/female gender selector UI is binary and cis-normative. The assignment of a male or female TSA agent to perform the additional, more invasive search is cis-normative and binary-gender normative as well. At each stage of this interaction, airport security technology, databases, algorithms, risk assessment, and practices are all designed based on the assumption that there are only two genders, and that gender presentation will conform with so-called biological sex. Anyone whose body doesn’t fall within an acceptable range of “deviance” from a normative binary body type is flagged as risky (Costanza-Chock, 2020, p. 4).*

1.0

O escotismo e a insígnia

Neste primeiro capítulo irei centrar-me na insígnia, o elemento base do projeto aqui desenvolvido, enquadrando-a no movimento escotista de forma a poder entender a relação entre ambos. O capítulo inicia assim com uma breve introdução à prática escotista que se subdivide em três partes: em primeiro lugar é apresentado o surgimento do escotismo e do guidismo realçando a forma como, na sua génese, o movimento assentava já numa divisão de género a partir de concepções binárias e de representação social do que seria apropriado para o género masculino e feminino. Na segunda parte, reflito sobre a adoção da insígnia por parte do movimento escotista de forma a procurar entender o seu propósito enquanto artefato gráfico utilizado pelo movimento. De seguida é feita uma breve introdução ao método educacional proposto pelo Corpo Nacional de Escutas – a minha comunidade de estudo – e aos seus sistemas de competências e especialidades, por ordem cronológica. São estes sistemas de insígnias que serviram de inspiração à criação do projeto aqui apresentado.

Para finalizar, é realizada uma reflexão sobre a insígnia enquanto objeto classificatório de identificação, através da análise metodológica proposta por McLuhan (1988) a partir da noção de tétrede. Aqui a insígnia é tida em conta relativamente à sua identidade enquanto objeto e às suas possibilidades de aperfeiçoamento, a sua interação com o usuário, as influências que levaram à sua criação - o seu background-, o que, com o seu aparecimento, se pode tornar obsoleto, como vai afetar os artefatos já existentes e, por fim, as consequências que o uso extremo deste artefato pode gerar.

1.1 | Surgimento do movimento escotista.

A criação do escotismo está intrinsecamente ligada ao seu fundador Robert Baden-Powel que assume, até aos dias de hoje, um lugar de destaque pelo seu pioneirismo. A sua vida tem sido alvo de vários relatos biográficos, veja-se por exemplo a famosa biografia de Tim Jeal (1990) *The boy-man: the life of Lord Baden-Powell* e, mais recentemente, escrutinada em várias dimensões contraditórias³. Robert Stephenson Smyth Baden-Powel (B.P.) nasceu em Londres, Inglaterra, a 22 de fevereiro de 1857. Após o término da escola, 22 de fevereiro de 1876 ingressou no exército britânico onde desenvolveu capacidades de exploração, cartografia e reconhecimento. A 22 de fevereiro de 1900, ficou conhecido pela sua liderança no cerco de Mafeking, durante a guerra dos Bôeres, foi declarado herói nacional e promovido ao cargo de general pela Rainha Vitória. Ao regressar a Inglaterra constatou que o manual, *Aids for Scouting*, sobre técnicas de observação, *tracking* e trabalho em madeira, que escrevera para o exército britânico um ano antes, estava a ser usado como ferramenta auxiliar à educação dos jovens por todo o país.

³Baden Powell recentemente tornou-se numa figura controversa, pois foi acusado de ser racista, criticado por atitudes homofóbicas e, em 2010, por terem sido descobertos documentos que revelaram que havia sido convidado a conhecer Hitler pessoalmente. Há ainda uma discussão sobre a sua identidade sexual. Existem também pessoas que defendem que, assim como atualmente criticamos o seu ponto de vista, é preciso ter em conta a época que moldou a visão de B.P., sendo injusto julgá-lo apenas segundo o pensamento atual. Embora algumas destas discussões tenham relevância para as dimensões abordadas neste trabalho, consideramos não ser o lugar para discutir aprofundadamente estas contradições e controvérsias biográficas. Consideramos, tal como defendido no artigo da publicação *The New York Times* intitulado “Rainbow Merit Badge” (2012) da autoria de Brooke Allen que “Still, Baden-Powell’s life is a poignant story that should be known. This man who gave so much to so many suffered from the forces of repression and taboo. It is unfortunate that the American branch of the movement he founded should perpetuate them.”. Ou seja, face a esta questão, este trabalho assume-se como uma contribuição para a luta contra a discriminação e o tabu entre as práticas escotistas. Resumimos aqui a biografia de Baden-Powell aos fatos estritamente essenciais para perceber a fundação do movimento de um ponto de vista institucional e seguimos a versão apresentada pela WOSM.

“ (...) em 1907, (...). As suas preocupações prendiam-se com jovens ingleses sem futuro; era preciso fazer alguma coisa por eles. (...) traçou as linhas mestras do plano que o levou a realizar um acampamento experimental com duas dezenas de rapazes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, (...) encontravam-se na ilha de Brownsea, na baía de Poole, para um acampamento de dez dias. (Reis, 2007, p. 59)

Como teste, nesse mesmo ano, realizou um acampamento de verão e levou consigo vinte jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, para a Ilha de Brownsea, no Canal Inglês. Com a duração de dez dias, os jovens foram divididos em quatro patrulhas – Lobo, Corvo, Maçarico e Touro – que testaram o método baseado em vivências e atividades que o fundador havia realizado ao longo da sua vida (Reis, 2007). O acampamento teve tanto sucesso que B.P., no início de 1908, publicou, dividido em seis fascículos quinzenais, ilustrados por ele mesmo, o manual *Escutismo para Rapazes*, sem ter noção que este viria a desencadear o movimento à escala global. Após a venda de mais de 110 mil exemplares começaram a surgir as primeiras patrulhas e grupos escotistas, não somente na Inglaterra, mas por diversos países.



Figura 1| Uniforme escotista, ilustração *Scouting for boys* (1908).



Figura 2| Uniforme escotista, ilustração *Escutismo para rapazes* (1977).

“ *Scouting for Boys* was published the following year in six fortnightly parts and proved more successful than anyone expected. Boys followed B-P's suggestions and formed themselves into Scout Patrols to try out the book's ideas. There were so many enquiries about scouting that B-P set up an office to deal with all the requests. What had been intended as a training guide for existing youth organizations became the handbook of a new Movement; one that would eventually spread across the globe. *Scouting for Boys* has since been translated into all the world's major languages (Scouts n.d.).

Sarah Mills (2011), no seu artigo, *Scouting for Girls? Gender and the Scout Movement in Britain* (2011), sustenta que o Escotismo para rapazes também atraiu muitas raparigas que adotaram este livro e começaram a organizar-se em pequenas patrulhas, ou até mesmo a misturar-se com as masculinas, gerando patrulhas mistas. Criaram os próprios uniformes, que incluíam camisas escotistas costuradas à mão como é o exemplo da Miss Elsie Lee (Fig. 3), descrita por ser *the first girl scout in Newcastle – Upon – Tyne* (Mills, 2011, p. 543).



Figura 3|Elsie Lee, a primeira girl scout de Newcastle upon Tyne (1908).

As *Girl Scouts* como a Elsie passaram despercebidas nos meses iniciais da formação do escotismo já que o movimento à época funcionava através de patrulhas espalhadas pelas diversas cidades, sem qualquer controle a nível central. Graças a isto tornou-se possível para *Girl Scouts* encontrarem forma de conseguirem adquirir o documento que comprovava a sua presença nos *Scouts*. Mills (2011) descreve que um cartão de inscrição dos *Boy Scouts* foi encontrado na posse de uma rapariga de nove anos que o tinha riscado e adaptado à sua pessoa, passo a citar: “*This official Boy Scout enrolment card had either been ordered by, or come into the possession of, nine year old Phyllis Hasker who then crossed out the printed word ‘Boy’ that precedes ‘Scout’ and replaced it with ‘Girl’ on two occasions.*” (Fig. 4) (Mills, 2011, p. 16). De seguida, Sarah Mills (2011), afirma que o ato de riscar e alterar este documento para o encaixar no escotismo feminino representa a forma como o escotismo foi praticado fora da supervisão dos adultos e dos espaços educacionais, podendo ser visto, não apenas como um ato de apropriação, mas também, a demonstração de um sentido de pertença que o escotismo incitou, tanto em rapazes como em raparigas.

Em finais de 1909, o escotismo no Reino Unido tinha atingido o patamar de 100 mil rapazes e dirigentes voluntários. Inesperadamente, nesse mesmo ano, mais de 6000 raparigas tinham-se registado como escoteiras, comparecendo meses depois, em setembro, na primeira grande reunião do movimento escotista, onde se reuniram mais de 10000 rapazes e um pequeno número de raparigas adornadas com os seus uniformes emprestados ou caseiros.

SHEEP SHANK
ENROLMENT CARD

GIRL
THE BOY SCOUTS.

Name... *Phyllis Marion Hasker*
Age... *9 years*
Place... *Newark on Trent*
Patrol... *The Shark* Troop.....
Date of Birth... *Jan 1st 1900* .. DATE ..
Joined the ~~Boy~~ *Girl* Scouts... *Jan 23rd 1909* ..
Promoted and class Scout
Promoted 1st class Scout
Promoted to Corporal
Promoted to Scout Master
Badge of Honour
aillo
Badge for Gallantry
Medal for Gallantry

CATSPAW BOWLINE BIGHT

Figura 4| Cartão de inscrição, 1909.

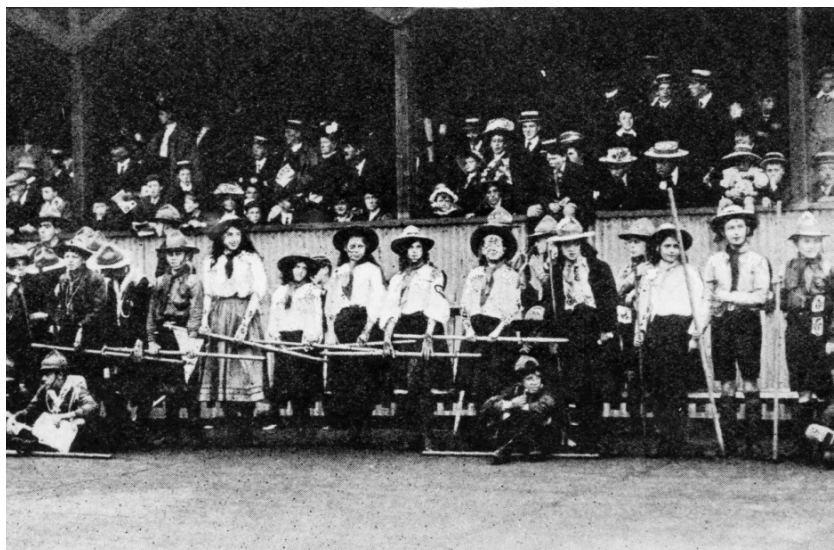


Figura 5 | Reunião dos Boy Scouts em Crystal Palace, 2 de setembro de 1909.

Apesar de Baden-Powell ter afirmado que poderia ser proveitoso para o escotismo aceitar as raparigas, a sociedade da época não concordava com esta posição, sendo que a presença do sexo feminino no escotismo era vista como uma ameaça ao propósito unissexual do movimento (Mills, 2011). Tendo sido negada oficialmente a presença das raparigas através da regulamentação de procedimentos de registo, muitas delas tentaram ingressar usando apenas as iniciais dos seus nomes ou o nome dos irmãos, permitindo que muitas destas passassem despercebidas às autoridades. Estas raparigas estavam abertamente a desafiar o que era ser escoteiro, indo em desentendimento ao propósito pelo qual o Escotismo havia sido criado e exigindo o acesso oficializado aos espaços institucionais oficiais do movimento (Mills, 2011). A opinião pública dividiu-se e, B.P. recorre à ajuda da sua irmã Agnes e cria o Manual das Guias *Hand – book for Guides* (figura 6), publicado em 1912, onde sugere uma vivência do escotismo adaptado ao sexo feminino, as *Girl Guides*. Esta nova metodologia era descrita como uma “irmã” do Escotismo e caracterizada como

um ramo do movimento escotista (Mills, 2011). O nome *Girl Guides* teve origem num famoso corpo de soldados situados a nordeste da Índia, conhecidos como as Guides, nome adquirido por terem assumido a liderança na travessia de terrenos perigosos.

Segundo o trabalho de pesquisa de Sarah Mills (2011), as *Girl Guides* surgiram, assim como o escotismo, em resposta ao ideal do *the British way of life* (Mills, 2011, p.539). Tal como afirma Mills (2011), o movimento escotista foi fundado e orientado numa concepção idealizada de masculinidade, tendo como propósito criar um espaço e as condições para os diversos homens e rapazes gerarem uma comunidade orientada para ideias patriotas, patriarcas e imperialistas. No entanto, isto aconteceu paralelamente à ascensão dos direitos das mulheres e aos movimentos sufragistas, que iam em desentendimento às ideologias de género britânicas bastante presentes no início do século XX (Mills, 2011).

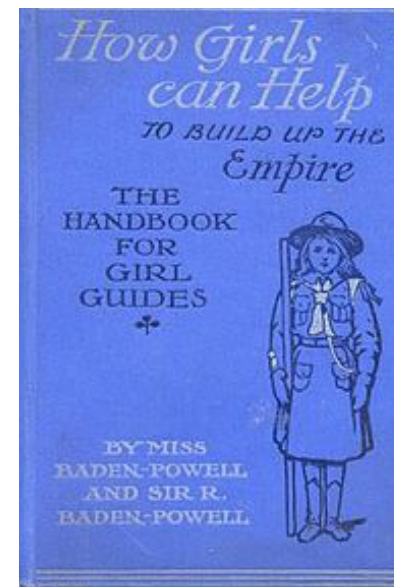


Figura 6 | The Handbook for Girl Guides, 1ª Edição, 1912.

A terminologia *Guide*, foi pensada como reforço de feminino e remetendo para o serviço aos outros, apesar de estes também serem valores associados a *Scout*, que por sua vez, sugere atividades masculinas de exploração e aventura. O programa educativo das Guias (*Girl Guides*) focou-se no desenvolvimento do propósito individual de uma Guia como parte de um coletivo mais abrangente, tanto a nível nacional como mundial. A proposta adaptada ao sexo feminino surgiu no reforço do que era esperado do género feminino na sociedade da época, sendo o método educativo deste novo ramo focado em ensinar às raparigas as virtudes “femininas”, enquanto aos rapazes as “masculinas”, distanciando assim as raparigas da imagem de “maria – rapaz” (Mills, 2011). Em 1918, quando a mulher de Baden – Powell se tornou Chefe das Guias, a irmã de B.P., Agnes Baden- Powell, afirmou no *Girl Guides: Note, Scout Association Archive* (1910):

“ *This organisation, although on parallel lines with that of the Boy Scouts, is different in its aims and details. Whereas the teaching of the Boy Scouts develops manliness, that of Girl Guides makes for womanliness, in both cases by means which appeal to the young people themselves.* (Mills, 2011, p. 546).

O programa proposto às Guias consistia no desenvolver do seu papel como mulher, esposa e mãe, a imagem feminina que tinha como propósito ajudar os homens da nação. As atividades das Guias consistiam em tarefas de auxílio às atividades dos Escoteiros como passar a ferro ou tratar da roupa e foram criadas insígnias de cozinheira, florista e costureira que reforçavam o papel atribuído às mulheres da altura (Mills, 2011).

Enquanto a maioria das raparigas acabou por aderir a este novo movimento, muitas tentaram a sua autonomia e identidade enquanto *Girl Scouts*. Quando foi dito a estas raparigas que, em vez de serem *Scouts* seriam *Guides*, muitas delas começaram a resistir a esta imposição na sua identidade, oferecendo resistência à abordagem estereotipada e binária do movimento. Mantiveram os seus uniformes antigos e renunciaram a ter de trocar o nome animal das suas patrulhas por nomes de pássaros, flores ou plantas. Questionando-se se o papel que lhes era atribuído pela sociedade da época, através do método proposto pelas Guias, sugeria que as mulheres só poderiam ser cidadãs úteis à sociedade como mães e esposas (Mills, 2011).

Em 1913, num acampamento em Birmingham, Inglaterra, onde se encontravam escoteiros de diversos pontos do mundo, B.P., apresentou algumas novidades do seu método relativas aos escalões etários e aos diversos níveis de exigência apresentados aos jovens ao longo do seu percurso no escotismo. Foi no desenvolvimento destas novas ideias que posteriormente surgiu o Lobitismo, em 1916, acompanhado com a publicação de um manual *The Wolf Cub's Handbook* (Manual do Lobito), Fig.7, e para os rapazes mais velhos, 16 anos, foram criados os Caminheiros (*Rovers*), Fig. 8, reforçados por um ensaio pedagógico chamado *Rovering to Success* (A caminho do Triunfo), atribuindo ao método escotista uma abrangência integral na educação dos seus jovens (Mills, 2011).

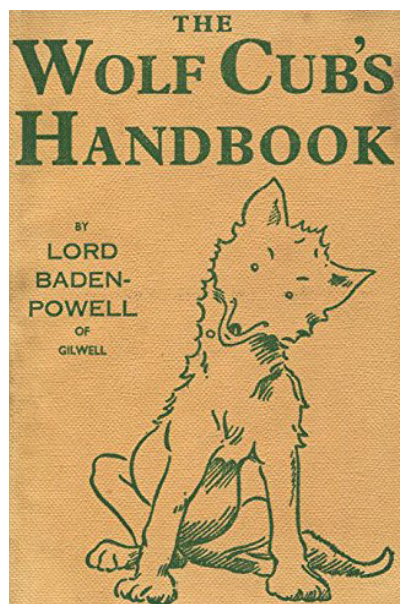


Figura 7| *The Wolf Cub's Handbook*, Baden Powell, 1975.

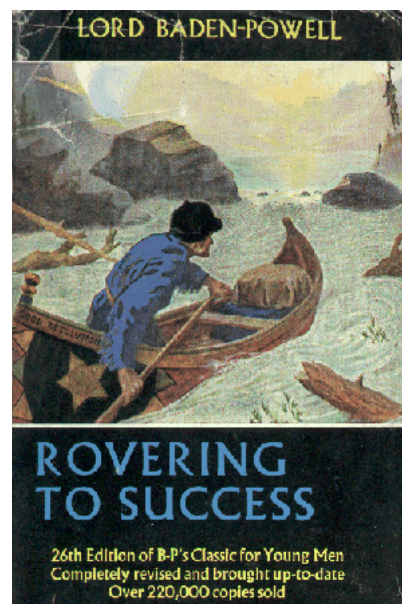


Figura 8| *Rovering to the Success – A guide for Young Manhood*, Baden Powell, 24ª Edição, janeiro de 1959.

Em Londres, 1920, deu-se o I *Jambori*⁴ mundial, o segundo grande encontro internacional de escoteiros, mas desta vez oficialmente denominado *Jambori*, realizou-se entre os dias 30 de junho e 8 de agosto onde marcaram presença escoteiros de 21 países e 12 independências britânicas. Na noite de dia 6 de agosto, B.P. foi proclamado Escoteiro Chefe Mundial.

O período após as duas Grandes Guerras Mundiais foi novamente marcado pela presença feminina no movimento escotista, o movimento estava mais focado na perda dos dirigentes masculinos do que na expansão do escotismo. Foi nesta altura que tornou-se perceptível o crescimento do movimento das *Guides*. Referenciando a data de 1975, Mills (2011) expõe no seu artigo o caso de Susan Shield, uma rapariga de catorze anos que se juntou ao *64th Newcastle Scout Group*, sendo a primeira *Girl Scout* do mesmo. A história desta rapariga rapidamente entrou em conflito com o papel que, na altura, era atribuído à mulher, para além de dada construção normativa de como um escoteiro deveria ser, Mills (2011) afirma que Susan defendia salários iguais para ambos os sexos e publicou na imprensa, passou a citar, “*I agree with Women's Lib...I think they should have equal money if they do the same job*” (Mills, 2011, p.22). As visões de Susan tiveram uma clara influência na segunda onda feminista, ela rejeitava o *Guiding*, defendendo que a terminologia *Scout* deveria poder se adotada em todos os espaços informais das organizações juvenis. (Mills, 2011). A resposta dos oficiais do movimento a esta afirmação foi que as raparigas, categoricamente, não poderiam ser *scouts*, devendo abandonar o movimento e tornarem-se *guides*.

⁴World Scout Jamboree, ou Jambori em português, é o maior evento regular e organizado pelo Movimento Escotista Mundial, atualmente albergando 40000 pessoas de todo o mundo. Este evento, para além de educacional, almeja promover a paz e a compreensão. (World Scouting, n.d.)

No entanto, em 1976, a Associação escotista abriu portas a raparigas entre os 15 e os 20 anos, permitindo o acesso apenas à seção mais velha, e foram feitas algumas alterações no fardamento e no material e programa educativo. Feita esta cedência nos anos que se seguiram foram enviadas cartas ao quartéis gerais de raparigas mais novas que também queriam pertencer ao movimento, como é o exemplo desta carta, Fig. 9, de 1986. Muitas outras cartas como esta foram enviadas, obrigando o movimento a repensar mais uma vez a presença feminina no escotismo, tendo em fevereiro de 1990 sido dada a opção aos grupos escotistas por todo o Reino Unido de decidir se começariam a aceitar raparigas a partir dos seis anos. Esta decisão resultou em ambas as associações – *Scouting e Guiding* – a afirmar que isto iria alterar a imagem de como um escoteiro deveria ser representado, originando um clima debate e fricção entre elas (Mills, 2011).

Foi então que em 2007, se tornou obrigatório que todos os grupos escotistas, do Reino Unido, aceitassem raparigas em todas as suas secções, sobrepondo-se ao carácter opcional aplicado em 1990. Esta decisão permitiu uma mudança na construção de género proposta pelo movimento que inicialmente se focava em ideais imperialistas e posteriormente adotou uma filosofia que visava a cidadania a nível internacional e global (Mills, 2011).

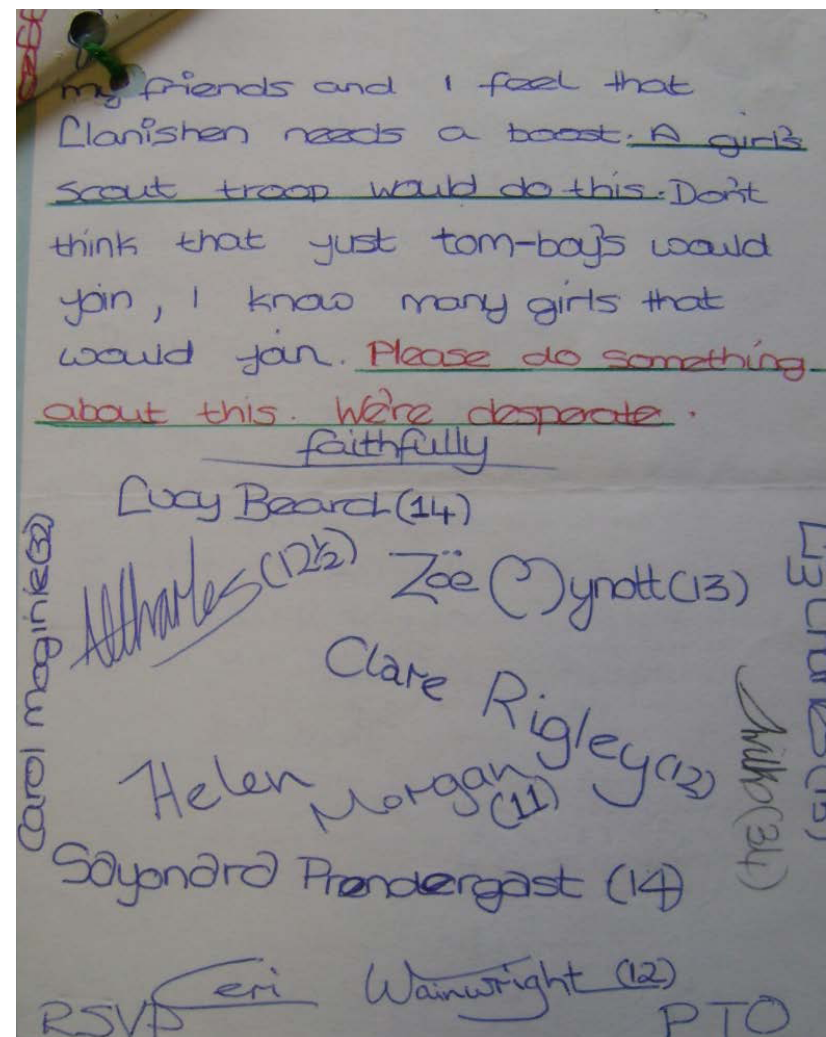


Figura 9| Carta enviada pelas Llanishen girls, 1986.

Surgimento do escotismo em Portugal

Em 1911 surgiu a proposta educacional de Baden-Powell e em abril do ano seguinte, dá-se a aparição do primeiro grupo escotista em Lisboa. Após a criação do terceiro grupo, com tendência a aumentar, sentiu-se a necessidade de os conectar entre si, surgindo então a AEP - Associação Escotista Portuguesa - fundada a 6 de setembro de 1913, tendo tido os seus regulamentos aprovados quatro anos depois, a 1917.

No mês seguinte surgiu, no Porto, a União dos Aduelros de Portugal (UAP), uma associação de cariz escotista que teve uma grande força a norte do país e que oficializou também os seus estatutos, em 1919.

“ Cada grupo tinha divisões que congregavam até cinco patrulhas, compostas por seis a nove rapazes. A sua progressão iniciava-se na fase de aspirantado e, após compromisso de honra, podia um jovem ser escoteiro de 3ª, 2ª ou 1ª classe, tendo como etapa de excelência última a categoria de Escoteiro da Pátria (Vicente, 2004 p.223).

Com inspiração nos escoteiros católicos de Itália, o arcebispo de Braga incentivou Avelino Alves a investir na fundação do movimento em Portugal. De seguida, a 24 de maio de 1923, reuniram-se em Braga os colaboradores da criação do movimento e começou-se a projetar o que hoje é atualmente o Corpo Nacional de Escutas. (Reis, 2007). A 27 de maio de 1923, surge em Braga, com o apoio do Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, o Escutismo Católico Português, que segundo o artigo desenvolvido por Ana Cláudia S. D. Vicente (2004), nasceram com o propósito de consistir num grupo de escuteiros de uma só convicção religiosa. No ano da sua criação foi acusado de ser perigoso para o regime devido ao seu cariz católico e militar. Após um ano e meio o movimento teve os seus estatutos

aprovados e descritos da seguinte forma: *é criado em Portugal o Corpo Nacional de Scouts com o fim de promover a educação física, intelectual e moral da juventude, segundo o método do General Robert Baden Powell* (Reis, 2007, p. 94).⁵

No começo da década de trinta, com a crise económica e social e com o surgimento de Oliveira Salazar que despoletou a transição de um regime de ditadura militar para a ditadura do Estado Novo, foram extintos de muitos movimentos, UAP inclusive, que teve os seus afiliados ingressaram nas restantes instituições, AEP e CNS (Reis, 2007).

Em 1933 surge uma associação escotista feminina, embora a presença do escotismo feminino em Portugal não fosse novidade, pois a adesão do sexo feminino já remonta às *Girl Guides* do colégio Inglês de Carcavelos, orientado pelos estatutos ingleses, assim como de uma Companhia originária do Funchal. A implementação oficial do escotismo feminino só se tornou possível com a criação da Associação Guias de Portugal (AGP), o Guidismo, a 11 de abril de 1934 os seus estatutos foram aprovados (Reis, 2007).

Em 1934, o CNS aprovou um novo regulamento onde decidiu mudar o nome para Corpo Nacional de Escutas, o atual CNE.

João Reis (2007), em *Corpo Nacional de Escutas - Uma História de Factos*, afirma que em clima de Estado Novo, Salazar tinha deixado claro que a educação dos jovens era um dever do próprio órgão Estatal, o regime tinha criado a sua própria organização de juventude, a Mocidade Portuguesa (MP), de caráter militarista e uma imitação iconográfica do fascismo. O CNE representava uma ameaça a muitas figuras do Estado Novo, pois enquanto existisse não era assegurado que todos os jovens

⁵ Para a pesquisa do surgimento do Escotismo em Portugal cruzei várias fontes (Reis, 2007; Vicente, 2004; Cunha, 2008), tendo concluído ser a mais completa a obra *Corpo Nacional de Escutas - Uma História de Factos* de João Reis (2007) publicada pelo CNE. Esta descrição é apenas uma síntese que tem como objetivo recolher os momentos da história do escotismo em Portugal que considero importantes para contextualizar e delinear o projeto prático que se apresenta.

obedeceriam aos “chefes da Pátria”, era necessário que estes fossem leais aos dirigentes da MP e não aos do CNE. (Reis, 2007)

Foi feita uma proposta, visando as boas relações entre a Igreja e o Estado, que sugeria o término do CNE e a transferência dos seus afiliados para a MP. Consequentemente, o CNE foi definitivamente dado por encerrado e a educação passou a ser totalmente controlada pelo Estado Novo. Porém a Igreja, por sua vez, também entrou em desacordo com o regime por este querer sobrepor-se aos seus órgãos religiosos na tentativa de dominar a educação juvenil da época, o que originou fortes pressões por parte do CNE e da Igreja que consequentemente salvaram também a AEP da sua extinção. (Reis 2007).

Em 1956 deu-se o ressurgimento das Guias, e o CNE apoiou a iniciativa ao começar a aceitar membros do sexo feminino, no entanto a entrada a escuteiros do sexo feminino ainda era não era permitida. Apesar de terem havido casos “clandestinos” de agrupamentos que praticassem o processo coeducacional⁶, não existia nenhuma cedência da Junta Central neste sentido. Tendo então sido fulcral o apoio ao ressurgimento das Guias em Portugal, que permitia assim ao movimento promover uma educação de modo mais abrangente e integral (Reis 2007).

A 19 de janeiro de 1972, resultou de uma reunião da Junta Central e do ministro do Ultramar, a proposta do CNE de adotar uma missão ao serviço do Estado. Foi dado à Junta Central o poder de visitar sem qualquer restrição Angola e Moçambique com a finalidade de se informar relativamente ao desenvolvimento do escutismo nestas regiões. O escutismo português ultramarino não era conhecido pela Organização Mundial do Movimento Escotista (OMME) nem pela Conferência Mundial do Escutismo Católico (CISC) e o motivo era precisamente o colonialismo português, que por sua

⁶ Segundo o dicionário priberam, coeducação consiste numa educação em comum com ambos os sexos.

vez já era criticado pelas assembleias – gerais da UNESCO.

Após dois anos dá-se o 25 de abril, que teve consequências na história do escutismo católico português. Portugal renuncia ao regime do Estado Novo e, através de uma revolução, instaura uma democracia. Foi nesta altura que o CNE decidiu investir numa remodelação e reestruturação dos seus serviços centrais. Acompanhando o processo de descolonização das ex-colónias portuguesas, começaram a surgir novas associações escutistas nos países africanos de língua oficial portuguesa, contando com o apoio do CNE em termos organizacionais, logísticos, materiais e a nível de formação de dirigentes. Atualmente existe a Comunidade de Escotismo Lusófono⁷ (CEL), constituída pelo Corpo Nacional de Escutas, a União dos Escoteiros do Brasil, Corpo Nacional de Escutas da Guiné-Bissau, Associação de Escuteiros de Cabo Verde, Associação de Escuteiros de Angola e Liga de Escuteiros de Moçambique (Reis, 2007).

O CNE, segundo os seus princípios, defendia uma associação que apostava na formação integral dos “jovens” e não dos “rapazes”, o que, implicitamente, abria portas à coeducação. Foi, portanto, deliberado que as raparigas a partir dos 6 anos de idade poderiam ingressar no movimento, inicialmente a título experimental e sendo as Juntas Regionais as responsáveis por decidir adotar ou não a coeducação nas suas áreas jurisdicionais (Reis 2007).

Em 1982 foi constituída a Federação Escotista de Portugal (FEP) que representava o escotismo português a nível internacional, visando sempre a completa autonomia de ambas as associações, CNE e AEP (Reis, 2007).

⁷ Em 1994 num encontro Mundial realizado em Marrocos entre as Associações Escotistas Nacionais, onde surgiu a ideia da criação de um convénio que albergasse todos os países lusófonos. No ano seguinte, 1995, durante o 18º Jamboree Mundial as Associações Escotistas Nacionais lusófonas assinaram a carta da CEL (Flor de lis, 2020).

1.2 | A insígnia como objeto classificatório e de identificação.

Após introduzir as origens do escotismo em Portugal passo a focar-me no objeto gráfico que pretendo desenvolver, a insígnia. De seguida é feita a contextualização do aparecimento da insígnia e o seu percurso até chegar ao escotismo. Tive como referência as associações escotista dos Estados Unidos da América (*Boy Scouts*) e a Associação escotista do Reino Unido (*Scouts*). Em ambos os casos, o aparecimento da insígnia remonta ao facto de originalmente serem usadas com a função identificatória nos exércitos de cada país.

De seguida é feita uma introdução ao funcionamento do Corpo Nacional de Escutas e são introduzidos dois sistemas de especialidades e competências utilizados por esta associação, que serviram de base para a criação do sistema de insígnias aqui apresentado.

Após a introdução em torno da origem de insígnia, apresento o conceito de artefato gráfico desenvolvido por Johanna Drucker (2009) que suportou o projeto gráfico desenvolvido. Torna-se então necessário entender como pode o artefato gerado consistir num objeto classificatório e de identificação. Para responder a esta questão recorri à téttrade de McLuhan (1998) que defende que a criação humana se manifesta em quatro dimensões essenciais, o aprimoramento, a recuperação, a obsolescência e a reversão. Por fim, este método é aplicado ao artefato gráfico aqui gerado.

Boys Scouts of America (BSC) Insígnias e distintivos no exército Americano

Segundo a obra *American Badges and insignia* de Evans E. Kerrigan (1967), existem diversas insígnias nas forças armadas dos Estados Unidos. Estas consistem num importante elemento identificador que permite a quem a observa perceber de imediato o serviço a que o seu portador pertence. As insígnias militares dividem-se por diversas classes: as que representam o heroísmo pessoal, são conhecidas como *decorations*, as que representam a participação do militar em campanhas são as medalhas.

A insígnia de classificação começou por ser atribuída à classe de oficiais e foi-se desenvolvendo de forma gradual. O uso de ombreiras representava o primeiro nível de classificação, os oficiais (Kerrigan, 1967).

Durante a Guerra Civil (1861 – 1865), os regimentos experientes da milícia, mais tarde conhecidos como a Guarda Nacional dos diversos estados, apresentavam uniformes de diferentes cores e feitios, tendo sido esta a razão pela qual estas unidades se tornaram conhecidas. Nesta guerra, os uniformes das forças armadas do Norte eram azuis enquanto os do Sul eram cinzentos. No entanto em cada um dos exércitos tornou-se necessário fazer a distinção das tarefas que cada elemento desempenhava, sendo que as cores dos efeitos e dos revestimentos dos uniformes variavam consoante a função do seu portador. O amarelo representava a cavalaria, o azul claro a infantaria, o vermelho a artilharia e por aí em diante. Nos dias de hoje estes identificadores ainda são utilizados (Kerrigan, 1967).

Durante a batalha no verão de 1962, um general oficial teve dificuldades em identificar os soldados que estavam ao seu comando. Esta confusão deu origem à criação de marcas diferenciadoras, conhecidas por emblemas de corpo ou “corp badges”. A adoção des-

tes distintivos revelou-se um forte elevador da moral devido a um elemento identitário da unidade, a lealdade e o orgulho partilhado pelos membros do grupo relativamente à organização da qual faziam parte tornaram-se um fator importante na liderança, disciplina e eficiência (Kerrigan, 1967).

Os emblemas de corpo começaram a ser oficialmente utilizados durante a guerra entre os Estados Unidos e Espanha em 1898. Após isso, surgiu a intenção de adaptar o uniforme da Guarda Nacional estatal de forma a estar em conformidade com o do exército regular, tendo ambos gradualmente acabado por adotar o mesmo uniforme. Os diferentes tipos de tropas eram distinguidos através do design dos seus botões ou pelo tipo de colarinho. Este método continuou a ser usado até à entrada dos Estados Unidos na I Guerra Mundial (1917 – 1918). Em junho de 1917 apareceu o primeiro *patch* de ombro, a partir daí os *patches* ficaram famosos dentro do exército por consistirem num novo método de identificação (Kerrigan, 1967).

O uniforme dos Boy Scouts e o exército americano

Num ensaio escrito por Jay Mechling *The Boy Scout uniform as a folk costume* (1987), o autor afirma que existe uma opinião generalizada e negativa entre os adultos relativamente ao uniforme dos *Boy Scouts* devido à sua associação às forças militares, pois este fora um século que experienciou o uso paramilitar de organizações de jovens, incluindo os *Boy Scouts*, assim como a existência de Hitler Youth. Em algumas sociedades ficou marcado o estigma de que pessoas jovens em uniformes defendiam valores antidemocráticos, autoritários e agressivos, valores que entravam tanto em choque com os princípios americanos. No seu ensaio Mechling (1987) afirma que:

“ A common adult response to Boy Scouts in uniform is negative, seeing in the uniform a paramilitary association of little value. This century's experience with the Hitler Youth, and with what is still explicitly a paramilitary use of youth organizations (including the Boy Scouts) in some societies, reinforces the impression that young people in uniforms stand for anti-democratic, authoritarian, aggressive values that betray both American principles and the innocent culture of the child. (Mechling, 1987, p. 319)

Segundo Mechling (1987) é possível que, de entre todas as formas de comunicação não-verbal, a roupa seja a que se assemelha mais à comunicação verbal. Dito isto, o autor questiona-se de que forma o uniforme escotista, e respetivos arranjos, se tornaram num código dramático disponível aos jovens adolescentes masculinos que invocam uma crença e criam emoções entre os seus companheiros. De seguida o autor faz uma breve descrição do significado do uniforme dos *Boy Scouts*. Este uniforme tem origens históricas e, consequentemente, obedece a regras formais, tanto na sua composição, como na forma de ser usado. A aparência e o uso do uniforme dos *Boy Scouts* remontam à data de origem do movimento escotista, 1910. O uniforme é provavelmente o elemento que mais relaciona os *Boy Scouts* com o exército, visto que o seu fundador, Baden-Powell, fundou o movimento escotista, em Inglaterra, a partir da sua própria experiência como militar (Mechling, 1987).

As chefias dos *Boy Scouts* começaram por criar uma ideologia em torno do uniforme do escoteiro que afirmava que o seu uso simboliza as virtudes do escoteiro. Desde cedo que o *Handbook for Boys* (a versão original do *Escutismo para Rapazes*) estabeleceu um conjunto de significados e de formas corretas de usar o uniforme, assim como apresentava regras específicas relativamente à disposição das insígnias e distintivos. Por exemplo, as insígnias comunitárias, faixas de conselho, numéricas e de secretário deveriam ser colocadas na parte

superior da manga esquerda, enquanto medalhões de patrulha na parte superior da manga direita. O bolso esquerdo estava reservado para os emblemas de classificação, estrelas de serviço e medalhas de honra, enquanto o bolso direito era destinado a insígnias temporárias. Os emblemas de mérito deveriam ser usados na parte inferior da manga direita de uma camisa de manga comprida (Mechling, 1987). O presente projeto pretende libertar-se desta abordagem rígida do uniforme, promovendo a inclusão e diversidade tornando o dispositivo de codificação do vestuário e respetiva aplicação das insígnias um espaço de liberdade e autonomia pessoal.

Scouts (Reino Unido)

Os escoteiros do Reino Unido e o exército inglês

Num artigo escrito por J. O. Springhall e publicado pela Cambridge University Press, *The Boy Scouts, Class and Militarism in Relation to British Youth Movements 1908-1930*. (1971) Springhall afirma que a primeira guerra mundial foi o culminar da visão que Baden-Powell tinha para o escotismo, tendo o movimento estado ao serviço do exército inglês, consistindo na *The youngest Line of Defence for the Empire* (Springhall, 1971, p.27).

A guerra de 1914 – 1918 deu oportunidade aos para-militares que estavam no controlo dos movimentos juvenis ingleses, de revelarem as suas verdadeiras intenções, após anos a omiti-las através do ensino religioso e woodcraft, tornando-se então perceptível que Baden-Powell, através do livro que havia publicado à época, o *Scout handbook* (1911), tinha estado a treinar os *Boy Scouts* para desempenharem um papel militar. A edição original deste livro, segundo Springhall (1971), estava repleta de incentivos à necessidade de treino militar como forma de evitar uma possível invasão. A maioria dos escoteiros mais velhos participaram na guerra como soldados, enquanto os restantes, os que eram considerados demasiado

jóvens para se poderem alistar, foram encorajados pelo movimento a participar como ajudantes a tarefas de assistência aos combatentes (Springhall, 1971).

Outra das estratégias de B.P. foi o uso dos escoteiros como organização paramilitar a qual intitulou de *Scouts Defense Corps* e lhes atribuiu o manual, *Marksmanship for Boys*, onde defendia a capacitação de uma força treinada de jovens rapazes que estivessem imediatamente disponíveis para defender o seu país caso os seus serviços fossem necessários durante a guerra. Segundo Springhall (1971), cerca de 7000 escoteiros abaixo dos dezassete anos de idade foram submetidos a um treino rigoroso com o objetivo de os tornar capazes de lutar e os escoteiros que conseguiram passar nos testes de recrutamento foram condecorados com uma pena vermelha. Em 1915, quando surgiu a possibilidade de baixar, caso a guerra continuasse, as idades e as alturas mínimas para entrar no exército, os chefes escotistas foram aconselhados a enviar estes rapazes para a frente da batalha como reforços. Dos 150.000 ex – escoteiros que serviram as forças armadas britânicas, 10.000 foram mortos em ação, 80.000 foram condecorados com distintivos de serviço de guerra e 25.000 com distintivos de vigias costeiras (Springhall, 1971).

O escotismo português e o exército

Os primórdios do escotismo em Portugal, como foi anteriormente referido, demonstraram, em parte, ter relações com o exército já que, segundo Ana Vicente em (2004), o aparecimento da União dos Adueros de Portugal (UAP) se deveu a um militar, o Capitão Artur Barros Basto. Vicente (2004) descreve que esta associação foi criada porque Barros Basto entrou em desacordo com a Associação de Escoteiros de Portugal (AEP), sendo que esta criticava a UAP por abertamente se afirmar como uma associação que defendia a coabitação entre a instrução militar e o aduarismo (a palavra escotismo adaptada à terminologia Aduero). A UAP apoiava o bom patriotismo, cursos de carreira de tiro e ainda, em abril de 1916, serviços ao Ministro da Guerra (Vicente, 2004).

Corpo Nacional de Escutas (CNE)

Funcionamento

O Corpo Nacional de Escutas atualmente consiste numa associação de cariz católico que promove um método educativo integral a ambos os sexos, tendo como base o voluntariado. O CNE é parte integrante da Organização Mundial do Movimento Escotista (OMME ou WOSM) proporcionando um desenvolvimento dos jovens relativamente às suas “possibilidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais, como pessoas, cristãos e cidadãos responsáveis e membros das comunidades em que se inserem” (Reis, 2007, p.19).

O CNE, em conformidade com a Organização Mundial, com a religião que professa e o país em que se insere, defende três princípios, que passo a citar:

“

1º - O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida.

2º - O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão.

3º - O dever do Escuta começa em casa. (Reis, 2007, p.20)

Os membros do CNE, ao aderir ao movimento, comprometem-se ainda para com a Lei e a Promessa do Escuta. Citando a Lei:

“

1 - A Honra do Escuta inspira confiança.

2 - O Escuta é Leal.

3 - O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa ação.

4 - O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.

5 - O Escuta é delicado e respeitador.

6 - O Escuta protege as plantas e os animais.

7 - O Escuta é obediente.

8 - O Escuta tem sempre boa disposição de espírito.

9 - O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio.

10 - O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas ações. (Reis, 2007, p.20)

Citando a promessa:

“ *Prometo pela minha honra e com a graça de Deus, fazer todo o possível por: cumprir os meus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria; auxiliar os meus semelhantes em todas as circunstâncias; obedecer à Lei do Escuta*”.

Para os dirigentes é ainda acrescentado:

“ *... desempenhar o melhor que puder as obrigações da missão que me é confiada*” (Reis, 2007, p.20).

O método escutista defende o ideal do aprender fazendo, defendendo uma educação de cariz não – formal onde o jovem adquire competências e conhecimentos através da experimentação, com os seus interesses e a sua vivência diária (Reis, 2007).

Método educacional escutista

O método educativo do CNE defende um processo que se foque na aprendizagem através da vivência individual, no relacionamento e entendimento em equipa, respeitando sempre o próximo. Promovendo valores pluralistas, de compreensão mútua, paz e justiça. Assenta ainda numa preocupação com o desenvolvimento de competências ocupacionais e de trabalho em equipa, visando uma melhoria do carácter individual de forma a agir autonomamente com o discernimento e a responsabilidade de tomar a decisão mais acertada (Reis, 2007).

A abordagem educativa do CNE inscreve-se dentro da educação não-formal e com o papel de complementar os outros agentes educativos. O projeto educativo do CNE desenvolve-se em cinco dimensões: física, intelectual, emocional, social e espiritual. Objetivando que o jovem, ao terminar a última seção, os Caminheiros, ingresse na vida adulta com as ferramentas necessárias para o fazer de forma construtiva e responsável e com a perceção que deverá continuar a trabalhar no seu desenvolvimento pessoal (Reis, 2007).

Durante a presente investigação fui recolhendo, através de entrevistas, depoimentos sobre as visões que diferentes participantes do movimento tinham sobre diversos aspectos relevantes para o projeto proposto. Quando questionada sobre os valores do CNE, este foi o testemunho de uma ex-escuteira:

“ (...) primeiro a natureza, acho que não ia aprender isso em mais lado nenhum, natureza para mim é o essencial e é aquilo que se às vezes têm-se medo de vir a perder, com estes métodos de ensino e essas coisas, mas a natureza, para mim é o primeiro lugar e é aquilo que nós temos de inculcar nas crianças, também que é não ter medo de estar na rua e aprender a brincar na rua (...)

(...) o segundo o desenrascar/responsabilidade, porque dão-nos muitas tarefas e uma pessoa desenvolve alguma autonomia (...) quando te dão responsabilidade, ‘olha se tu não fores comprar 1 quilo de carne ninguém come (...)’, e acontece que ninguém come e depois chateiam-se todos, e isso é bom porque aprende-se com os erros e aprende-se com os erros de uma maneira que se sente na pele o erro. Mas também não é um erro tão grande (...), são pequenos erros que fazem diferença para nos inculcar responsabilidade e eu acho que isso faz (...), a diferença (...).

(...) um miúdo novo chega e diz ‘olha tu estás encarregue de ir buscar o fogão ao depósito’, e ele diz ‘okay’, se ele não traz o fogão ninguém vai cozinhar na atividade, (...) e depois aí entra outra coisa, para além de ser responsabilidade, que é desenrascar. (...) não há fogão, como é que se vai cozinhar a comida? E isto faz os cérebros trabalharem ... (Entrevista a ex - escuteira em formação de dirigentes, 2020)

Estes valores assumidos pelo CNE estão materializados na insígnia do escotismo mundial - a flor de lis - pois esta consiste num símbolo identitário do movimento escotista. Este emblema, tal como é descrito no website dos *Scouts* do Reino Unido (que por sua vez afirmam estar a referenciar a WOSM), é um dos símbolos mais conhecidos a nível mundial e é utilizado por todos os escoteiros do mundo. A corda circundante significa união e a anilha que junta as

pétalas da flor de lis representa a família escotista mundial. Por fim o nó representado pelas cordas, presente na parte inferior da insígnia, simboliza a força e a união entre os membros do movimento escotista que não podem ser desfeitas (Scouts, n.d.). Dito isto considero que a referência a esta insígnia foi essencial para conseguir representar o movimento escotista no presente projeto de design, servindo de inspiração à criação da insígnia *movimento inclusivo da diversidade LGBTQI+*.

Flor de lis, um símbolo mundial

No livro *Escutismo para Rapazes*, Baden Powell explica de forma sucinta do que se trata o distintivo escotista *flor de lis* (figura 11). Esta, num mapa ou numa bússola, indica o Norte, daí ter sido adotada como o distintivo identificador do escoteiro porque aponta na direção do seu portador e para o alto. As três pontas da flor de lis significam as três partes em que o cerimonial da promessa se divide, tendo sido este símbolo adotado por todas as associações escotistas do mundo. O elemento diferenciador entre as diferentes associações escotistas é o emblema utilizado por baixo, identificador do país (figura 12), a que o escoteiro pertence (Powell, 1946, p. 24 - 25). No caso de Portugal (CNE), os dois emblemas são atualmente posicionados acima do bolso direito da camisa, da seguinte forma (CNE, n.d.):



Figura 10| Insígnia do Escotismo mundial.



Figura 11| Distintivo de Portugal.



Figura 12| Exemplo farda, Caminheiros.

Sistema de competências e especialidades antecedente ao atualmente utilizado pelo do CNE

O sistema de competências e especialidades é um complemento às etapas do progresso do escuteiro que tem como oportunidade escolher as insígnias que quer adquirir consoante o seu interesse. As áreas de competência que o escutismo apresenta são as áreas do carácter, aptidão física, habilidade manual, serviço - aos outros - e felicidade (Divisão Pedagógica Nacional, 1998). Ao finalizar as provas exigidas à obtenção de uma insígnia, o escuteiro tem o direito a usar a mesma na farda como símbolo do esforço desenvolvido e da progressão alcançada. Cada escuteiro é encorajado a obter, no mínimo, uma insígnia em cada uma das sete áreas anteriormente referidas, de forma a obter uma *Insígnia de Mérito* (Divisão Pedagógica Nacional, 1998). O sistema que aqui apresento não é o atualmente utilizado pelo CNE, no entanto, por consistir num grupo de insígnias que tem como objetivo a obtenção de uma insígnia de mérito, constitui uma forte inspiração para a concepção do projeto.

As insígnias de competência distribuem-se em sete grupos e cada um corresponde a uma área de progressão diferente, que se identifica por uma cor. As cores são as seguintes: o vermelho constitui competências relacionadas com socorrismo e serviço aos outros; o laranja compõe competências ligadas à comunicação, animação, informação e relacionamento; o amarelo competências ligadas ao desporto e desenvolvimento físico; o verde promove competências relacionadas com a natureza, vida no campo agricultura, solo e ambiente; o azul representa competências ligadas ao céu, ar, mar e água; o anil está ligado à habilidade manual, criatividade e vida profissional; por fim, o violeta está relacionado com a vida religiosa e animação da fé (Divisão Pedagógica Nacional, 1998). As especialidades estão unicamente disponíveis para a IVª secção, os Caminheiros (18 – 21 anos), consistindo num conjunto de insígnias que exigem um maior esforço e progresso que as competências e sendo com-

postas por diversos escalões e subespecialidades. O seu portador é reconhecido pelo seu mérito e competência dentro da especialidade que completou (Divisão Pedagógica Nacional, 1998).

O que pretendo com o presente projeto é essencialmente, criar um sistema de insígnias que, através do recurso aos valores do “esforço - recompensa” presentes no movimento, se promova a sensibilização, ou mesmo educação, do escoteiro para a inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo.

Algumas insígnias de competência e especialidades



Figura 13| Insígnias de competência e especialidade (antigo).

- | | |
|----------------------|---------------------------------|
| 1 - Bom Cidadão | 7 - Amigo dos Animais |
| 2 - Proteção Civil | 8 - Amigo das Plantas |
| 3 - Socorrista | 9 - Protetor da Natureza |
| 4 - O Bom Consumidor | 10 - Nadador-Salvador |
| 5 - Comunitário | 11 - Socorrista (especialidade) |
| 6 - Ambientalista | 12 - Intérprete (especialidade) |

Uso e colocação das insígnias de competência - As insígnias de competência são colocadas no bolso direito da camisa.



Figura 14| Posicionamento das insígnias de Competência.

Sistema de especialidades (atual) do CNE

As especialidades, à semelhança do antigo sistema de competências, constituem um complemento ao desenvolvimento pessoal do escuteiro. São transversais a todas as secções – lobitos, exploradores, pioneiros e caminheiros – e abrangem diversas áreas de modo a adaptarem-se aos interesses individuais do escuteiro. O objetivo é que a criança, ou jovem, ao completarem o que é proposto para a obtenção de determinada especialidade, se tornem capacitados na temática em questão e que se comprometam com a mesma de modo a continuarem o seu desenvolvimento nas secções seguintes (Especialidades, 2020).

As especialidades dividem-se em oito áreas relacionadas entre si. Para alcançar uma especialidade é necessário cumprir os requisitos necessários e estes, por sua vez, encontram-se diferenciados em dois grupos – os requisitos base e os avançados –, sendo que estes últimos constituem os requisitos base da seção seguinte (Especialidades, 2020). Foi com base neste método que formulei o processo de obtenção das diversas insígnias, no entanto, o percurso que aqui proponho é ligeiramente diferente, já que cada insígnia tem três objetivos e, no final de se obter todas as insígnias, é atribuída a insígnia de mérito. Decidi adaptar o método de funcionamento do sistema de insígnias do meu projeto desta forma porque considero que proponho aqui um formato mais simplificado do que o que é atualmente apresentado pelo CNE. Um dos problemas que senti durante o meu percurso no movimento foi precisamente o quão confuso o método educativo, por vezes, se podia tornar.

Algumas insígnias de competência e especialidades



Figura 15| Insígnias de especialidade (atual).

- | | |
|------------------------------|----------------------------|
| 1 - Bom consumidor | 7 - Intérprete |
| 2 - Cidadão Europeu | 8 - Tradutor |
| 3 - Cidadão do Mundo | 9 - Montanhista |
| 4 - Cidadão Lusófono | 10 - Vigilante da Natureza |
| 5 - Voluntário Internacional | 11 - Culturas do Mundo |
| 6 - Protetor dos Animais | 12 - Cozinheiro do Mundo |

Uso e colocação das insígnias de especialidade - As insígnias de especialidade, assim como as suas antecessoras, são colocadas no bolso direito da camisa, não devendo estar mais que três especialidades por linha (Especialidades, 2020).

Tanto o formato como a disposição destas insígnias foram características importantes que me ajudaram a criar o conjunto de insígnias aqui proposto. No entanto, esta proposta resultou da junção de ambos os sistemas que aqui apresento. O sistema anterior foi importante para gerar a insígnia de mérito e o procedimento para sua obtenção. Este sistema ajudou-me a compreender qual o melhor formato a adotar para as insígnias, tendo chegado à conclusão que a forma hexagonal permite que cada insígnia individualmente possa encaixar com as restantes através de qualquer uma das seis faces, gerando diversas oportunidades de disposição do conjunto.

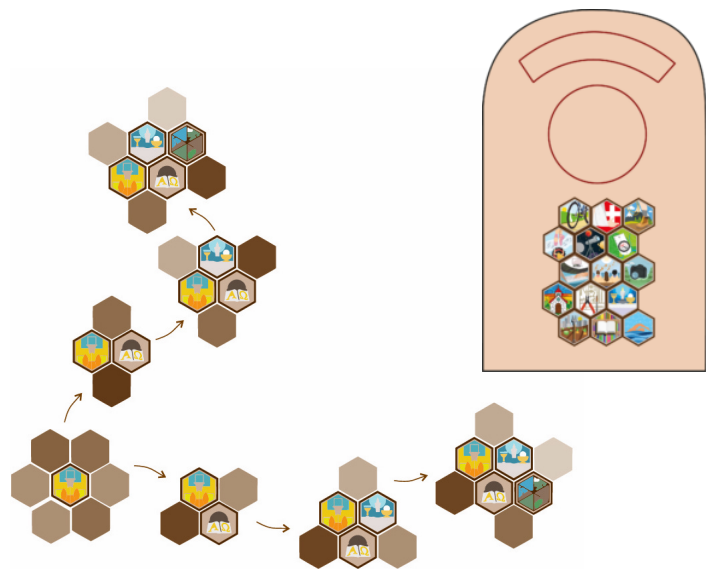


Figura 16 e 17 | Posicionamento das insígnias de Especialidade (atual).

1.3 | A insígnia enquanto artefato gráfico

O que é um artefato gráfico ?

Johanna Drucker em *Graphic Design History: a critical guide* (2009) defende que, através de uma análise do conhecimento histórico do artefato gráfico é possível perceber a sua informação estrutural, e que esta justifica o seu significado como forma, o que proporcionará uma percepção dos motivos e condições sobre os quais o objeto em questão foi criado.

“ *The critical approach to graphic design history is not a series of descriptions of artifacts but a set of theoretical frameworks for seeing the forces and conditions within which those objects came into being. The history of style is a history of culture. Analysis of form is a way to see that history is reworked in the objects of contemporary life* (Drucker, 2009, p. xxii).

O objeto gráfico é indiretamente influenciado por convenções culturais que ditam o que deve e não deve ser feito. Cada objeto gráfico expressa explícita ou implicitamente as influências culturais do seu criador. O artefato gráfico é originário de relações sociais, o design formula a comunicação e, por sua vez, esta torna-se num forte sistema na construção da realidade social. Drucker afirma que se as imagens estão repletas de princípios e valores originários de influências culturais e que, ao questionarmos sobre o percurso que a imagem percorreu até a forma como a vemos, conseguimos “desmontá-la” e compreender o seu funcionamento. A autora confirma este argumento ao afirmar: “present bodies or objects, worlds for study or fantasy consumption, they can be readily taken apart - although the longer history of their forms may be obscure” (Drucker, 2009, p. xxviii). No entanto, torna-se menos evidente a forma como a estrutura da informação, enquanto sistema, e a própria retórica, vão estabelecer um argumento de forma a persuadir o leitor da sua verossimilidade. Estes sistemas apoiam-se em princípios estéticos normalmente

inspirados nas raízes da antiguidade clássica. Até princípios como clareza, legibilidade ou harmonia e proporção estão repletos de uma bagagem cultural (Drucker, 2009). Dito isto é possível refletir na insígnia como artefato gráfico, como foi anteriormente referido, e é possível afirmar que este objeto identitário transporta consigo uma bagagem cultural sendo que, através da sua observação, é possível imaginar o que pretende transmitir. Tal como afirma Drucker: “Graphic forms carry their history encoded as convencions, charged with cultural values - and loaded with social implications” (2009, p. xxii).

Artefato gráfico que pretendo desenvolver.

É possível afirmar que o artefato gerado neste projeto teve como influências, o percurso e desenvolvimento da comunicação da comunidade LGBTQI+ em conjunto com o imaginário e princípios do movimento escotista. O artefato gráfico gerado consiste num conjunto de insígnias que abordam inclusão e diversidade LGBTQI+ dentro da comunidade escotista, mais a baixo, através do recurso à téttrade de McLuhan é feita uma análise ao conceito de insígnia, promovendo uma compreensão e reflexão sobre a sua utilidade, influências, origem e potencial.

Por fim, no capítulo onde apresento as metodologias utilizadas, é feita uma introdução à abordagem do design especulativo, sendo este o elemento que vai tornar possível enquadrar o artefato desenvolvido numa realidade onde o movimento escotista trabalhe abertamente temáticas relativas à comunidade LGBTQI+.

Análise do artefato gráfico segundo a téttrade de McLuhan.

De modo a entender qual poderá ser o impacto causado pelo artefato gráfico gerado, adopta-se aqui a metodologia de análise desenvolvida por McLuhan. Este processo pretende compreender, através de uma análise holística, os efeitos que este poderá vir a gerar. Para McLuhan, em *Laws of media: the new science* (1988) tudo o que é criado pelo homem manifesta-se em quatro dimensões essenciais:

O **aprimoramento** (enhancement): Qual é a sua utilidade como objeto/artefato, de que forma é que este é capaz de melhorar, acelerar ou simplificar algum órgão ou faculdade do utilizador?

A **recuperação** (retrieval): Em que é que o objeto/artefato se influenciou? Que objetos/artefatos anteriores contribuíram para a sua criação? A que background é que o atual objeto/artefato remonta?

A **obsolescência** (obsolescence): Que áreas é que, com a criação do novo objeto/artefato, se vão tornar obsoletas? Que consequências é que os objetos/artefatos já existentes vão sofrer com o aparecimento deste novo objeto/artefato?

A **reversão** (reversal): Segundo McLuhan, ao ser potencializado até ao limite, o objeto/artefato tende a reverter o seu efeito inicial. No que é que este se pode tornar quando levado ao extremo? Quais seriam as consequências dessa reversão?

Nas palavras do autor:

“ *The tetrad was found by asking, ‘What general, verifiable (that is, testable) statements can be made about all media? We were surprised to find only four, here posed as questions: What does it enhance or intensify? What does it render obsolete or displace? What does it retrieve that was previously obsolesced? What does it produce or become when pressed to an extreme?’ (McLuhan, 1988, p.7).*

Aplicação da téttrade a insígnia

Sendo que o projeto se materializa num conjunto de insígnias, proponho olhar para a insígnia como artefato e analisá-la consoante o processo de McLuhan.

A definição da palavra insígnia segundo o Dicionário Online Priberam de Português é descrita como um sinal distintivo, sendo também associada a uma hierarquia, comparada a uma medalha de mérito e a um adorno emblemático. Já o Cambridge English Dictionary descreve *badge* como sendo um pequeno pedaço de metal ou plástico que contém no seu interior palavras com uma imagem, algo que pode ser transportado ou colado na roupa, representando parte da identidade do seu portador, podendo consistir numa identidade individual ou pertencente a um grupo. Sendo assim, o aprimoramento que a insígnia promove, consiste num reforço identitário e na materialização física do mérito alcançado pelo seu portador.

Segundo o trabalho desenvolvido pela *The Heraldry Society, Heraldry, Beasts, Banners & Badges, for beginners* (2016), desde os seus primórdios que o ser humano sente a necessidade de se identificar como indivíduo através de um símbolo ou objeto pessoal. As primeiras

abordagens a esta necessidade foram as impressões em selos que se foram desenvolvendo graficamente com o objetivo de representar o seu proprietário ou a sua família. Estes símbolos também foram utilizados em escudos de batalha e armaduras. Data de 1127 a primeira aparição da heráldica, após Henrique I, rei de Inglaterra, ter oferecido o seu escudo ao seu genro como presente de casamento que, por sua vez, depois de morrer, foi dado ao seu filho, e assim em diante. A heráldica desenvolveu-se bastante com as cruzadas do século XII, principalmente na terceira cruzada, em 1189. Até ao momento, aos escudos, que eram constituídos por uma ou duas cores, passaram a ser adicionadas formas geométricas em cores contrastantes. Foram também produzidos, pela ordem do rei Ricardo III de Inglaterra (1483 - 1485), 13.000 cópias do seu distintivo de javali em fustão, um algodão resistente para serem utilizadas na vestidura do seu filho, o Príncipe de Wales. Os distintivos, ao contrário dos escudos, não eram hereditários, no entanto, muitos foram passados de geração em geração e normalmente eram concebidos em representação de uma família e não de um indivíduo (The Heraldry Society, 2016). Sendo assim, é possível afirmar que os distintivos, os escudos e as armaduras de batalha podiam ser representativos de um grupo de pessoas ou de uma pessoa em particular, adquirindo assim um caráter identitário.

Focando-nos agora unicamente no distintivo, o seu uso como meio identitário pode ser interpretado como uma recuperação do inicial propósito das tatuagens. Tal como descrito por Krudak (2015) em *The cultural heritage of tattooing: A brief history*, inicialmente o objetivo da tatuagem era transmitir conceitos culturais, posições sociais, uma expressão de liberdade individual, entre outros. É possível afirmar que o surgimento da insígnia tornou alguns destes propósitos obsoletos, na medida em que atualmente a insígnia é o meio mais comum para representar uma patente ou um movimento cultural.

“ *For millennia, peoples around the world have tattooed human skin to communicate various ontological, psychosocial, and sociocultural concepts encompassing beauty, cultural identity, status and position, medicine, and supernatural protection* (Krudak, 2015, p. 1).

É também possível fazer uma relação com uma tatuagem específica da comunicação LGBTQI+, o uso da estrela (Fig. 20, p. 93), um símbolo identitário da comunidade lésbica, Campbell (2019) reforça citando a ativista Madeline D. Davis e a historiadora Elizabeth Lapovsky Kennedy, que afirmam que:

“ (...) *a star tattoo on the top of the wrist, which was usually covered by a watch*” Kennedy and David continue, *“This was the first symbol of community identity that did not rely on butch-fem imagery* (Campbell, 2019, p. 28).

Sendo que a insígnia tem como objetivo refletir parte da identidade individual ou a pertença a um grupo, é possível imaginar que, tanto a concepção como a utilização da mesma, tenha passado por uma reflexão prévia do que é suposto transmitir. A questão que se levanta é quais seriam as consequências que o uso excessivo de insígnias poderia gerar? E que impacto terá no seu portador? Será que a pessoa que recorre ao uso extremo de insígnias se identifica de igual forma com todas elas? Caso isto se verifique impossível, surge a oportunidade para supor que o uso extremo deste artefato pode acabar por reverter o seu propósito identitário inicial. Até que ponto é que a identidade gerada por uma insígnia não perde a sua força ao ser colocada num contexto de significação excessivo?, E será que a pressão que poderá gerar-se sobre o seu portador, pressão essa criada pela necessidade de este estar a ser constantemente percebido pelas pessoas que o rodeiam e pela forma como estas interpretam as insígnias que transporta, poderá gerar uma preocupação geral na forma como as insígnias de um indi-

víduo o representam aos olhos dos outros . Boris Groys em *Self-Design and Aesthetic Responsibility* (2009), relativamente à pressão estética a que a sociedade constantemente nos subjeta, afirma que:

“ *Today, everyone is subjected to an aesthetic evaluation—everyone is required to take aesthetic responsibility for his or her appearance in the world, for his or her self-design* (Groys, 2009, p.3).

2.0

Design para a transformação social

Este capítulo tem como foco o design gráfico inclusivo, servindo de reflexão e introdução ao conjunto de insígnias que o presente projeto gerou. O capítulo inicia-se com uma abordagem do feminismo a partir das concepções de bell hooks em *Feminism is for everybody* (2000), de seguida é apresentada a visão de feminismo de Ellen Lupton et al. a partir da obra *extra bold* (2021). Seguidamente, é apresentado o trabalho de Karen Keifer – Boyd (2010), que consiste numa análise visual de como as mulheres são representadas e para quem são representadas. Para terminar, é introduzido, segundo a visão de Judith Butler, o conceito de *matriz de género*.

O capítulo desenvolve-se com base na resposta dada pelo *design justice* à pergunta, o que é design? Referenciando a importância dos e das designers serem capazes de desenvolver um raciocínio especulativo e inclusivo, em que o produto gerado passa por um conjunto de variáveis, não existindo apenas uma resposta para o mesmo problema. De forma a compreender como o produto em design pode afetar de diferentes formas os seus utilizadores, são introduzidos dois conceitos, *interseccionalidade* e *matriz dominante*. O primeiro reflete sobre como um indivíduo pode ser alvo de mais de um tipo de discriminação ao mesmo tempo e o segundo é um conceito que se refere a uma forma de agir e pensar generalizada que acaba por beneficiar aqueles que se encontram no padrão dominante e prejudicar aqueles que não estão. Após a introdução do conceito de *matriz dominante*, é tida em conta a presença do artefato gráfico, um objeto originário de um processo de design, dentro da *matriz dominante*.

Finalmente, com o recurso a *Queer x Design* (2019) de Andy Campbell, é feita uma sistematização do material gráfico e respectivos momentos históricos do design LGBTQ que considere pertinentes para o desenvolvimento e compreensão do projeto prático aqui presente, num período entre os os anos 60 até à atualidade.

2.1 | Problemáticas de inclusão e o design gráfico

Conceitos binários

Segundo bell hooks, na sua obra *Feminism is for everybody* (2000), o movimento feminista tem como objetivo acabar com o sexismo e com a exploração e opressão sexistas. O sexismo é aqui abordado como problema central, nunca concebendo a figura masculina como um inimigo, mas antes os pensamentos e ações sexistas, sendo estas praticadas tanto por homens como por mulheres, crianças e adultos. Segundo a autora, é assim necessário encarar esta problemática de uma forma generalizada e entender que esta consiste numa condição de cariz institucionalmente sistémico. Neste sentido, para entender o feminismo, torna-se necessário compreender o sexismo. Hooks (2000) frisa que a maioria das pessoas não compreende no que consiste sexismo e, conseqüentemente, não compreende no que consiste feminismo, acabando por considerar que o propósito do movimento se foca unicamente na igualdade entre os sexos, ou então, num extremo, que todas as mulheres feministas são anti-homens.

“ *By naming sexism as the problem it went directly to the heart of the matter. Practically, it is a definition which implies that all sexist thinking and action is the problem, whether those who perpetuate it are female or male, child or adult. It is also broad enough to include an understanding of systemic institutionalized sexism. As a definition it is open-ended. To understand feminism it implies one has to necessarily understand sexism* (Hooks, 2000, p.1).

Os meios de comunicação, genericamente de tendência patriarcal, refletem-se na realidade em que muitas pessoas aprendem sobre feminismo, o contacto que têm com o movimento feminista é veiculado através de mulheres que se preocupam primeiramente com questões de igualdade de género, como a igualdade salarial, a divisão de tarefas domésticas e na parentalidade, na liberdade para abortar, de

serem lésbicas, na luta contra a violação e violência doméstica. As mulheres apresentadas nestes meios de comunicação são normalmente brancas e economicamente privilegiadas.

“ *Even though individual black women were active in contemporary feminist movement from its inception, they were not the individuals who became the “stars” of the movement, who attracted the attention of mass media. Often individual black women active in feminist movement were revolutionary feminists (like many white lesbians)* (Hooks, 2000, p.3).

Já para Ellen Lupton, na sua participação sobre o tema na publicação colectiva *extra bold* (2021), o objetivo do feminismo é alcançar a igualdade entre os diferentes géneros através de uma luta por direitos a nível social e económico. Assim como hooks, Lupton (2021) afirma que qualquer pessoa pode ser feminista, homem ou mulher, heterossexual ou queer, cisgénero, transgénero ou género não conforme. E que, socialmente, foram criadas estruturas que nos dividiram em grupos com base na nossa identidade de género e orientação sexual e estas são constantemente reforçadas a nível legislativo, educacional, através dos media, políticas de empregabilidade, crenças religiosas, padrões de beleza, costumes locais, práticas de educação infantil, entre tantas outras. O que o feminismo propõe é o repensar destes padrões e a criação de práticas que desafiem as atuais hierarquias sociais. Relativamente a estas estruturas, hooks (2000) foca-se no facto de a nossa sociedade apoiar-se maioritariamente numa cultura cristã, milhares de pessoas acreditam que Deus ordenou que a mulher deve ser subordinada do homem na lida da casa. Apesar da quantidade de mulheres que entram no mercado de trabalho e são independentes, a lógica masculina do sexo feminino na lida da casa continua a ter um peso substancial, quer esteja o homem presente ou não.

Para Lupton (2021) qualquer um pode ser feminista, assim como qualquer um pode rejeitar o feminismo, existindo nomeadamente diversos críticos dos direitos reprodutivos, do aborto e da homossexualidade que foram mulheres. Em concordância, hooks (2000) afirma que, à medida que o feminismo progrediu, tornou-se perceptível que os homens não constituem o único grupo da sociedade que propaga pensamentos e comportamentos sexistas, que as mulheres também o podem fazer, concluindo que a associação do movimento à ideia anti-homens não faz mais sentido.

“ According to hooks ⁸, *women from all backgrounds can be feminists—and men can be feminists, too. Men can advocate for equality. They can share power and denounce gender violence. They can also seek their own liberation from oppressive standards of masculinity. Men can craft their own identities and reject stereotypical norms that reward aggression, violence, and physical strength* (Lupton, 2021, p. 11).

Como cada sexo é representado

Karen Keifer – Boyd (2010) desenvolveu um trabalho onde propõe estratégias através do uso de tecnologias digitais de modo a entender a construção visual associada a cada género.

⁸ Bell hooks, uma feminista afro-americana, juntamente com Kimberlé Crenshaw e Audre Lorde, são referenciados em *extra bold* por Lupton et al. (2021) que explica que durante a segunda onda feminista foram defensoras dos direitos das mulheres negras, afirmando que tinham tantos direitos quanto as mulheres brancas. Lupton et al. citando hooks: “All white women in this nation know that whiteness is a privileged category. The fact that white females may choose to repress or deny this knowledge does not mean they are ignorant: it means that they are in denial.”(Lupton et al., 2021, p.11).

“ *Gender constructions are political in the sense that transformative identity politics of gender involves exposing, in order to eradicate, internalized sexism* (Keifer-Boyd, 2010, p. 2).

Keifer - Boyd (2010) afirma que uma das maneiras de expor a politização das construções de género é através da análise do material visual, para quem é direcionado e para que propósito. Com uma pesquisa no google *Indonesian woman* ou outra terminologia que aponte para uma raça ou etnia associada ao termo *woman* ou *girl*, o resultado são muitos sites a expor o corpo feminino de modo a atrair a atenção masculina. Enquanto a mesma tipologia de pesquisa associada ao termo *men* ou *boys* não reflete a mesma abordagem em relação ao corpo masculino. Os sites direcionados para as mulheres, na sua maioria, referem-se a cosméticos e moda, atribuindo-lhes uma quase “obrigação” de se produzir e conseguindo assim desenvolver uma indústria que lucra com esta sexualização do sexo feminino (Keifer – Boyd, 2010).

Após o exemplo anteriormente referido, é possível refletir sobre a presença de estruturas binárias na forma como funcionamos em sociedade. Ellen Lupton e Leslie Xia em *extra bold* (2021) fazem por sua vez referência a Judith Butler, a filósofa autora da famosa obra *Gender Trouble* (1990) onde argumenta que masculino e feminino são categorias socialmente construídas. Neste livro, Butler apresenta duas ideias de forma a ajudar-nos a pensar sobre feminismo, sexualidade e design: a primeira é o conceito de matriz de género, onde questiona o binarismo presente entre masculino e feminino; a segunda é o conceito de género enquanto performance, composto por um conjunto de gestos repetidos e repetitivos que replicam e promulgam o binarismo de género (Lupton et al., 2021).

Matriz de género – esta estrutura define pontos fixos relativamente à atração e identidade em que as polaridades de sexo estão inerentemente interligadas com a sexualidade da pessoa. Segundo esta matriz, as polaridades do sexo da pessoa, as suas características biológicas, devem corresponder às polaridades da sua sexualidade, a sua atração por outras pessoas, de forma a formar a sua identidade de género, sentir-se psicologicamente feminino ou masculino, e orientação sexual, ser heterossexual ou *gay*. Esta matriz recusa quaisquer nuances ou mudanças, tanto a nível de atração, como identitário. A matriz de género encontra-se embutida no quotidiano de algumas sociedades e torna-se autoritária no sentido em que só admite como natural que as pessoas se identifiquem com o feminino ou masculino e que sintam atração pelo sexo oposto ao seu, sendo que indivíduos que não encaixam nos parâmetros por ela impostos são não percepcionados como sendo normais. No entanto, Butler afirma ainda que, com o tempo, comportamentos que desafiem a estas ideias pré-concebidas de género podem surgir e romper com esta matriz, originando assim uma mudança de cultura. Ao apresentar o exemplo das performances *drag* enquanto performances de cariz político e do género como um ato, Butler afirma que os performers *drag* realçam o quão frágil estas normas na verdade são (Lupton et al., 2021).

Assim, segundo a autora, o género não é algo estável, mas antes um fenómeno complexo. Se, por um lado, nem toda a gente experimenta fluidez de género, por outro, as pessoas que passam por essa experiência sentem-se extremamente presas à sua identidade esperada na medida em que existe um reforço social e cultural - onde se incluem os meios de comunicação e o próprio design, - do género binário reforçado pelas normas restrictivas de género (Lupton et al., 2021).

Conclui-se, assim, que a matriz é limitativa e opressiva na medida em que exige que cada individuo se encaixe dentro do feminino ou do masculino e do homossexual ou heterossexual. Dito isto, é possível afirmar que quando uma pessoa procurar encaixar-se em qualquer um

destes parâmetros está a reforçar a existência desta matriz, quando socialmente afirmamos que “as raparigas usam saia”, estamos a replicar estas expectativas socialmente construídas. Segundo Butler: “the process of ‘doing’ makes the ‘doer’, rather than the other way around.” (Butler citada por Lupton et al., 2021, p.60).

Lupton reflete ainda em como os designers, ao utilizarem elementos que sugerem características femininas ou masculinas, também estão a participar na construção social de género. As escolhas feitas pelos designers ao nível de cor, fontes, texturas, símbolos, motivos e imagens constituem uma linguagem e, ao utilizá-la na criação de artefatos diversos, como uma *zine*, um *poster* ou um *website*, estão a transmitir uma mensagem. Através de alguns dos seus elementos, que por sua vez já são originários de um background, a fonte utilizada, por exemplo, já advém de uma história e de uma cultura. Sendo assim, o processo de design nunca é por si só original, estando repleto de “rótulos” que são originários de regras. Chegada a esta conclusão torna-se então necessário pensar como vamos replicar estas regras e rótulos de forma a entrar nesta corrente de repetição com o objetivo de deslocar as normas de género nela presentes (Lupton et al., 2021).

2.2 | Estado da arte do design gráfico inclusivo

Segundo Design Justice, o que é design?

“*Design is something far more pervasive and profound than is generally recognised by designers, cultural theorists, philosophers or lay persons; designing is fundamental to being human – we design, that is to say, we deliberate, plan and scheme in ways which prefigure our actions and makings ... we design our world, while our world acts back on us and designs us* (Costanza-Chock, 2020, p.13).

O design é uma forma de pensar, aprender e interagir com o mundo. Raciocinar através do design é um processo de produção de conhecimento que não é indutivo ou dedutivo, mas sim abdutor e especulativo. Fazendo referência ao pensamento de Donald Schön, Costanza-Chock cita o autor quando afirma que: “Almost always, designers’ moves have consequences other than those intended for them. Designers juggle variables, reconcile conflicting values, and maneuver around constraints - a process where, although some design products may be superior to others, there are no unique right answers.”(Costanza-Chock, 2020, p. 15). Sendo assim, devido ao facto de operarem com variáveis, o produto gerado pelo processo do design não significa que seja a única resposta correta, já que o designer reconcilia valores em choque e circula à volta de restrições, gerando novas possibilidades (Costanza-Chock, 2020).

Interseccionalidade de matriz dominante Interseccionalidade

De forma a explicar na prática o conceito de interseccionalidade utilizarei como referência um exemplo presente no livro *extra bold* (2021) num texto escrito por Jennifer Tobias. Segundo Tobias, em 1976, cinco mulheres negras foram processadas por discriminação após terem perdido os seus trabalhos devido a um período alargado de *lay-off* da companhia que as empregava. Os empregados que já trabalhavam na firma há um certo período de tempo mantiveram os seus trabalhos, enquanto aqueles que tinham sido mais recentemente contratados foram despedidos. Visto que nenhuma mulher negra tinha sido empregada durante tempo suficiente, todas elas foram despedidas. De acordo com os juízes do caso, as mulheres negras não podiam provar qualquer tipo de discriminação nem com base no sexo, porque as mulheres brancas não foram despedidas, nem com base na raça, porque os homens negros também não foram despedidos. Este acontecimento chamou a atenção da académica jurídica Kimberlé Crenshaw que após uma análise do sucedido formulou a teoria da interseccionalidade, argumentando que é possível um indivíduo sofrer múltiplas formas de opressão ao mesmo tempo.

Crenshaw provou que os casos de discriminação tendencialmente assumem que as mulheres são brancas e que a discriminação racial é sofrida por homens negros, excluindo por completo a existência de mulheres negras, que já são discriminadas por serem mulheres e, cumulativamente por serem negras. De forma a ilustrar melhor a sua teoria, Crenshaw dá o exemplo de um cruzamento entre diversas ruas: género, raça, religião, habilidade, idade, etc. Cada rua está dividida em diversas pistas, porque dentro de cada categoria existem diferentes identidades. Sendo assim, a intersecção destas ruas pode gerar diversos resultados. A identidades não são fixas e ao longo da nossa vida podemos experienciar algumas identidades mais intensamente que outras.

Uma análise focada num único eixo é quando a raça, a classe ou género são consideradas de forma isolada, o que prejudica os designers bem-intencionados que pretendem desafiar a representatividade desequilibrada no design, através dos seus objetos, sistemas e ambientes. Sem uma análise interseccional é impossível desenhar este tipo de abordagens, pois estas nunca conseguiram incluir alguém que carregue mais do que um elemento diferenciador da matriz dominante (Lupton et al., 2021).

Matriz dominante

Segundo Patricia Hill Collins (1990), a matriz dominante é constituída por diversos eixos que se podem tornar opressores para diversos grupos de pessoas, como raça, género, idade, religião, classe social, orientação sexual, etc. As pessoas podem experienciar opressão a diversos níveis, a nível pessoal, a nível de um grupo ou comunidade, a nível do contexto cultural e a nível sistémico, por parte de instituições sociais.

Cada indivíduo é único, produto das suas próprias experiências de vida, valores, motivações e emoções. Nenhum indivíduo é igual a outro, sendo impossível existirem duas biografias idênticas, as relações humanas podem ser libertadoras e emancipadoras e ao mesmo tempo limitativas e opressivas. A matriz dominante, experienciada a nível institucional, é controlada por grupos dominantes, nomeadamente escolas, igrejas, os media, entre outros.

“ *These institutions expose individuals to the specialized thought representing the dominant group’s standpoint and interests. While such institutions offer the promise of both literacy and other skills that can be used for individual empowerment and social transformation, they simultaneously require docility and passivity* (Hill Collins, 1990, p. 5-6).

O ato de dominação opera seduzindo, pressionando ou forçando os membros dos grupos subordinados à rejeição da sua cultura ou individualismo e à adoção da forma de agir e pensar do grupo dominante. No entanto, esta opressão encontra-se repleta de contradições porque estas abordagens falham em reconhecer que a matriz dominante contém vítimas visíveis de opressão e opressores. Cada indivíduo sofre de uma variedade de pontos onde é privilegiado e penalizado que, por sua vez, derivam de múltiplos sistemas de opressão que moldam o quotidiano (Collins, 1990).

Artefato gráfico dentro da matriz dominante, as suas *affordances* e *disaffordances*

As *affordances*, de acordo com a Interaction Design Foundation⁹, são as características do objeto que sugerem os possíveis usos que o utilizador lhes pode dar, sugerindo assim, como estes devem interagir com o objeto.

Torna-se necessário notar que a *affordance* gerada por um objeto pode ser percebida da mesma maneira para todas as pessoas, como também pode privilegiar sistematicamente mais alguns indivíduos. Seguidamente, o ponto até onde esta é absorvida pelo seu utilizador é o que define a sua localização dentro da matriz dominante. O design justice propõe uma análise e reflexão, questionando se a *affordance* é igualmente usufruída por todos, convidando os designers da atualidade a terem em atenção a forma como estas problemáticas são moldadas pela matriz dominante (Costanza-Chock, 2020).

⁹ Uma iniciativa independente e sem fins lucrativos com o objetivo de democratizar a aprendizagem de um design de qualidade, através de cursos online. Uma plataforma educacional que trabalha em colaboração com diversas universidades e empresas e com uma comunidade global que alberga 487 grupos em 97 países.

As *disaffordances*, contrariamente às *affordances*, constituem as limitações ou restrições provocadas pelo objeto. Dentro das *disaffordances* existe ainda uma subcategoria, as *dysaffordances*, que representam os utilizadores que tiveram de se identificar de forma errónea para poderem ter acesso às funcionalidades do objeto.

Esta reflexão é importante para o projeto que se apresenta na medida em que me permitiu posicionar o artefato gráfico aqui gerado dentro da matriz dominante e compreender quais poderiam vir a ser as suas *affordances* e *disaffordance*. Sendo que o propósito do trabalho aqui desenvolvido é a criação de um sistema que inclua a comunidade LGBTQI+ no movimento escotista, é possível afirmar que este sistema tenta fugir à matriz dominante, por um lado, e, por outro, o mesmo não tem como objetivo funcionar unicamente com a comunidade escotista LGBTQI+, quer também dar a conhecer a existência destas pessoas aos restantes escoteiros, portanto pode ser considerado como sendo um sistema que distribui equitativamente as *affordances* pelos seus utilizadores.

2.3 | Contributos de Andy Campbell para uma síntese do design da comunidade LGBTQ

De forma a fazer uma síntese do trabalho gráfico desenvolvido pela comunidade LGBTQI+, recorri ao trabalho desenvolvido por Andy Campbell em *Queer x Design years of Signs, Symbols, Banners, Logos, and Graphic Art of LGBTQ* (2019), um trabalho fundamental e que foi muito relevante para que pudesse aceder a uma noção mais abrangente do desenvolvimento da linguagem identitária gráfica desta comunidade.

Campbell (2019) divide o livro em cinco partes, cobrindo o período que vai desde a *pre-liberation* até a atualidade. Após uma introdução onde o autor explica o que o levou a desenvolver esta investigação, Campbell (2019) divide o livro em cinco momentos, *Pre - Liberation, 1970s, 1980s, 1990s e 21st Century*, cada parte é iniciada com uma contextualização histórica e posteriormente são apresentados alguns artefatos icónicos desse período.

“ I have gathered here examples of LGBTQ¹⁰ design from the pre-liberation period to now, giving form to the manifest complexities, contradictions, and innovations of LGBTQ communities. The designs contained in this book have been culled from a variety of archives, public institutions, and private organizations - some are being published for the first time (Campbell, 2019, p. XV).

¹⁰ Durante o presente subcapítulo vou usar a terminologia LGBTQ, pois foi a adotada por Andy Campbell em *Queer x Design* (2019).

No presente subcapítulo vou apresentar uma seleção de artefatos gráficos que foram importantes na concepção do projeto aqui proposto. Primeiramente acho importante abordar o processo de criação da bandeira LGBTQ, pois esta constitui um importante símbolo da história desta comunidade, tendo as suas cores servido de base à paleta que define o sistema de insígnias que aqui apresento. Tal como descreve Campbell (2019) em 1978, Gilbert Baker, a pedido do mayor da cidade de São Francisco, Harvey Milk, criou a primeira bandeira (Fig. 18) identitária da comunidade LGBTQ. Esta era constituída por oito faixas de cores diferentes, cada uma com um significado: o cor de rosa significava sexo; o vermelho, vida; cor de laranja, cura; o amarelo, luz solar; o verde, natureza; o turquesa, magia/arte; o índigo, serenidade e o violeta, espírito. No entanto, mais tarde, surgiu a necessidade de reproduzir a bandeira a uma maior escala sendo que Baker cedeu os direitos da bandeira à *Paramont Flag Company* que levantou um problema: a cor de rosa era impossível de imprimir a nível industrial. Este facto obrigou Baker a desistir dessa cor, restando assim sete faixas que, por sua vez, levantaram problemas a nível de simetria, obrigando-o a desistir de uma segunda cor, o turquesa, originando a bandeira atual (Fig. 19).



Figura 18| Fotografia de Crawford Barton, 1978.



Figura 19| Fotografia de Benson Kua.

Seguindo o percurso da bandeira LGBTQ, Campbell (2019) refere que a agência *Tierney* também apresentou uma proposta para a bandeira (Fig. 20) LGBTQ de Filadélfia. Assim, à bandeira de seis cores foram acrescentadas mais duas, o castanho e o preto. Estas foram escolhidas devido à frequência com que casos que envolviam comunidade LGBTQ e a intervenção da polícia conduziam a acontecimentos de discriminação e violência racial.

De seguida, Campbell (2019) apresenta a proposta (Fig. 21) do designer gráfico Daniel Quasar, que sugere uma mudança de modo a atingir uma representação mais interseccional. Para além de adicionar as faixas preta e castanha, incluía ainda as cores da bandeira transgénera. Ao fazer estas adições, o design de Quasar sugere que ainda existe mais trabalho a ser feito em frentes que incluem um avanço de toda a comunidade LGBTQ.



Figura 20| Nova Bandeira do orgulho da Filadélfia, companhia de Design Tierney.



Figura 21| Bandeira LGBTQ, Daniel Quasar.

No seu trabalho Campbell (2019) apresenta também algumas bandeiras que foram criadas para representar os diversos grupos constituintes da comunidade LGBTQ, como o caso da bandeira bissexual (1998) criada por Michel Page. Segundo o autor, a criação desta bandeira teve como inspiração os *biangles* (Fig. 22), compostos por dois triângulos sobrepostos, um azul e outro cor-de-rosa, formando a cor lavanda na sua sobreposição. Campbell (2019) explica que o design da bandeira (Fig.23) adota e transmite a ideia destes dois triângulos, afirmando ainda que, segundo Page (1998), a listra magenta representa as pessoas atraídas pelo mesmo sexo, a azul pelo sexo oposto e a cor lavanda presente entre ambas representa a bissexualidade. Campbell termina com uma citação de Page:

“ *The key to understanding the symbolism in the Bi Pride Flag is to know that purple pixels of color blend unnoticeably into both pink and blue, just as in the ‘real world’ where most bi people blend unnoticeably into both gay/lesbian and straight communities* (Page citado por Campbell, 2019, p. 170 - 171).

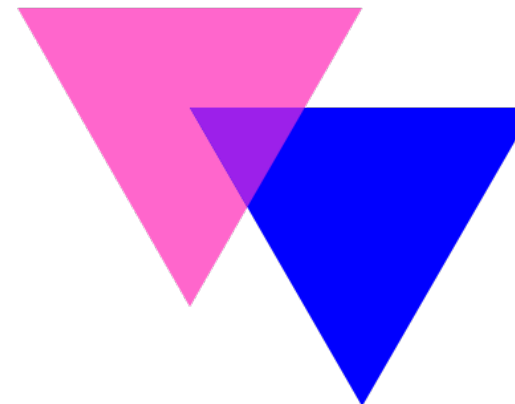


Figura 22| *Biangles*.



Figura 23| Bandeira Bissexual, Michel Page, 1998.

Outra bandeira que Campbell (2019) apresenta é a bandeira transgênera (Fig. 24), criada em 1999 por Monica Helms. O autor explica que Helms escolheu as cores azul claro, rosa e branco por serem, em parte, representativas do gênero que nos é atribuído à nascença: o azul claro para os meninos e o rosa para as meninas e que a faixa branca significa a grande diversidade presente entre as diversas experiências transgênicas, desde aqueles que se encontram em transição, aos intersexo e/ou pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros. Assim como a bandeira bissexual, a bandeira transgênera foi criada visando dar visibilidade à existência destes indivíduos na sociedade. Para concluir, Campbell cita Helms que reflete sobre o significado desta bandeira:

“... the pattern is such that no matter which way you fly it, it is always correct, signifying us finding correctness in our lives (Helms citada por Campbell, 2019, p. 173).



Figura 24| Bandeira Transgênera, Monica Helms, 1999.

Campbell (2019) explica ainda que, desde o aparecimento da primeira bandeira LGBTQ, em 1978, surgiram diversas propostas de representação das mais variadas comunidades e o aparecimento destas novas categorias ajudou a aumentar a visibilidade da diversidade existente dentro da comunidade LGBTQ. Cada bandeira foi criada para representar grupos em particular, tendo cada uma a sua própria lógica de design e uma relação com a comunidade que pretende representar. Abaixo apresento algumas das diversas bandeiras que foram criadas ao longo da história do design LGBTQ.



Figura 25| Bandeira não - binária, Kye Rowan, 2014.



Figura 26| Bandeira dos aliados LGBTQ.



Figura 27| Bandeira intersexo, 2013.



Figura 28| Bandeira do orgulho Lésbico, Sean Cambell, 1999.

Outro símbolo a que Campbell (2019) confere bastante importância no seu livro é o triângulo. Segundo o autor, este símbolo apareceu nos anos 80. Este século foi marcado pelo medo em relação à comunidade LGBTQ, justificado pela associação ao vírus HIV. Posteriormente, a imprensa atribuiu-lhe o nome de *gay-related immune deficiency* (GRID), o que resultou na morte de muitas pessoas da comunidade gay e reforçou as crenças homofóbicas que viam a homossexualidade como uma degeneração dos homens gays. O autor explica ainda que é nesta altura que surge a palavra *Queer*, de carácter depreciativo e usada para desvalorizar o estilo de vida e as preocupações da comunidade LGBTQ, mas que, no entanto, acabou por surtir exatamente o efeito oposto, sendo adotada como slogan e canto político: *We're here! We're queer! Get used to it!* (Campbell, 2019).

Campbell (2019) explica ainda que o aparecimento do triângulo remonta aos anos 30 e à Alemanha Nazi de Adolf Hitler que usou este símbolo para identificar os prisioneiros homossexuais. Os masculinos eram forçados a usar triângulos cor-de-rosa dispostos nos seus uniformes prisionais, sendo às lésbicas atribuído o triângulo preto. Ambos os triângulos, cor de rosa (Fig. 29) e preto (Fig. 30), são encarnações diretas do ódio a esta comunidade e às simbologias desprezíveis criadas por políticas Nazis contra os homossexuais (Campbell, 2019).

Explicada a sua origem, Campbell (2019) afirma que o triângulo cor-de-rosa foi recorrentemente adotado como símbolo identitário de diversos movimentos de libertação gay, tendo-se tornado verdadeiramente icónico com o aparecimento (1985) do coletivo *Silence = Death*, que o usava como símbolo de resistência e empoderamento queer. Os *Silence = Death* surgiram após a morte de mais de cinco mil pessoas com HIV e no seguimento do aparecimento da palavra SIDA na esfera pública. Este coletivo era constituído por um grupo de seis homens com conhecimentos na área da arte e do design e o seu projeto consistia na apropriação do triângulo cor-de-rosa, rodando-o e apoiando-o sobre a sua base e transmitindo a força de uma posição social constantemen-

te estigmatizada. Ao triângulo optaram por acrescentar uma simples equação, descrita em letras titulares e sem serifas *SILENCE = DEATH*, com esta abordagem, o coletivo, com o seu design (Fig. 31), pretendia transformar a raiva, o medo e o luto, em ação (Campbell, 2019).

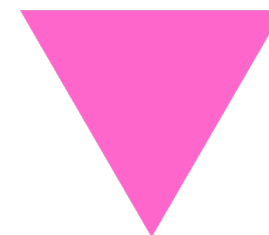


Figura 29| Pink Triangle.

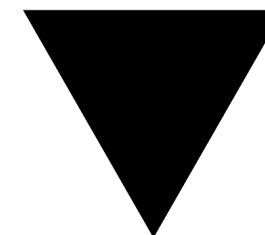
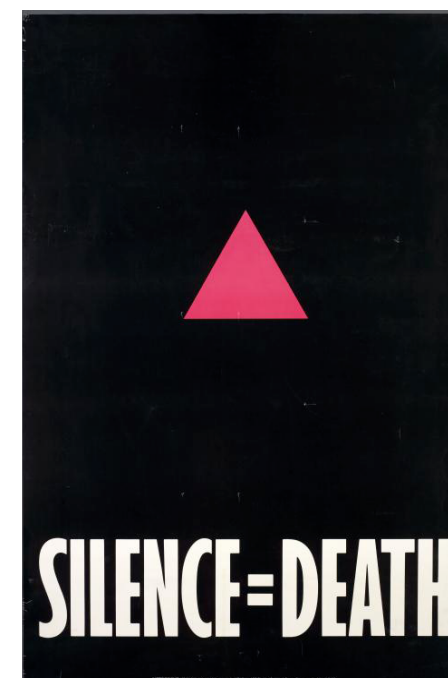


Figura 30| Black Triangle.

Figura 31| *Silence = Death*, 1987.

De acordo com Campbell (2019), nesta década, em Nova Iorque, surge a *Heritage of Pride*. O logótipo (Fig. 32) desta associação, criado por Keith Haring, consiste num importante artefato gráfico para desenvolvimento do sistema de insígnias aqui proposto, devido à escolha de cores e às figuras nele representadas. Campbell (2019), de modo a explicar os elementos constituintes do logótipo, menciona que Keith Haring faz a seguinte descrição do seu trabalho: “comprised of two pairs of dancing figures, each pair with interlinked Venus and Mars symbols for heads, respectively” (Campbell, 2019, p. 126). Seguidamente o autor explica ainda que este logo consistia numa imagem para consumo público, divertida e nada ameaçadora na forma como representava gays e lésbicas (Campbell, 2019).



Figura 32| Logótipo do “Heritage of Pride”, Keith Haring.

Outra organização que considerarei importante aqui referir, no que toca à divulgação da comunidade LGBTQ, foi a *Human Rights Campaign Fund*. No seu livro, Campbell (2019) narra que esta organização apareceu, também na década de 80, com Steve Endean que, quando se encontrava a estudar ciências políticas na Universidade do Minnesota, deu origem ao *Minnesota Committee for Gay Rights*, tendo-se tornado defensor das causas gays e lésbicas. Subsequentemente, tornou-se no diretor dos *Gay Rights Lobby* e, pouco tempo depois (1980), criou a *Human Rights Campaign Fund*, que em meados da década se renovou com um novo logótipo e retirou a palavra *fund* do seu nome. Os esforços da *Human Rights Campaign* (HRC) passaram pela defesa do casamento homossexual e pela sua igualdade perante a lei, assim como numa ação política que se focava em financiar os candidatos *gay – and lesbian – friendly* (Campbell, 2019, p. 154), almejando dar presença aos direitos dos gays e das lésbicas nas políticas nacionais. Este foi um coletivo que teve bastante importância, não só na década de 80, na definição de agendas políticas de organizações de direitos LGBTQ (Campbell, 2019).

No seu trabalho, Campbell (2019) apresenta uma descrição do processo de renovação do logótipo da *Human Rights Campaign*, onde descreve o processo como sendo demorado e ter passado por diversas tentativas. Após as dez propostas dos Stone Yamashita, a eleita foi a do sinal de igual, a amarelo, centrado no quadrado azul, optando assim por uma abordagem mais arrojada e simples (Fig. 33).

Segundo o descrito no website da HRC, em 2013, enquanto estava a ser debatida na Corte Suprema dos Estados Unidos a igualdade no casamento, a HRC alterou temporariamente as cores do seu logótipo para vermelho e cor-de-rosa, cores tradicionalmente associadas ao amor, tendo esta abordagem tornado-se viral e servindo de apoio e suporte à promoção dos direitos LGBTQ. Atualmente esta versão do logótipo ainda é usada para promover a causa. (Fig. 34) (Human Rights Campaign, n.d.)



Figura 33| Logótipo atual, Stone Yamashita, 1995.

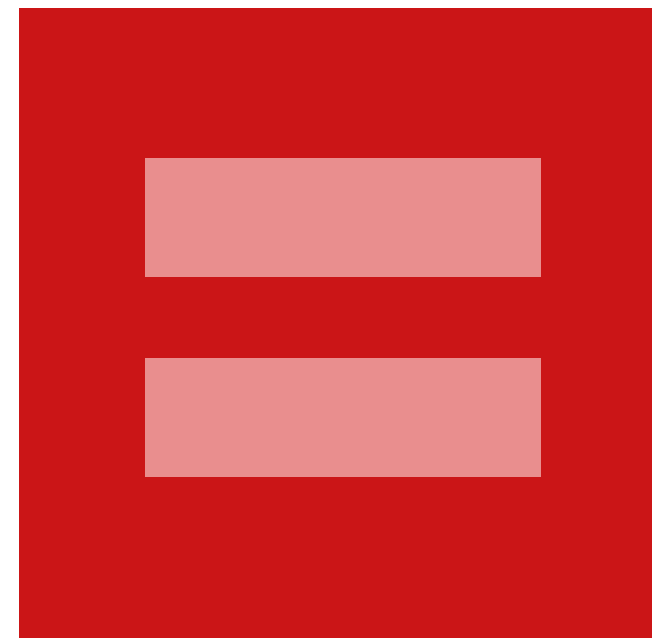


Figura 34| Logótipo de apoio aos direitos LGBTQ, 2013.

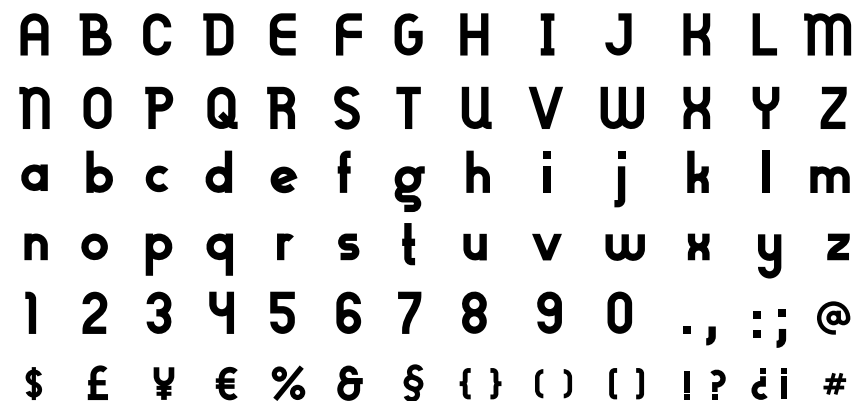
Para finalizar, o artefato que se apresenta de seguida foi importante na escolha da tipografia adotada neste projeto pois entendi que, em honra à história desta comunidade, faria sentido adotar esta proposta tipográfica que pretende, assim como todos os artefatos anteriormente enunciados, dar visibilidade à comunidade LGBTQI+. Campbell (2019) relata que, em homenagem à morte do criador da bandeira arco-íris, Gilbert Baker (31/03/2017), a *NewFest*, a *NYC Pride*, a *Ogilvy & Mather* e a *Fontself* uniram-se na criação de uma tipografia em sua memória. Inspirada no trabalho de Baker,



the quick brown
fox jumps over
the lazy dog

Figura 35| *Gilbert Tyface*, versão colorida.

surge a *Gilbert* (Fig. 36), uma tipografia disponível ao público, a cores – as oito cores originais da bandeira de Baker – e a preto e branco. É caracterizada por ser uma tipografia curva e sem serifas e, a versão a cores, apresenta uma leve transparência que, ao sobrepor-se, dá origem a diversas novas tonalidades. A licença criativa desta tipografia é aberta e permite a partilha e adaptação da mesma aos diversos usos potenciais. Quase dois anos após esta fonte ter sido criada, diversos designers, artistas e organizações adotaram-na (Campbell, 2019).



the quick brown
fox jumps over
the lazy dog

Figura 36| *Gilbert Tyface*, versão monocromática.

3.0

Projetos de referência

Como inspiração ao desenvolvimento do meu projeto prático, foi realizada uma pesquisa sobre atividades e materiais desenvolvidos por diversas associações escotistas. Os exemplos que exponho de seguida são originários de quatro associações escotistas diferentes: a Associação Escotista Portuguesa (AEP), os *Boys Scouts of America* (BSA) e a organização *Scouts for Equality*, os Escoteiros do Brasil e a equipa Diversidades, os *Scouts* (Reino Unido) e a *FLAGS*, uma unidade de suporte a escoteiros.

Por fim, e de forma a conseguir gerar um conjunto de insígnias que transmitisse uma linguagem dentro da temática escotista, recorri à análise de alguns códigos escotistas que estiveram presentes durante o meu percurso no escotismo.

3.1 | Inclusão e diversidade no escotismo

Associação de Escoteiros de Portugal (AEP)

“ Os Escoteiros de Portugal têm como missão educar os jovens para desempenharem um papel ativo na sociedade. Essa ação educativa é realizada através de um método único de educação não formal, assente num sistema de valores, que visa ajudar a construir um mundo melhor onde as pessoas se sintam realizadas como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade, assente numa cidadania participativa, responsável e tolerante e no respeito pelo ambiente. (Escoteiros de Portugal, n.d.)

Segundo o website oficial da AEP, esta associação escotista apoia-se nos valores defendidos pelo método escotista, que procura transmitir através da sua proposta educativa. Os valores defendidos pelos Escoteiros de Portugal são os presentes na lei e no compromisso de honra do escoteiro, assim como a igualdade e tolerância, a responsabilidade e liberdade, a participação e cidadania ativa, a construção da Paz e o desenvolvimento sustentável. (Escoteiros de Portugal, n.d.)

Exemplos de insígnias inclusivas:



Figuras 37, 38 e 39 | Insígnia Intercultural.

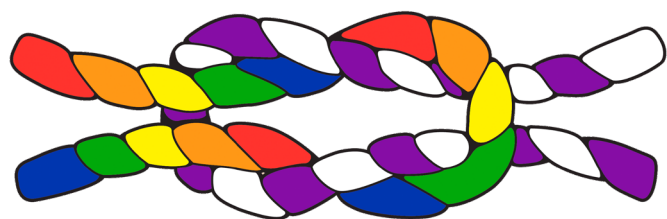
Boys Scouts of America (BSA)

Os *Boys Scouts of America*, no seu website, afirmam que proporcionam uma experiência escotista tradicional, sendo o serviço, o envolvimento com a comunidade, o desenvolvimento do espírito de liderança parâmetros que vão ganhando extrema importância à medida que os jovens começam a ser responsáveis por orientar as suas próprias atividades e a trabalhar para atingir o patamar mais alto dentro do movimento, o *Eagle Scout* (Boy Scouts of America, n.d.).

Scouts for Equality

Trata-se de uma organização sem fins lucrativos com o objetivo de assegurar que os *Boy Scouts of America* continuam a ser uma organização que contribui positivamente para a vida dos jovens americanos. Defendem a inclusão e o respeito mútuo como valores tradicionais do movimento escotista e necessários para formar carácter, desenvolver liderança e promover uma boa cidadania nos seus jovens. Os *Scouts for Equality* almejam uma organização escotista inclusiva, forte e vibrante, onde pais, chefes, voluntários e apoiantes se relacionam uns com os outros, tendo como base o respeito mútuo, o valor e a dignidade de todos. (Scouts for equality, n.d.)

Esta equipa tem diversos materiais educativos e alguns eventos. Têm inclusive uma insígnia chamada *Inclusive Scouting Award* (Figs. 40 e 41) que pode ser adquirida através da sua loja online e que tem como propósito ser usada de forma a dar visibilidade à comunidade LGBT no movimento. (Scouts for equality, n.d.)



Figuras 40 e 41| *Inclusive Scout Award*, “It signals that even though you wear the uniform, you disagree with any discriminatory membership policies that may exist and aren’t afraid to show it.” (*Scouts for Equality*, n.d.).

As duas cordas do nó quadrado simbolizam religião e orientação sexual sendo que o nó simboliza que ambas estão interligadas. A corda roxa e prateada são as cores que os *Boy Scouts of America* utilizam para fins religiosos, enquanto a corda com o padrão arco íris é representativa da diversidade da comunidade LGBT e é utilizado como símbolo de orgulho e união. (*Scouts for Equality*, n.d.)

Desenvolveram também um guia online inclusivo¹¹ onde enunciam temáticas como inclusão, igualdade, exclusão, discriminação, estereótipos, identidade e sugerem práticas inclusivas e igualitárias nas atividades e no movimento em geral.

¹¹ *Advancing Inclusion and Belonging for All: A Guide for Scouts and Scouters* (n.d.) <https://www.scoutsforequality.org/guide/>



Figura 42| Insígnia disponível no *Pride Rainbow Café*, um espaço criado numa conferência dos *Boy Scouts of America*, a NOAC (*National Order of the Arrow Conference*).



Figuras 43| Lógotipo dos *Scouts for Equality*.

Escoteiros do Brasil

Têm como missão contribuir para a educação dos jovens, através do recurso a um sistema de valores que tem como base a Promessa e a Lei Escoteira. Através desses valores, esta associação ajuda os jovens a terem um papel importante na construção de um mundo melhor, onde se sintam realizados como indivíduos e tenham um papel construtivo dentro da sociedade.

Os Escoteiros do Brasil defendem valores como a diversidade, a honestidade, a excelência, a democracia, a inclusão, a inovação, o compromisso, a sustentabilidade, a cooperação, a transparência e a unidade.



Figuras 44, 45 e 46| Insígnia *Tradições Indígenas*.

Equipa Diversidades

Em entrevista a duas dirigentes dos Escoteiros do Brasil e integrantes desta equipa, tive como preocupação compreender como é que esta tinha surgido e a forma como se posicionava dentro dos Escoteiros do Brasil. A Equipa Diversidades é parte de uma equipa maior chamada Equipa Mundo Melhor. Durante a entrevista foi ainda explicado que a Equipa Diversidades é responsável por trabalhar temáticas como desigualdades sociais, igualdade de género, saúde mental, diversidade sexual e de género e questões raciais e éticas.

“ A gente tem dentro dos Escoteiros do Brasil, a nível nacional, a equipe Mundo Melhor (...) dentro da equipe do Mundo Melhor a gente tem a Equipe Nacional de Diversidades e Inclusão, que daí ela se subdivide em “Inclusão e Acessibilidade” e “Diversidades” (...) Dentro da Equipe Nacional de Diversidades a gente está trabalhando essas áreas temáticas: Desigualdades Sociais, Igualdade de Género - indo bastante na questão do HeForShe -, Saúde Mental, Diversidade sexual e de género - que entra as questões LGB-Ti+ - (...) e questões Raciais e Éticas (...) (Entrevista Equipa Diversidades, 2020).

Procurei ainda perceber como é que equipa funciona a nível nacional e se existe apenas uma Equipa Diversidades, ou se existem várias espalhadas pelo país, ao que as dirigentes responderam que, à época, existiam quatro equipas a funcionar em quatro estados diferentes e que existiam mais estados a receber apoios para que fossem criadas novas e que o objetivo é que todas as regiões escotistas tenham uma equipa.

“ Antes sim, agora a gente tem a nacional (...) e cada região escoteira tem a sua equipe regional, não todas. (...) a gente tem Equipe de Diversidades em quatro estados que é: Rio Grande do Sul (...) São Paulo, Distrito Federal e Minas Gerais (...) e mais estados agora estão recebendo fomento para fazerem Equipes de Diversidades, quer nós como equipe nacional a gente tem esse objetivo, que todas as regiões escoteiras tenham uma equipe (Entrevista Equipa Diversidades, 2020).



Figura 47 | Poster educativo, *O Unicórnio do Gênero*.

Scouts (Reino Unido)

Têm como missão ajudar os jovens no seu desenvolvimento pessoal, encorajando-os a contribuir positivamente para a sociedade. Os valores pelos quais se guiam são o respeito, o cuidado, a integridade, a cooperação e a exploração das crenças tanto pessoais como dos outros. Esta associação escotista tem como objetivos continuar em crescimento, tornar-se mais inclusiva, adaptando-se aos mais jovens de forma a atingir um maior impacto nas suas comunidades (Scouts, n.d.).

FLAGS – Scout Active Support Unit

“ *FLAGS is the National Scout Active Support Unit which actively supports the recruitment, retention and ongoing support of LGBT adults within The Scout Association in the UK. This support extends to those already in Scouting or those considering joining Scouting who are questioning their sexuality (FLAGS, n.d.).*

Na sua página de Facebook, esta equipa afirma que tem como objetivo espalhar a mensagem de que está tudo bem em ser-se lésbica, gay, bissexual ou transgénero enquanto se é escoteiro e que esta equipa vai dar suporte a toda a gente que possa vir a ser afetado (FLAGS, n.d.). No ano de 2021 esta equipa, de forma a celebrar a inclusão e diversidade do movimento, foi a anfitriã do *Scout Pride 2021*, composto por um mês inteiro de eventos online, atividades, *webinars*, argumentações construtivas assim como sessões de suporte e treino prático, todos focados no orgulho e nos valores defendidos por esta associação escotista (FLAGS, n.d.). Para esta equipa, a participação em eventos do *Pride* é uma forma de demonstrar o seu compromisso para com a comunidade LGBT+ de forma a contribuir para uma sociedade mais acolhedora e inclusiva (FLAGS, n.d.). Em anos anteriores também

promoveu a participação escotista nos eventos Pride, de forma a demonstrar o seu compromisso para com a igualdade (FLAGS, n.d.). De seguida exponho o merchandising criado com o objetivo de promover o *Scouts Pride*.

Estes projetos de inclusão e diversidade, desenvolvidos dentro do movimento escotista, foram importantes para perceber como é que as diversas associações escotistas decidiram abordar esta temática. Assim como o material gráfico por estes projetos gerado serviu de complemento à recolha que fiz com recurso a Andy Campbell (2019). Neste sentido, estes projetos serviram de inspiração ao trabalho aqui desenvolvido, pois representam diversas formas de adaptar esta temática ao movimento escotista.



Figura 48| Insígnia *Scouts Pride*.



Figura 49| Insígnia Lésbica *Scouts Pride*.



Figura 50| Insígnia Trans *Scouts Pride*.



Figura 51| Insígnia Bi *Scouts Pride*.



Figura 52| Pulseira *Scouts Pride*.



Figura 53| Bandeira *Scouts Pride*, 48'' x 30''.



Figura 54| Bandeira miniatura *Scouts Pride*.



Figura 55| Conjunto de crachás *Scouts Pride*.

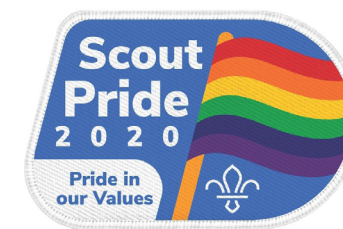


Figura 56| Insígnia *Scouts Pride 2020*.



Figura 56| Anilha arco-íris *Scouts Pride*.

3.2 | Códigos escotistas

Para além da importância dos projetos de referência acima apresentados, o conjunto de insígnias *Inclusão e diversidade LGBTQI+* foi criado tendo ainda como base a dinâmica presente nos códigos que aprendi enquanto membro do Corpo Nacional de Escutas. Neste sentido, introduzi alguns dos códigos que estiveram presentes no meu percurso no escutismo e que serviram de inspiração no desenvolvimento deste projeto.

Código Chinês, versão 1

Este código é composto apenas por traços horizontais e verticais. A cada traço horizontal corresponde uma vogal, enquanto as consoantes são formadas pela junção dos traços horizontais com os verticais. Para escrever uma consoante desenha-se a sua vogal imediatamente anterior, consoante a ordem do nosso alfabeto e, aos traços verticais dessa vogal, acrescentam-se traços verticais conforme o número de letras existentes entre a vogal mais próxima e a consoante que queremos indicar. Exemplificando, a letra “P”, a sua vogal anterior mais próxima é o “O” que se encontra a uma letra de distância, logo a letra “P” é composta por quatro traços na vertical (O) sobrepostos por um traço horizontal (Corpo Nacional de Escutas, 2008, p.114).

A	E	I	O	U

E → || U → |||
 S → ||| T → |||
 C → ≠ A → |

ESCUTA — || ||| ≠ ||| ||| |

Figura 57| Código Chinês.

Código Angular

Este código é decifrado através da observação dos ângulos que circundam a letra, a existência de um ponto (.) altera por completo a letra em questão (Corpo Nacional de Escutas, 2008, p.117).

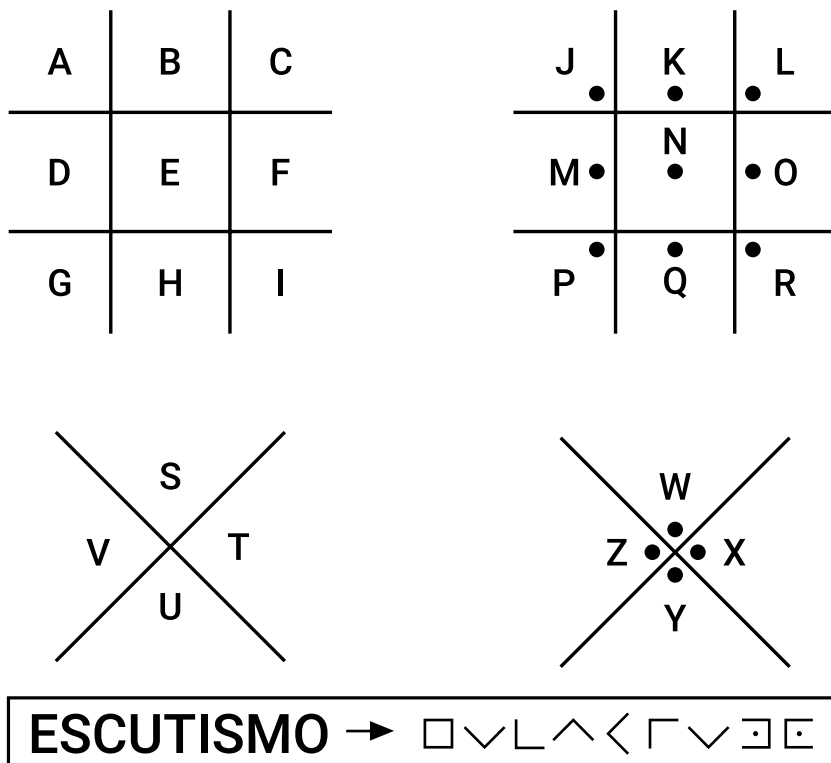


Figura 58| Código Angular.

Código Caracol

É necessária uma chave, tanto para decodificar como codificar, e esta consiste num número que vai corresponder à lateral de uma tabela (quadrangular).

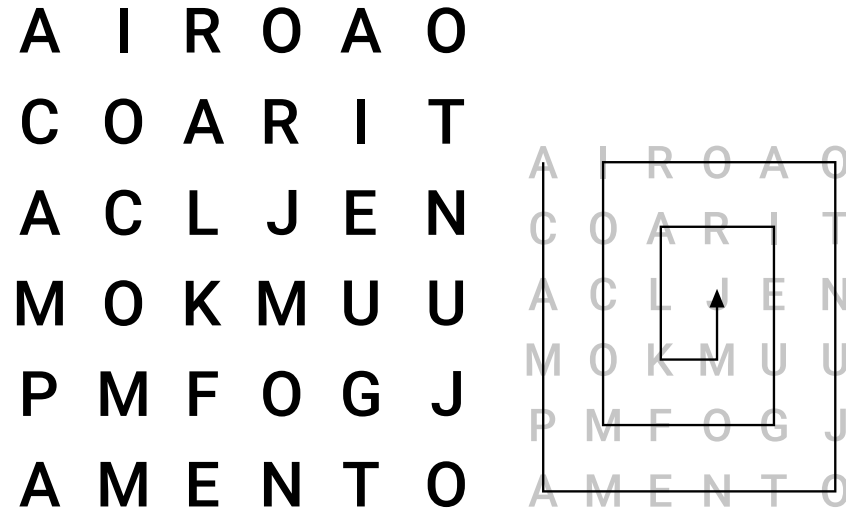
Usando o número 5 como exemplo, o número de letras presente na mensagem não pode ultrapassar o quadrado de 5 (5x5), que é 25. A forma mais correta de escolher a chave para este código prende-se com o resultado do quadrado do número mais próximo ao de letras que queremos utilizar. Por exemplo, se a mensagem tiver 34 letras, já teremos de usar o quadrado de 6 (6x6) que é 36.

Exemplificando:

As letras são dispostas em caracol, no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio, os espaços a mais devem ser preenchidos por letras ao acaso. A mensagem que antes de ser codificada, tem este aspeto:

AIROAOCOARITACLJENMOKMUUPMFOGJAMENTO

Para decifrar, é necessário contar o total de letras da mensagem e encontrar a raiz quadrada do número que obtivermos, pois este vai dar-nos o número de letras que compõem a largura da tabela. De seguida é só lermos em caracol, como está abaixo exemplificado. (Corpo Nacional de Escutas, 2008, p.121).



Mensagem decifrada:

ACAMPAMENTO JUNTO AO RIO COM FOGUEIRA

Figura 59| Código Caracol.

3.3 | Projetos inclusivos e diversificados

Após ter explorado como a temática que aqui estou a desenvolver é abordada por alguns movimentos escotistas, considereei pertinente compreender como é que esta está a ser trabalhada de forma geral, portanto, para finalizar, vou apresentar dois projetos independentes do escotismo que trabalham temáticas de inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+.

Human Rights Campaign

“ Our goal at the Human Rights Campaign is to ensure that every LGBTQ+ person is free to live their life openly, with their equal rights ensured. We know that goal requires that we keep educating, supporting and inspiring ourselves and each other. In the spirit of that continual growth, we’ve compiled information and advice on a range of topics, including resources from the HRC Foundation. Human Rights Campaign (Human Rights Campaign, n.d.).



Figura 60| My Pronouns Are Pin, Human Rights Campaign, n.d.

A *Human Rights Campaign* (HRC) tem como visão um mundo onde todos os membros da comunidade LGBTQ+ tenham a liberdade de se assumir e viver sem o medo de serem penalizados pela lei. Esta campanha conta com a presença de três milhões de membros e apoiantes aos quais incentiva a oporem-se aos ataques às pessoas mais marginalizadas da comunidade LGBTQ+ (Human Rights Campaign, n.d.).

Esta campanha conta com quarenta anos de existência e mobilização contra a discriminação e medo das pessoas LGBTQ+ e tem como propósito assegurar que esta comunidade, particularmente pessoas trans, cor e HIV +, sejam tratadas como cidadãos iguais perante a lei no mundo inteiro, procurando um mundo onde às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero e Queer, e todos os outros membros da comunidade que utilizem uma linguagem diferente para se descreverem, seja assegurada a sua igualdade como membros ativos da sociedade (Human Rights Campaign, n.d.).

Considere importante ter em conta este projeto durante o desenvolvimento do meu trabalho, pois consiste numa iniciativa que acompanhou parte da história da comunidade LGBTQI+, assim como surgiu precisamente com o objetivo de promover a emancipação desta comunidade.

Genderbread Person

O presente caso estudo consiste num recurso educativo feito pelo *Hues*, um coletivo de artistas, educadores e ativistas que cria arte, ferramentas e recursos com o objetivo de reforçar a justiça global. *The Genderbread Person* é uma ferramenta de ajuda à compreensão da construção social de género, tendo como objetivo ajudar no entendimento das complexidades inerentes a género e consistindo numa ferramenta utilizada por diversos educadores (Hues, n.d.).

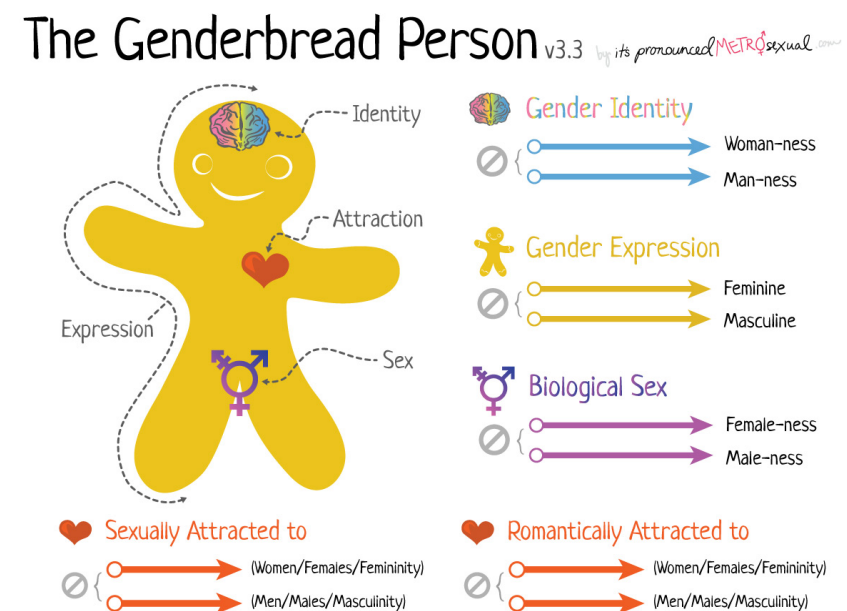


Figura 61 | Sam Killermann, *It's Pronounced Metrosexual*, 2011.

A figura 75 de Sam Killermann foi publicada no *It's Pronounced Metrosexual* (2011), sendo esta a versão mais popular e contando com a partilha de inúmeras versões e traduções ao longo dos anos. Neste website estão disponibilizadas variadíssimas versões desta ferramenta realizadas por Killermann que afirma que abdicou de todos os direitos relativamente ao trabalho aqui desenvolvido, de forma a ser possível que este seja utilizado por qualquer um e sem quaisquer restrições (Genderbread person, 2020).

Este projeto foi importante porque, em parte, tem o mesmo objetivo que o trabalho que aqui proponho, ambos consistem numa ferramenta educativa para a inclusão e diversidade LGBTQI+.

4.0

Objetivos do projeto

De modo a poder enunciar os objetivos que pretendo alcançar com o projeto que aqui apresento, torna-se necessário compreender em que consiste a WOSM, os princípios que esta defende e a sua visão sobre inclusão e diversidade no escotismo, pois o objetivo do meu projeto prático é a criação de um sistema de insígnias que tenha em conta as propostas feitas pela WOSM às associações escotistas nacionais, tendo este projeto como princípio a promoção da inclusão e diversidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista.

4.1 | O escotismo mundial e a WOSM

A WOSM é uma organização mundial sem fins lucrativos que tem como propósito servir o movimento escotista e promover a união e entendimento dos propósitos e princípios escotistas, facilitando a sua difusão e desenvolvimento. Atualmente é constituída por 171 organizações nacionais escotistas (NSO – National Scouts Organizations) espalhadas por todo o mundo e divididas em seis regiões: Africana, Árabe, Ásia Pacífica, Eurásia, Europa e Interamericana (WOSM, n.d.).

De três em três anos acontece a *World Scout Conference* (WSC) que é constituída pelo corpo governante da WOSM sendo eleito o *World Scout Committee*, o corpo executivo da organização. Existe também o *World Scout Bureau*, o secretariado que, por sua vez, é chefiado por um secretário-Geral (WOSM, n.d.)

World scout conference

A *World Scout Conference* é governada por uma assembleia geral do escotismo, composta por membros de todas as NSOs, *Nacional Scout Organizations*, sendo que cada uma pode ter até seis delegados. O objetivo desta conferência é considerar a política e os padrões do movimento escotista mundial, formular a política geral da organização mundial e tomar as medidas necessárias para promover o propósito do movimento. Para além das pessoas delegadas para participar na WSC, as NSOs também podem eleger elementos para participarem no evento, estes normalmente são comissários internacionais ou escoteiros responsáveis pelas relações com a WOSM e com as NSOs de outros países. (WOSM, n.d.).

Como complemento à conferência, existe também o *World Scout Youth Forum*, através do qual são preparadas sugestões de temas para serem abordados na *World Scout Conference* e recomendações para o *World Scout Committee*. Este fórum está aberto a membros entre os 18 e os 26 anos e muitos deles são delegados para participar

na WSC. O *World Scout Youth Forum* é considerado uma medida interna que objetiva o aumento do envolvimento jovem nas decisões a nível mundial. (WOSM, n.d.).

Depois da primeira guerra mundial, o fundador, para provar que era possível juntar os jovens das diferentes nações numa partilha de interesses e ideais, organizou o primeiro acampamento mundial de escoteiros, *World Scout Jamboree*. Durante este evento, os líderes dos diversos contingentes em conjunto decidiram que era necessário criar uma rede mundial do movimento. Este encontro informal é hoje considerado a primeira conferência internacional, *World Scout Conference*. Ficou então decidido que posteriormente a este encontro os líderes escoteiros de cada nação deveriam reunir-se de dois em dois anos. Este encontro tornou-se formal em 1922, foi eleito o comitê internacional e foram definidas as suas funções. Foi também nomeado um grupo responsável por definir a constituição do escotismo mundial, que foi adotada na conferência seguinte em 1924. Esta conferência tinha como objetivos promover a união, integridade e desenvolvimento do movimento escotista a nível mundial. Para alcançar este objetivo, foi criada uma estrutura que possibilitasse a troca de ideias e informação entre os diversos membros do movimento e que se apoiasse numa política geral. Uma estrutura que tivesse em conta os relatórios e recomendações tanto do comitê mundial como dos membros das diferentes organizações escotistas e que funcionasse formalmente, possuía processos como: eleições, pedidos de adesão, taxas de inscrição, alterações à constituição e aos estatutos (WOSM, n.d.).

A paz e os Direitos Humanos

“ *Our members across the world are demonstrating through their actions that they want to see a more tolerant, inclusive society that accepts and welcomes people from all different walks of life. A world that respects and protects the planet that we live on and one where everyone has equal access to education, health care, and basic human rights* (World Scouting, 2017).

Todas as resoluções adotadas pela *World Scout Conference* são importantes para as futuras decisões da Organização. Segundo esta afirmação a WOSM disponibilizou no seu site todas as resoluções tomadas desde o primeiro encontro mundial (1920). Existe ainda um documento especificamente dedicado à paz e aos direitos humanos, que vou referir mais à frente, criado com o objetivo de servir de guia e suporte às NSOs na implementação destes ideais no seu contexto institucional e como parte do seu programa educacional. Este documento propõe uma revisão às temáticas referentes à paz e direitos humanos presentes nas propostas educativas dos jovens, através de uma estrutura de exemplos simples que demonstrasse aos chefes e líderes escoteiros como a paz e os direitos humanos devem ser abordados, dando visibilidade à importância da sua presença nas comunidades (World Scout Bureau Inc., 2018).

Direitos Humanos no escotismo

Quando a declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada, em 1948, tornou-se uma referência relativamente aos diferentes tipos de discriminação. Desde essa data que a definição e entendimento dos Direitos Humanos têm evoluído imensamente e tentado adaptar-se o melhor possível ao cenário global. O Escotismo, assim como a sociedade, teve de lidar com as diferentes problemáticas que foram surgindo relativamente aos Direitos Humanos, especialmente no contexto global onde existem diversas variantes e entendimentos dos mesmos problemas. Alguns dos exemplos das dificuldades que surgiram nas *World Scout Conferences* e *World Scout Events* anteriores são relativas à discriminação de orientação sexual ou identidade de género (World Scout Bureau Inc., 2018).

Ao ser reconhecida a importância dos Direitos Humanos no Movimento, ficou claro que todos deveriam usufruir deles, sem qualquer distinção. Foi proposto aos diversos Estados membros que promovessem e protegessem todos os Direitos Humanos e liberdades fundamentais independentemente dos seus sistemas políticos, económicos e culturais. Através da promoção dos Direitos Humanos, o Escotismo pode agir como um espaço onde as crianças e os jovens de todo o mundo são incentivados a adotar princípios de justiça, igualdade e respeito, através da defesa da igualdade de oportunidades e dignidade sem discriminação. No panorama internacional, devido à discriminação inerente à orientação sexual e identidade de género, houve uma inclusão dos direitos das pessoas da comunidade LGBT na família dos direitos humanos (World Scout Bureau Inc., 2018).

As questões levantadas relativamente aos direitos da comunidade LGBT são reconhecidas como um assunto culturalmente e politicamente sensível, sendo difícil, e até mesmo impossível, chegar a um consenso em todas as Organizações Nacionais sobre que medidas devem ser tomadas. Dito isto, a Orientação Sexual e a Identidade

de Género foram consideradas um tópico integrante da educação dos Direitos Humanos. No documento, *Peace and Human Rights in Scouting* (2018), emitido pela WOSM, é declarado que: “For this document, Sexual Orientation and Gender Identity is considered as one of the topics that human rights education should cover, as appropriate” (World Scouting, 2018, p.16).

4.2 | Motivações do projeto

Durante o processo de concepção do presente trabalho pude compreender diversos aspetos, durante a componente escrita, tive a preocupação de entrevistar pessoas dentro do movimento escutista no qual cresci, o CNE. Dividi as entrevistas em três grupos. No primeiro entrevistei escuteiros e ex-escuteiros do CNE e nesta escolha tive como preocupação entrevistar pessoas que, até certo ponto sentiam/sentiram que divergiam com as ideologias do CNE. Um dos exemplos é a citação presente na introdução que se refere ao aparecimento da equipa *Escutismo para todos* (p.17 - 18), o que me permitiu compreender que, dentro do CNE, já existiam escuteiros com a preocupação de promover um movimento mais inclusivo. O segundo ponto da minha metodologia que se refere à Recolha e análise de opiniões relativamente à temática da Inclusão e Diversidade no CNE, entrevistei duas pessoas ex-escuteiros que também expressaram que o movimento era parcialmente exclusivo. Um dos escuteiros, em resposta à pergunta *Quais os valores que um dirigente (CNE) deve transmitir aos jovens?*, afirmou que:

“ Acima de tudo esses valores que às vezes são muito apregoados no escutismo (CNE), mas que no fundo (...) se fores a ver são limitados (...), por exemplo tolerância respeito pelo próximo, igualdade, respeito e promoção da diversidade e tolerância a todos os níveis, não só de pensamento, mas também religioso (...), acho isso bastante importante, mas lá está, pela vivência que tive no escutismo isto só é apregoadado até a um certo ponto (entrevista a ex-escuteiro/a do CNE, 2020).

O outro escuteiro/a corroborou esta opinião quando lhe perguntei se considerava o CNE um movimento inclusivo e diversificado. Passo a citar:

“ (...) no panorama em que o CNE foi criado, sim considero, porque é um movimento católico, ou seja, dentro do panorama católico é inclusivo, agora dentro do panorama geral da sociedade na qual se afirma e na qual tem as suas linhas orientadoras não é inclusivo porque para o CNE é exclusivamente católico.

(...) Essa é uma das partes que não é inclusiva, depois a parte, por exemplo, se um dirigente não for casado, (...) ou se viver em união de factos apenas, ou se for um homossexual (...) ou de alguma forma não cumpra a norma da sociedade aí, nesse sentido, não é inclusivo (entrevista a ex-escuteiro/a do CNE, 2020).

No segundo grupo que entrevistei tive como preocupação abordar dois dirigentes do movimento escutista. Um deles, como resposta à pergunta *Como é que o CNE poderia ser mais inclusivo?* referiu a importância de trabalhar igualdade de género dentro do movimento, afirmando que, dentro do mesmo, ainda que sem querer, são reproduzidos papéis sociais que dificultam o trabalho sobre igualdade de género dentro do CNE. Passo a citar:

“ *Acho que o CNE deveria incluir e tendo em conta até agora a questão da nova maravilha do método da comunidade (...), deveria incluir as questões do trabalho com a igualdade de género, que é muito mais abrangente, e trabalhar isso. Até por causa da questão dos papéis sociais, nós continuamos, sem querer (...) a reproduzir alguns papéis sociais que tornam mais difícil trabalharmos para a igualdade de género. (...) a parte da sexualidade é uma parte da igualdade de género, mas a igualdade de género é muito mais do que isso, até do ponto de vista da intervenção das mulheres e dos homens na própria sociedade e começa logo por coisas como a diferença salarial e com a diferença salarial também vem a diferença de reconhecimento do trabalho que é feito. (...)* (entrevista a dirigente do CNE, 2020).

Por fim, o terceiro grupo consistiu em entrevistas a padres assistentes e simpatizantes do movimento escutista. Esta terceira parte foi muito importante porque me permitiu entender a visão religiosa do movimento, senti que me permitiu compreender a forma como estes padres viam a parte espiritual do método educativo que CNE propõe no desenvolvimento dos seus jovens. Foram estas entrevistas que me permitiram delinear a forma como abordar o presente assunto e encaixá-lo na minha parte teórica, porque acima de tudo o que pretendo atingir com este trabalho é uma abordagem que respeite os ideais de toda a gente e criar um terreno onde seja possível

todos existirem com as suas diferenças, durante todo o processo tive sempre em mente que estava a criar um trabalho diversificado para pessoas diversificadas.

Considerarei esta ser uma abordagem importante no desenvolvimento deste trabalho pois permitiu-me questionar como é que este artefato gráfico seria recebido na associação escutista que me inspirou a desenvolvê-lo. Pude compreender quais são as diferentes perspetivas relativamente à temática em questão, o que me permitiu identificar quais seriam os problemas que este artefato gráfico poderia levantar no CNE, assim como os seus pontos positivos. Estas entrevistas fizeram-me compreender que o que eu senti durante a meu percurso no CNE foi sentido por mais gente, foram a confirmação de que o projeto que aqui proponho faz sentido existir no movimento escotista.

Em conclusão, o que me motivou a realizar este projeto foi a necessidade que senti em materializar a voz desta comunidade. Com o sistema de insígnias que aqui proponho acredito que estou a cumprir o meu dever enquanto escuteira, ao incluir uma comunidade que ainda não se sente totalmente representada no movimento escotista, e como designer, considero que estou a propor uma aplicação do design que visa a representação de uma comunidade que tem sido historicamente negligenciada.

4.3 | Objetivos do projeto

O presente projeto tem como objetivo gerar um artefato gráfico que proponha a existência de uma associação escotista que tenha em conta as propostas da WOSM. Materializando-se num sistema de insígnias que complemente o método educativo escotista, este projeto tem como mote a representação da comunidade LGBTQI+ no movimento escotista.

Sendo que o escotismo defende um método que objetiva tornar os jovens capazes de se inserirem na sociedade de forma proativa e positiva, o sistema de competências de inclusão e diversidade reforça esta inserção, apelando à entrada na sociedade com um pensamento aberto, inclusivo e respeitador de todas as diferenças, tendo como foco a diversidade existente dentro da comunidade LGBTQI+ e a existência desta comunidade no mundo em que todos habitamos.

5.0

Metodologia

A metodologia utilizada na criação do projeto prático é uma junção de duas metodologias, *design justice* e *design thinking*, ambos os métodos de pensar sobre design são introduzidos e posteriormente comparados. Após a comparação de ambas as metodologias, é gerada a metodologia adaptada ao projeto em questão.

5.1 | Design justice

Em resposta às problemáticas levantadas, surge o recurso ao *Design justice* (2020) com a pretensão de levantar a seguinte questão: será que funcionamos de forma universal? Concluindo o exato oposto, percebe-se que, o que é uma vantagem (*affordance*) para uns, pode ser uma desvantagem (*disaffordance*), para outros. Não existe uma “melhor” solução no design, na medida em que o design justice defende que é preciso reconhecer que existem *affordances*, *disaffordances* e *dysaffordances* que privilegiam algumas pessoas e prejudicam outras (Costanza-Chock, 2020).

Aos olhos do *design justice*, dado o nosso sistema capitalista neoliberal, os designers reproduzem inconscientemente a matriz dominante - a generalidade branca, heteronormativa e capitalista. O *design justice* questiona-se se, independentemente das intenções dos designers, as vantagens (*affordances*) de um objeto ou sistema gerado através do design, reduzem de forma desproporcional nas comunidades que atualmente já são oprimidas enquanto aumentam nos grupos dominantes (Costanza-Chock, 2020).

É neste contexto que surgem as *microagressions*, normalmente não intencionais, expressões de poder e preconceitos individuais de grupos dominantes a grupos marginalizados que constantemente passam por manifestações de opressão. Para muitas pessoas de grupos marginalizados, a forma como a matriz dominante é reproduzida, através de todo o tipo de objetos e sistemas, gera um constante sentimento de exclusão, um sentimento materializado em “this world was not built for us” (Costanza-Chock, 2020, p.45), regularmente expresso pelos grupos marginalizados através de abordagens intelectuais, práticas criativas – artísticas, poéticas, musicais, entre outras.

As *microagressions*, materializadas pelo design, são normalmente geradas por uma interação particular com o sistema ou objeto. De qualquer forma, estes remetem para um panorama bem mais vasto e são gerados através da matriz dominante. Como analogia a esta afirma-

ção, cito o trabalho da autora: “Even for a moment, the user is ‘put in their place’ through the interaction.” (Costanza-Chock, 2020, p.45).

Estas *microagressions* podem gerar efeitos duradouros e são desvalorizadas por aqueles que não as sofrem na primeira pessoa, o atual design reproduz de forma constante uma desigualdade de poder a nível de recursos tecnológicos em grandes e pequenos domínios. A rede de *design justice* tem como propósito certificar-se que nenhum destes casos é visto de forma isolada, sendo estes acontecimentos associados às consequências de um processo generalizado que é sistematicamente reproduzido pela matriz dominante. O *design justice* repensa nos processos do design, tendo como foco a perspectiva das pessoas que normalmente são marginalizadas pelo design, usa o trabalho colaborativo e práticas criativas para abordar os desafios que as nossas comunidades enfrentam.

“ (...) *design pedagogies that promote critical thinking are not incompatible with the development of practical design skills. Design justice is a framework that can help guide us as we seek to teach computing, software development, and design in ways that support, rather than suppress, the development of critical consciousness and that provide scaffolding for learners’ connections to the social movements that are necessary to transform our world* (Costanza-Chock, 2020, p.209).

Na teoria o *design justice* exige um design equitativo, tanto no seu processo como no resultado final. Na prática, todos os projetos de design têm recursos e tempo limitados que resultam quase sempre num balanço entre desenvolver um processo inclusivo e finalizar um produto. Surgindo assim tensões entre os princípios do design justice, aqueles que dão ênfase a um processo de design inclusivo, em oposição aos que priorizam o impacto na comunidade acima das intenções do designer. O projeto de design pode ser extremamente inclusivo e ge-

rar um sentido de pertença a todos os seus participantes, recompensando-os a todos pelo seu trabalho, no entanto, falhar na produção de um produto útil à comunidade. Também pode acontecer o contrário, um processo que falha em ser inclusivo, mas que, no entanto, gera um produto útil e adorado por todos. Estas tensões são impossíveis de serem resolvidas na sua totalidade, mas não invalidam as tentativas dos praticantes de *design justice* de gerar bons resultados em ambas as partes do processo.

“ *There may be no perfect design process, where a multicultural, multilingual, queer, variously abled group of designers, researchers, community members, coders, and testers frolic together under a happy rainbow of radically inclusive design (...), but there are many, many designers in various fields who work every day to make our processes more inclusive and more just* (Costanza-Chock, 2020, p.219).

Esta metodologia não implica que devemos reduzir as nossas opções apenas àquelas que satisfazem todos os critérios daqueles que se encontram prejudicados pela matriz dominante, na verdade o *design justice* fomenta exatamente o oposto, ao promover a criação de um leque de possibilidades mais abrangente por parte do design, onde cada objeto reflete a necessidade de um grupo em particular, tornando-se num design que reconhece e respeita as diferenças e necessidades de cada um, ao contrário de aparentar ser universal e desapegado de quaisquer valores. Pretende assim ser uma abordagem que valoriza o seu desenvolvimento através do diálogo, empatia e a experiência de vida das pessoas das comunidades que estão a ser mais afetadas, tanto pelo objeto ou sistema gerado pelo design, como pelo processo em si (Costanza-Chock, 2020).

O *design justice* sugere ainda a necessidade de criar novas narrativas sobre quem participou no design do nosso mundo e sobre quem deve

participar futuramente, convidando-nos a reconfigurar o que nos rodeia de forma que as *affordances* e *disaffordances* sejam redistribuídas de forma equitativa.

“ (...) *any approach to redesigning education that leaves history and structural inequality out of the picture is not an approach that will turn out well for youth of colour, low-income youth, and others who have always been marginalized by the formal educational system* (Costanza-Chock, 2020, p.235).

No anexo 2 (p.226) apresento um resumo dos pontos que constituem a metodologia proposta por *design justice*.

5.2 | Design thinking

O *design thinking* propõe a adoção do método de pensamento do design em problemas exteriores ao design em si. Esta metodologia apoia-se na nossa habilidade intuitiva de reconhecer padrões, de construir ideias que detêm, tanto funcionalidade como um significado emocional, assim como na nossa capacidade de expressão nos média utilizando formatos para além de palavras ou símbolos (Brown, 2019).

O objetivo é que os designers desenvolvam uma ideia já existente, de modo a torná-la mais atrativa e responsiva aos desejos e necessidades do consumidor. A criação de um protótipo é um fator importante, pois este método funciona à base do teste, que serve para perceber como se comporta a ideia na prática. O processo divide-se em três fases principais: inspiração, idealização e implementação, resultando na procura de um problema, uma proposta de solução e respetiva implementação. Um projeto no qual esta metodologia é aplicada vai andar em constante variação entre estas três fases, especialmente entre as primeiras duas. O protótipo serve para testar

um caminho e aprimorar os seus erros, voltando atrás no processo, podendo reformular-se ou encontrar novas direções. (Brown, 2019).

O *design thinking* é também caracterizado por reunir especialistas nas áreas abrangidas pelo projeto que está a desenvolver, ganhando um caráter interdisciplinar e uma maior capacidade de perceção dos problemas que poderão surgir no futuro. Esta metodologia foca-se mais na amplitude do projeto do que na sua performance no mercado, provando que esta não deve ser o principal foco de desenvolvimento.

“ *What we need is an approach to innovation that is powerful, effective, and broadly accessible, that can be integrated into all aspects of business and society, and that individuals and teams can use to generate breakthrough ideas that are implemented and that therefore have an impact (Brown, 2019, p.9).*

5.3 | Abordagem metodológica

De modo a obter uma metodologia que fosse de encontro aos objetivos do projeto, decidi fazer a junção destes dois métodos, o *design thinking* e o *design justice*, originando assim um processo que se foca na idealização de um objeto de design que vai de encontro às necessidades dos seus utilizadores, tendo em conta as suas diferenças.

Após uma análise de ambos os processos, são perceptíveis diversos pontos em comum. Ambos defendem a necessidade de desenvolver uma ideia já existente, tendo sempre em conta as necessidades daquele que vai diretamente usufruir dela. De forma a alcançar este equilíbrio, o *design justice* sugere ainda que é necessário ouvir aqueles que já trabalharam ou atualmente trabalham dentro da problemática que pretendemos desenvolver.

Partilham ainda entre si a necessidade de reunir pessoas vindas de diversas áreas de conhecimento e da área sobre a qual nos estamos especificamente a debruçar.

A participação por parte do utilizador ou da comunidade no processo de criação do produto que pretendemos criar, é outra característica partilhada por ambos os métodos, sendo que o *design thinking* propõe a participação destas pessoas desde a fase inicial do processo projectual e o *design justice* sugere que a comunidade para a qual estamos a trabalhar deve ter uma voz ativa nas decisões que vão sendo tomadas, assim como uma noção das perspectivas futuras que calculamos alcançar.

De seguida, ambos defendem a necessidade da criação de um portefólio das ideias que vão surgindo, sendo que o *design thinking* defende que estas devem ser aplicadas a curto prazo, sempre calculando quais serão as suas repercussões a longo prazo. Por sua vez, o *design justice* acredita que estas ideias devem basear-se numa documentação de todas as práticas de design adotadas pela comunidade com a qual pretendemos trabalhar, sempre almejando abrir caminho para um espaço de debate sobre a problemática ou questão que pretendemos levantar.

São as duas concordantes na forma como defendem que o designer deve refletir no impacto que o seu trabalho pode causar, podendo este ser positivo ou negativo.

Não querendo ficar presos a uma metodologia específica, tanto *design justice* como *design thinking*, promovem uma visão abrangente da problemática em questão, incentivando a uma procura de soluções criativas e diferentes das metodologias já adotadas.

Apesar dessas confluências, existem pontos que são característicos de cada método. O *design thinking* defende a necessidade de criação de um protótipo que funcione à base do teste, de forma a entender como é que a ideia se comportaria na prática. Este não tem de ser necessariamente físico, apenas tem de estar apto a testar a ideia que estamos a pensar desenvolver. O processo de *design thinking* inicia-se por três fases, a Inspiração, que consiste na problemática ou oportunidade que nos motiva a procurar uma solução, a idealização, composta pelo processo de desenvolvimento e geração de ideias e a implementação que compõe a passagem dessas ideias para a prática, a sua implementação no mercado. O progresso do projeto de design não se desenvolve unidirecionalmente, este pode andar em constante movimento entre as três fases anteriormente referidas estando em constante melhoria.

Por sua vez, o *design justice* destaca-se por ter como objetivo sair da matriz dominante, indo em desencontro às tendências atuais e defendendo o uso dos meios de comunicação como ferramenta de libertação coletiva através da inclusão demográfica da comunidade com a qual está a trabalhar. Afirma também ser necessário que o projeto se oriente segundo um conjunto de valores, o designer deve ter a preocupação de transmitir os seus valores pessoais no trabalho. Por fim, é ainda necessário ter um conhecimento da história e a preocupação de trabalhar com pessoas experientes no assunto com o qual nos estamos a debater.

Feita uma análise dos pontos em que ambas as metodologias convergem, tornou-se possível criar uma metodologia aplicada ao projeto desenvolvido. Esta divide-se em sete pontos:

1- O que pretendo transmitir com o projeto? Que valores é que o projeto defende?

(palavras – chave e objetivos do projeto, p. 6-7 e p. 132-136).

2 - Recolha e análise de opiniões relativamente à temática da Inclusão e Diversidade no CNE.

A recolha e análise de opiniões são, na sua maioria, de escuteiros do CNE, tendo sido esta a comunidade de estudo e local onde experienciei a minha vivência dentro do movimento.

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, tive como preocupação compreender a opinião de alguns escuteiros do CNE (questionário *LGBTQ e o Escutismo* e entrevistas realizadas) de modo a poder cruzar mentalmente qual era a minha percepção do movimento e a percepção dos outros (consultar anexo 1, p. 225).

3 – Entrevistas a pessoas de áreas diferentes dentro do movimento escotista.

Informação recolhida em entrevistas a escuteiros (incluindo um representante do Escutismo para Todos), dirigentes e padres do CNE, entrevista a duas representantes da equipa Diversidades dos Escoteiros do Brasil e entrevista a João Armando – ex-presidente da WOSM. Estas entrevistas serviram de inspiração à conceção do meu projeto, assim como ajudaram a compreender a dimensão e a diversidade que o Movimento Escotista Mundial detém.

4 – Recolha de referências gráficas e projetos que remetem para a temática da Inclusão e Diversidade no Escotismo.

Criação de um portefólio de imagens e projetos que trabalhem a temática de inclusão e diversidade dentro e fora do movimento escotista. (Consultar projetos de referência, p.106 - 126).

5 – Criação do protótipo do artefato gráfico e obtenção do feedback das pessoas que inicialmente tomaram conhecimento do projeto.

Durante o presente projeto fui acompanhada por diversas pessoas, incluindo escuteiros e os meus orientadores, que me foram dando opiniões e orientando durante todo o desenvolvimento do presente trabalho. Fui recebendo feedback tanto a nível teórico, como no processo de concepção do artefato gráfico que aqui apresento. Na fase inicial deste trabalho tive como preocupação incluir nas entrevistas que realizei (mencionadas no ponto 3 desta metodologia) acrescentar um conjunto de perguntas relativamente à pertinência do projeto que pretendia desenvolver: “Qual a tua opinião em relação ao pretendido atingir com este projeto? Achas que é pertinente? Tens algo a apontar sobre as perguntas que anteriormente te foram colocadas? Queres acrescentar algo?”. Considero que este projeto, apesar de consistir no desenvolvimento de um tema a que me propus trabalhar, carregou consigo a opinião de diversas pessoas, pois tive sempre a preocupação de o ir alterando consoante as opiniões que críticas construtivas que me foram apresentadas.

6 – Expor e resolver a problemática de forma criativa.

Uso do Design Especulativo como sustento da realidade onde o projeto se vai sustentar, permitindo, assim, justificar a sua existência.

7 – Criação de um documento que permita ao observador entender o processo de conceção, o significado e o objetivo do artefato gráfico criado.

O capítulo 6 e respetivos anexos do processo de concepção das insígnias Inclusão e Diversidade LGBTQI+. Durante este capítulo é possível compreender o raciocínio criado por detrás deste conjunto de insígnias, assim como são justificadas as escolhas a nível gráfico das mesmas (formato, pictogramas, cor e aplicação). Trata-se de documento expositivo de todo o desenvolvimento deste projeto. Nele é possível compreender o caminho percorrido para a questão de investigação a que inicialmente pretendi responder, *Como pode o escotismo incluir a temática LGBTQI+?*.

6.0

Projeto

Sistema de insígnias Inclusão e
Diversidade LGBTQI+

A metodologia utilizada na criação do projeto prático é uma junção de duas metodologias, *design justice* e *design thinking*, ambos os métodos de pensar sobre design são introduzidos e posteriormente comparados. Após a comparação de ambas as metodologias, é gerada a metodologia adaptada ao projeto em questão.

6.1 | Sistema de insígnias Inclusão e Diversidade de LGBTQI+

O projeto *Insígnias Inclusão e Diversidade LGBTQI+* consiste num sistema de insígnias que visa incentivar o ensino da temática LGBTQI+ no método educativo escotista. Tem como objectivo gerar um artefato gráfico que proponha a existência de uma associação escotista que tenha em conta as propostas da WOSM. Materializando-se num sistema de insígnias que complemente o método educativo escotista, esta insígnia tem como mote a representação da comunidade LGBTQI+ no movimento escotista.

Sendo que o escotismo defende um método que objetiva tornar os jovens capazes de se inserirem na sociedade de forma proativa e positiva, o sistema de competências de inclusão e diversidade reforça esta inserção, apelando à entrada na sociedade com um pensamento aberto, inclusivo e respeitador de todas as diferenças, tendo como foco a diversidade existente dentro da comunidade LGBTQ e a existência desta comunidade no mundo em que todos habitamos. O sistema desenvolvido é composto por seis insígnias temáticas: *Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo*, *Escoteire inclusivo da diversidade LGBTQI+*, *Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+*, *Tipos de atração*, *Igualdade de género* e *Expressão de género* e por uma insígnia de mérito, que é recebida após a obtenção das seis anteriores.

Durante o meu percurso no escutismo, tive a oportunidade de aprender diversos códigos escutistas (exemplos de alguns códigos nos casos-estudo, p.69 - 71). Durante as nossas atividades haviam diversos momentos em que, para sabermos as coordenadas do local para onde tínhamos de ir ou descobrir uma pista que nos ajudasse a saber o que fazer, era-nos dada uma mensagem codificada. Também em momentos da história do design LGBTQI+, Campbell (2020) afirma que as primeiras organizações homófilas, por existirem num clima opositor, também se faziam valer de códigos visuais para comunicar de forma discreta. Dito isto, a minha primeira preocupação foi criar

um código visual constituído por dez pictogramas onde fosse possível, através da consulta da sua legenda, decodificar o título das seis insígnias constituintes deste sistema.

Iniciei este processo com esboços à mão (anexo 3, p. 232), o que me permitiu delinear rapidamente como alguns pictogramas se iriam apresentar e quantos pictogramas eram necessários para criar este sistema de insígnias. De seguida, foquei-me no desenvolvimento dos pictogramas de forma individual, chegando à conclusão de que seriam necessários dez pictogramas para poder construir um sistema coeso. No anexo 4 (p.242) encontra-se disposto o processo pelo qual cada pictograma passou até chegar à aparência abaixo disposta.

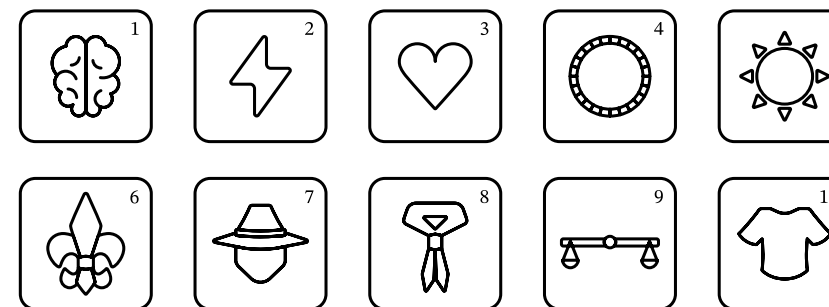


Figura 62| Pictogramas.

- | | |
|------------------------------------|---------------|
| 1 - Atração Emocional | 6 - Movimento |
| 2 - Atração física | 7 - Género |
| 3- Atração romântica | 8 - Escoteire |
| 4 - Inclusão e Diversidade LGBTQI+ | 9 - Igualdade |
| 5 - Expressão | 10 - Roupa |

Como suporte à construção dos pictogramas, foram criadas grelhas quadradas que orientaram o desenvolvimento das diversas imagens. De seguida passo a expor os diversos pictogramas e respetivas grelhas.

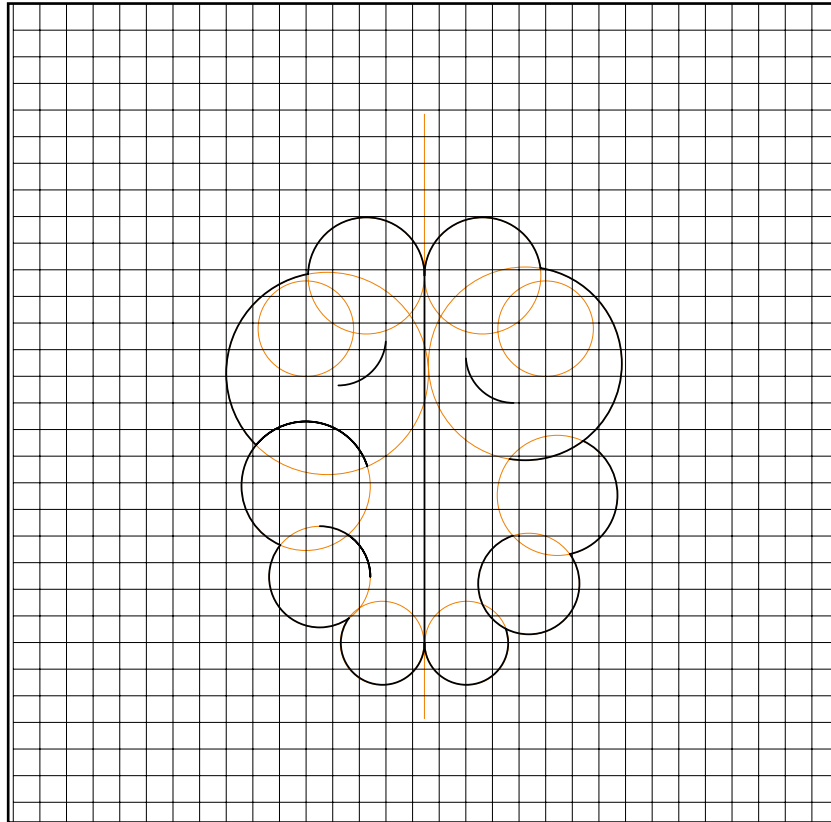


Figura 63 | Pictograma representativo de atração emocional.

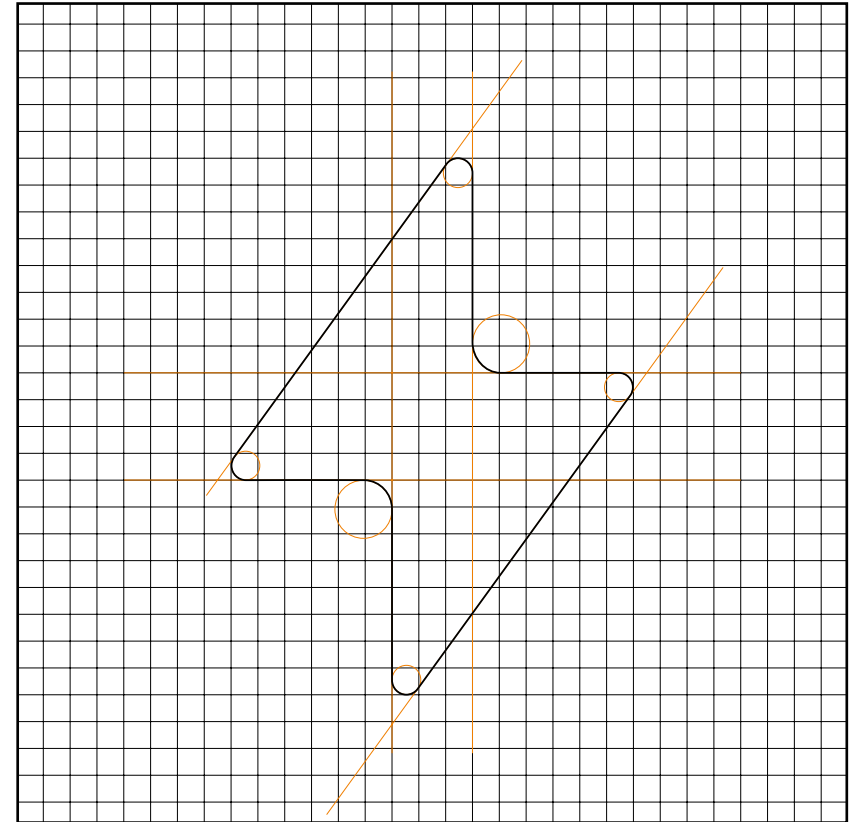


Figura 64 | Pictograma representativo de atração física.

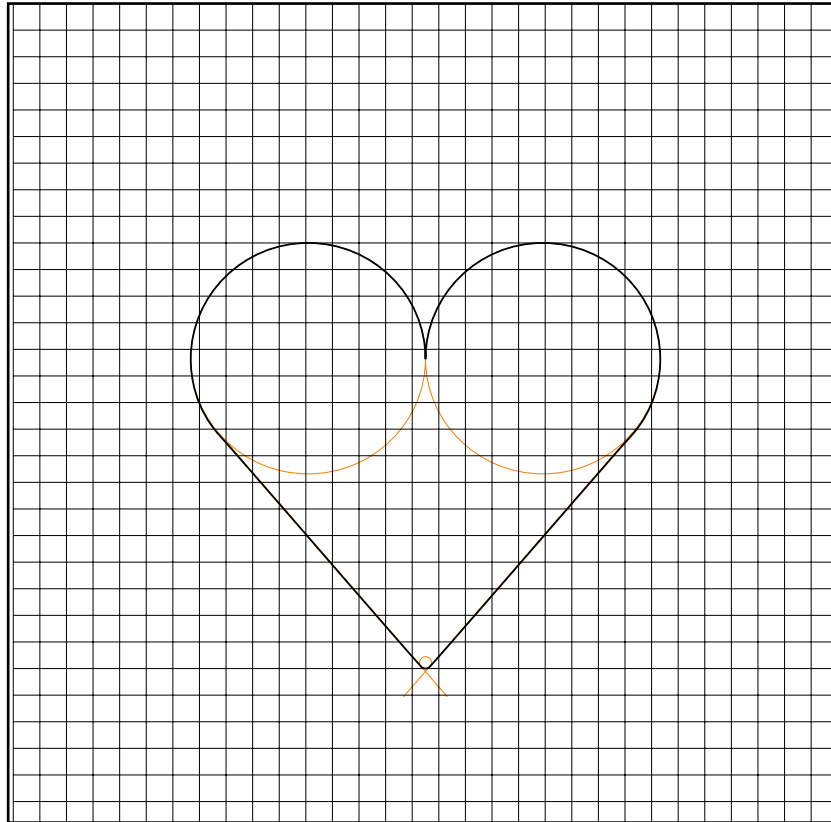


Figura 65| Pictograma representativo de atração romântica.

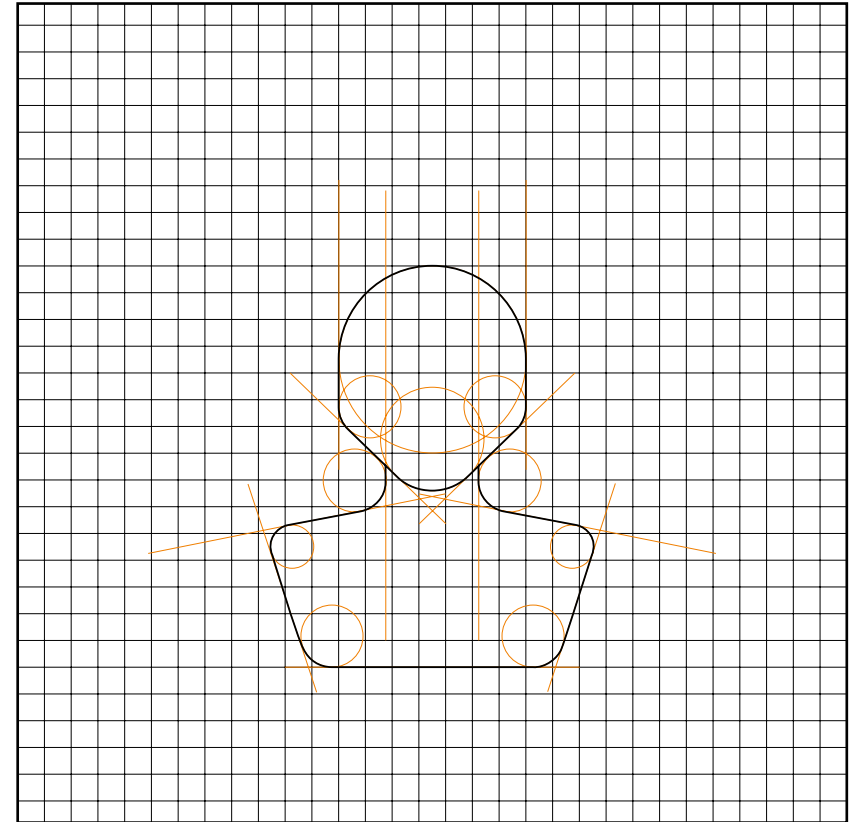


Figura 66| Suporte da insígnia *Tipos de atração*.

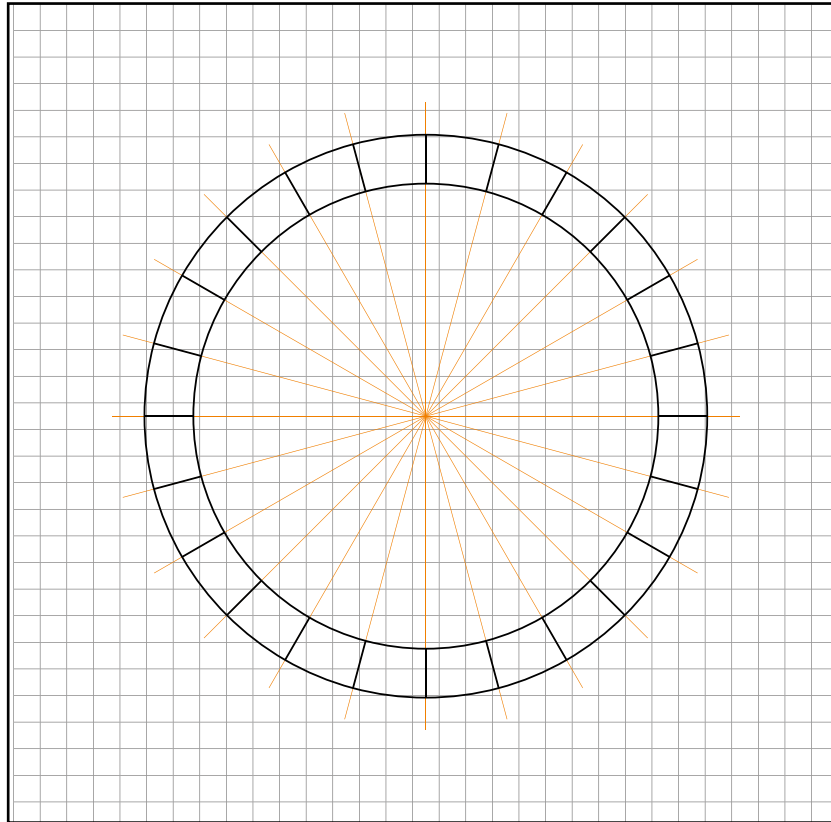


Figura 67 | Pictograma representativo de inclusão e diversidade LGBTQI+.

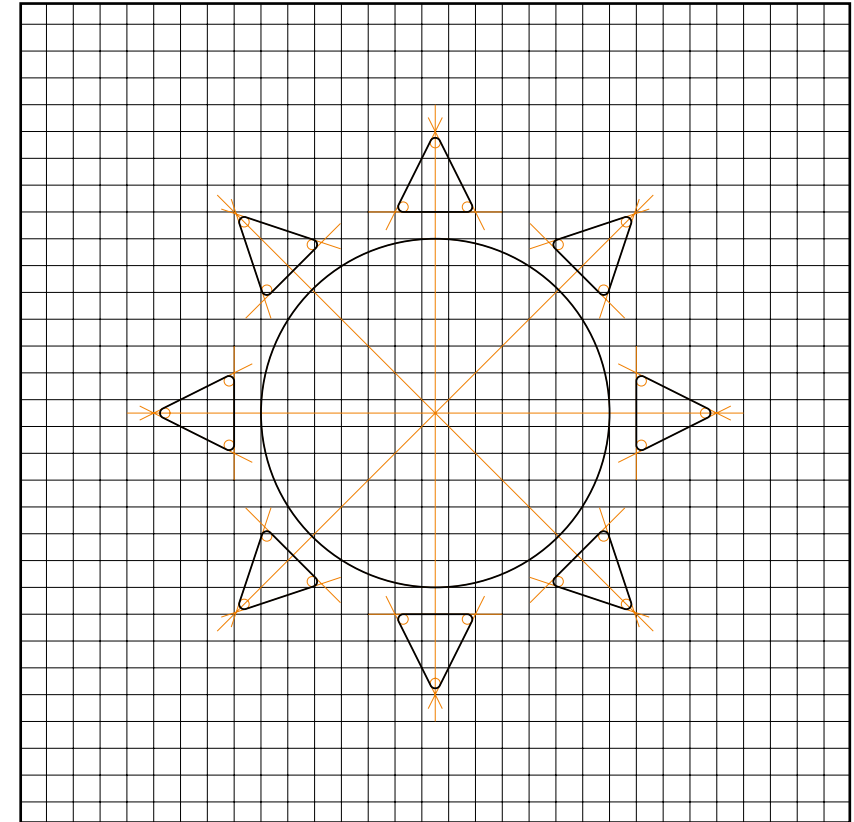


Figura 68 | Pictograma representativo de expressão.

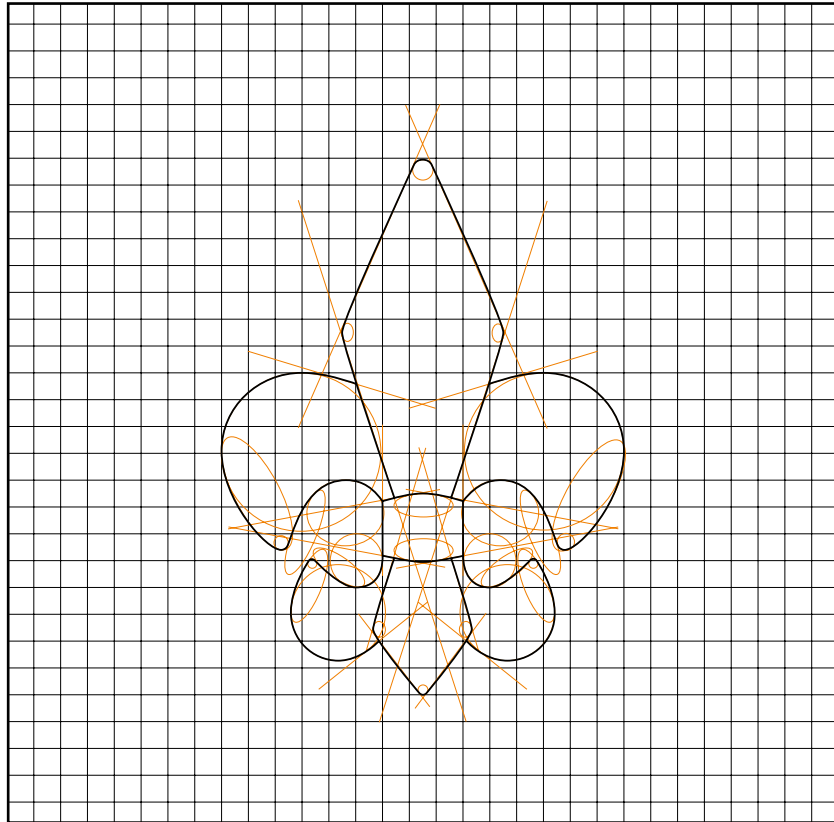


Figura 69 | Pictograma representativo de movimento.

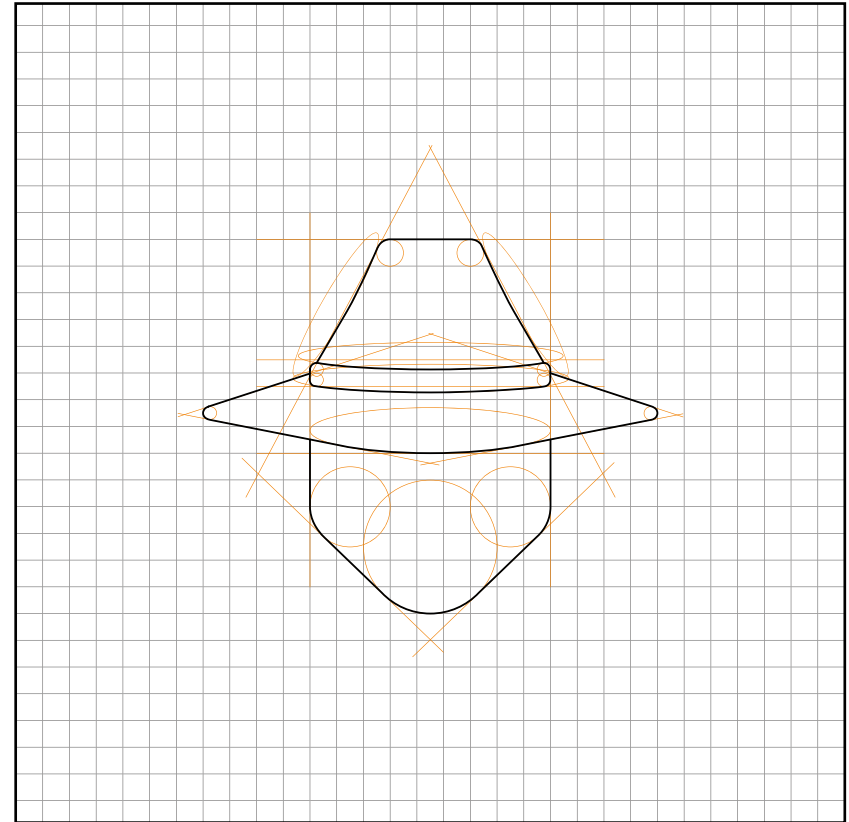


Figura 70 | Pictograma representativo de gênero.

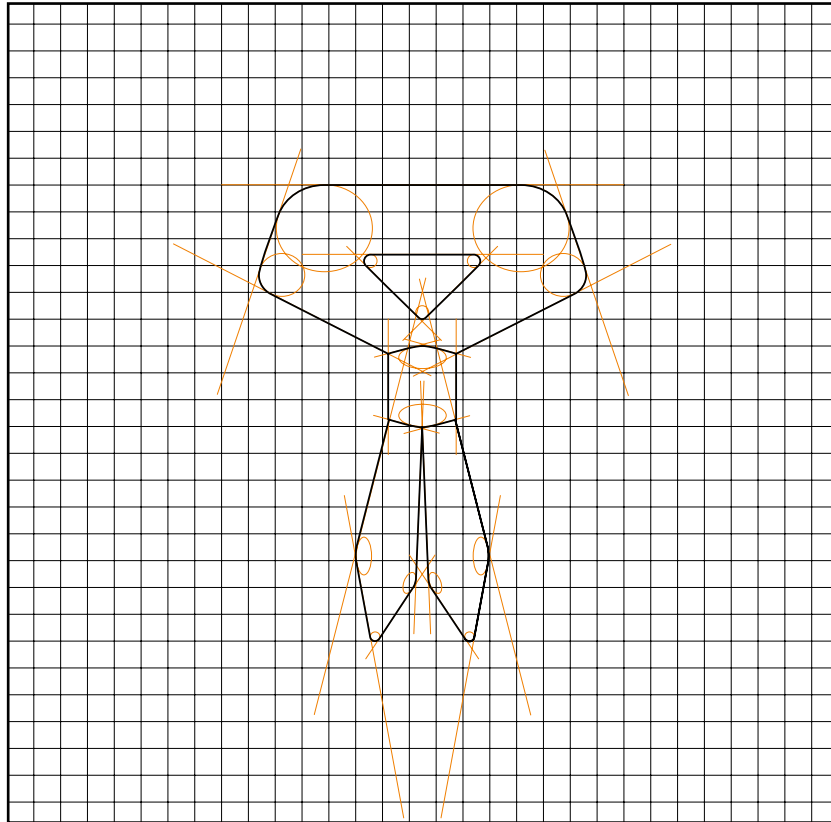


Figura 71| Pictograma representativo de escoteire.

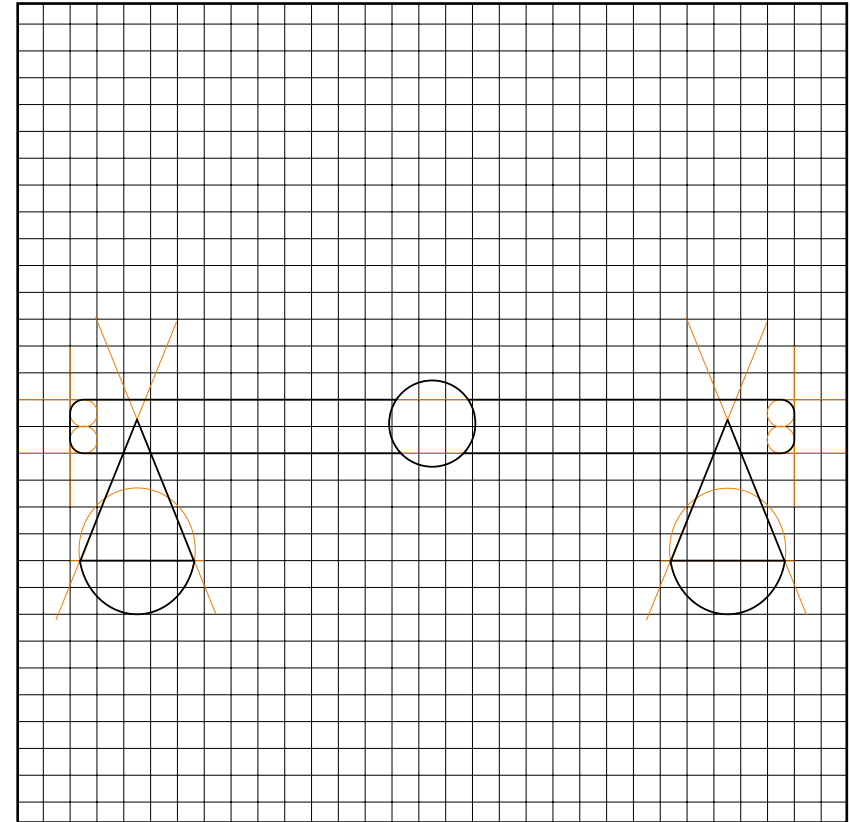


Figura 72| Pictograma representativo de igualdade.

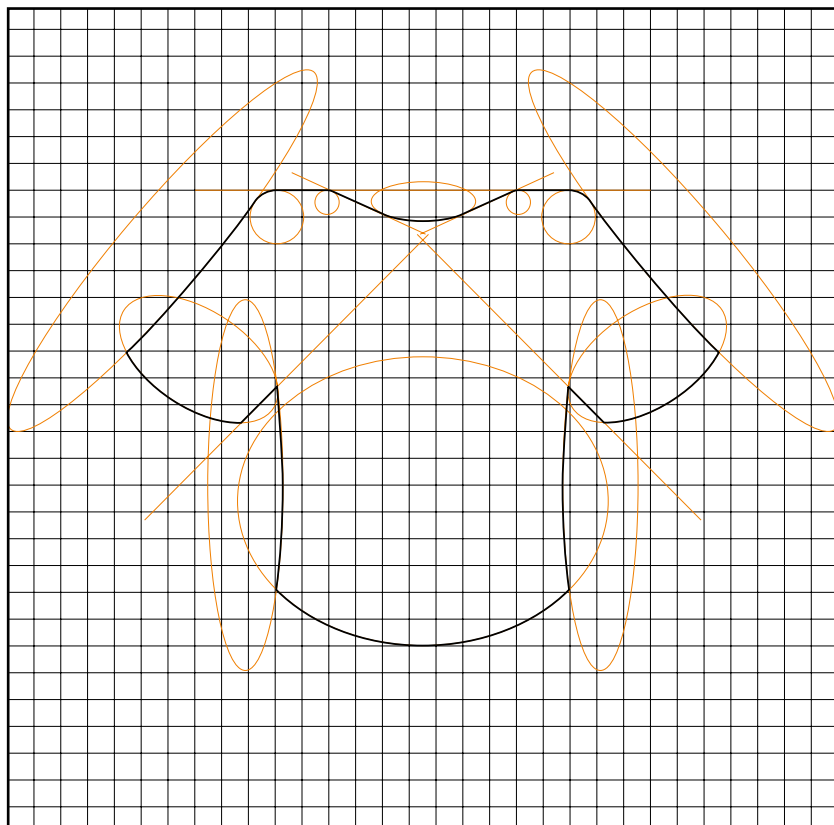


Figura 73| Pictograma representativo de roupa.

De seguida, preocupei-me em perceber em como estes pictogramas poderiam interagir de modo a conseguir criar uma linguagem gráfica para as insígnias. Esta interação foi feita através de grupos - constituídos pelos pictogramas pertencentes a cada insígnia. No anexo 5 (p.252) estão dispostas algumas das experiências que levaram à construção da presente disposição.

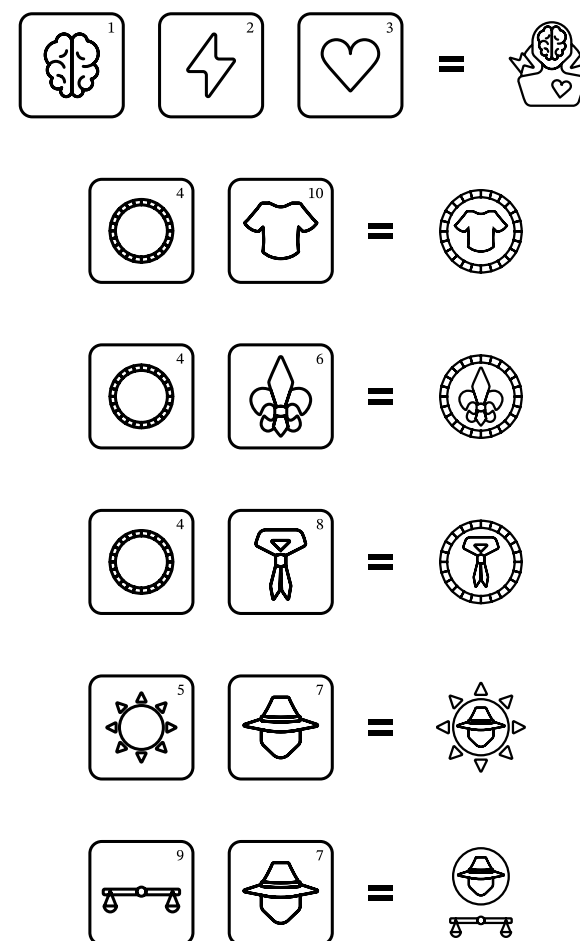


Figura 74| Pictogramas agrupados.

A cor foi o passo seguinte. Foram realizadas diversas experiências de forma a delinear a paleta de cores a ser utilizada. Um dos critérios que tive na escolha foi recorrer a cores que se relacionassem com o design da comunidade LGBTQI+. Em primeiro lugar, inspirei-me na bandeira LGBTQI+ de seis listras - o que me permitiu delinear as cores do pictograma Inclusão e Diversidade LGBTQI+. De seguida, ao sentir a necessidade de mais cores para preencher o chapéu e a face (e posteriormente o busto da insígnia tipos de atração), do pictograma género, a t-shirt do pictograma roupa, o cérebro do pictograma emocional, a anilha do pictograma movimento e os outlines pretos e brancos, incluí as cores da bandeira que se referem à comunidade trans e à comunidade negra, e acrescentei a cor lavanda, que é descrita por Campbell (2019) como tendo sido a cor adotada em botões utilizados num dos primeiros protestos públicos da comunidade LGBTQI+ (1964). No anexo 6 (p. 264) apresento alguns testes de cor que me ajudaram a definir a paleta de cores que vou apresentar na Fig. 75.



Figura 75| Códigos de cor.

Por fim, foi decidido o formato da insígnia e foram feitos diversos testes de forma a compreender como é que os diferentes formatos se relacionavam entre si e como se comportavam em conjunto. No anexo 7 (p. 276) apresento as experiências desenvolvidas relativamente ao formato das insígnias, a imagem abaixo disposta representa o formato escolhido.

Segundo A. D. Alexandrov, em *Convex Polyhedra* (2005), a Fig. 76, exemplifica o formato comum a todas as insígnias deste sistema. Consiste num hexágono irregular, também conhecido por ser um paraleloedro, isto é, um polígono que tem a particularidade de economizar espaço, pois consegue encaixar perfeitamente a totalidade dos seus lados devido ao facto das faces diretamente opostas serem todas paralelas. Dito isto, é possível que este polígono encaixe com outros polígonos iguais em todos os lados. A Fig. 77 exemplifica o anteriormente afirmado.

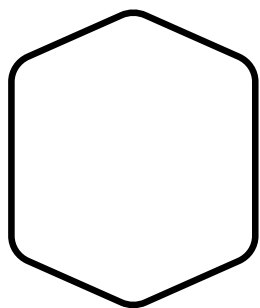


Figura 76| Forma da insígnia.

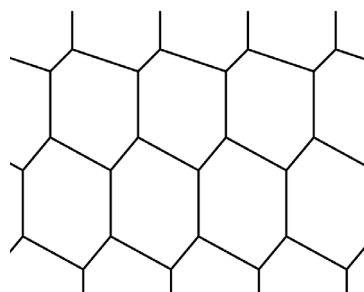


Figura 77| Encaixe da forma.

Definido o formato de cada insígnia, torna-se necessário compreender como é o conjunto vai funcionar. Visto que este sistema de insígnias não exige ao escoteiro qualquer regra de disposição, a única obrigatoriedade é o acesso à insígnia de mérito (conquistada após a obtenção das 6 insígnias de competência). A disposição aqui proposta consiste apenas numa sugestão, o escoteiro é livre de escolher o suporte onde quer usar as insígnias e dispô-las como lhe fizer mais sentido.

A insígnia de mérito (Fig.78) é adquirida como reconhecimento de que o seu portador completou todos os objetivos educativos propostos por este sistema. Esta insígnia significa que o escoteiro está apto para dialogar abertamente sobre a temática LGBTQI+ e ciente da importância da sua presença no movimento escotista. É uma insígnia que representa o orgulho LGBTQI+ no escotismo e identifica o seu portador como aliado ou membro da comunidade LGBTQI+ escotista.

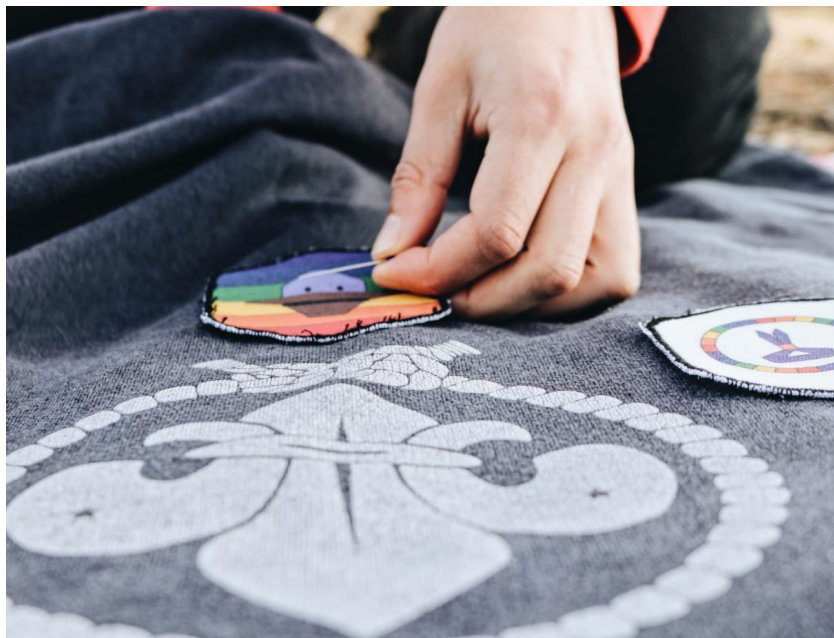


Figura 78| Insígnia de mérito.

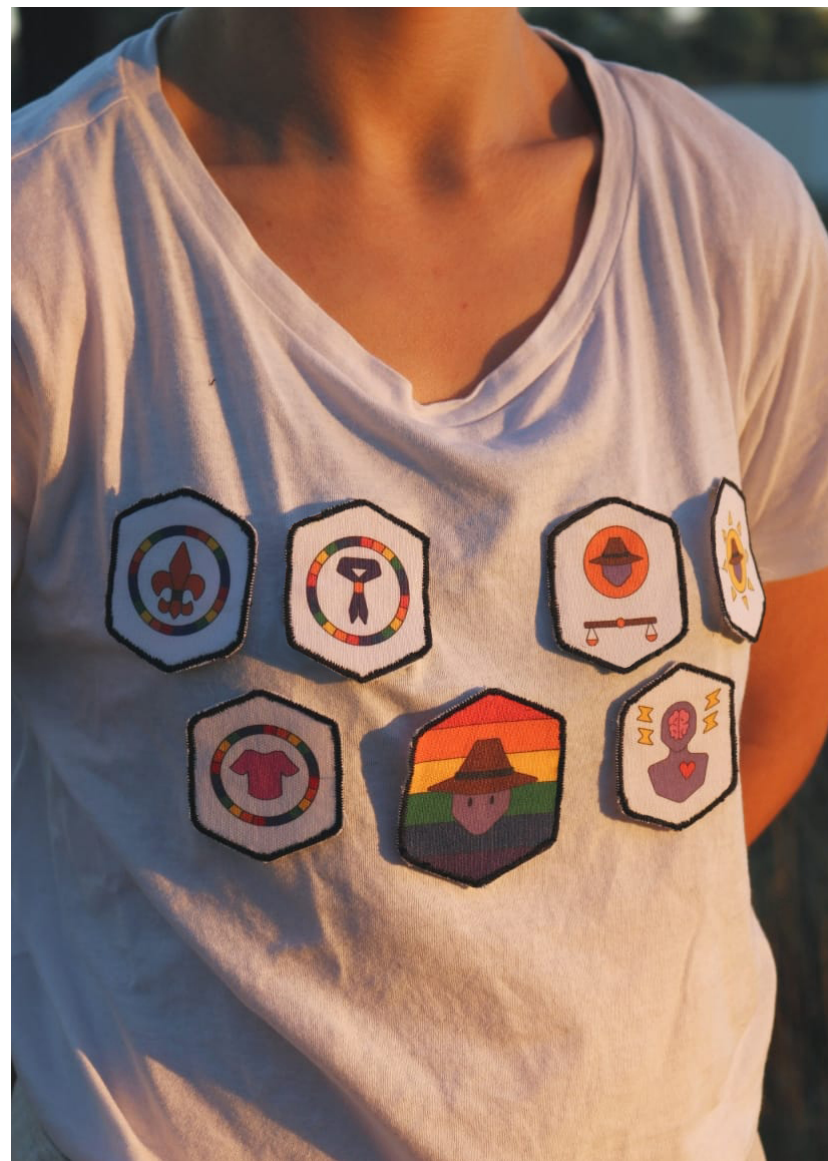


Figura 79| Proposta de disposição.

Durante o processo de design das insígnias, foram feitos alguns testes relativamente a como estas se comportariam na prática. Tive como preocupação, visto que não existe qualquer obrigatoriedade de suporte e posicionamento das insígnias, testar fotografá-las em diversos suportes e disposições.









De seguida apresento os mockups com a versão final das insígnias, pois durante o processo, as insígnias passaram ainda por diversas alterações.







A acompanhar as insígnias, foram feitos flyers que apresentam os objetivos, acompanhados de uma pequena introdução, necessários para alcançar cada uma das seis insígnias de competência e um sétimo flyer entregue juntamente com a insígnia de mérito, que explica como o sistema de insígnias se apresenta na totalidade. De seguida, vou apresentar cada flyer sucintamente, explicar do que se trata e enunciar os objetivos que cada insígnia propõe alcançar. No anexo 9, estão dispostos os flyers correspondentes a cada insígnia.

Movimento inclusivo da diversidade LGBTQI+

Objetivos:

- 1 - Conhecer o trabalho que a WOSM tem desenvolvido na temática de Inclusão e Diversidade.
- 2 - Promover e defender os Direitos Humanos
 - 2.1 - Opor-se a todas as formas de discriminação
- 3 - Estar ciente das políticas de Inclusão e Diversidade defendidas pela tua associação escotista.
 - 3.1 - Promover o acesso ao movimento a todos os adultos e jovens que nele quiserem participar.

Contexto:

O flyer da insígnia *Movimento Inclusivo da Diversidade LGBTQI+* tem como objetivo informar o escoteiro dos valores - Inclusão e Diversidade - defendidos pela organização que representa o escotismo mundial, a WOSM ou OMME. De seguida é feito um breve resumo do posicionamento da mesma numa adaptação da carta dos Direitos Humanos ao escotismo. É também referida a inclusão das pessoas LGBT dentro da família dos direitos humanos. Para finalizar são introduzidas algumas terminologias: LGBTQI+, QUEER, Heteronormatividade e Aliados.



Escoteire inclusivo da diversidade LGBTQI+

Objetivos:

1 - Compreender a necessidade de adaptar a nossa linguagem de forma a acolher a diversidade.

1.1 - Ficar familiarizado com os pronomes criados em alternativa ao plural masculino.

2 - Refletir sobre determinadas expressões que aparentemente parecem inofensivas, mas que reforçam estruturas de poder e estereótipos.

3 - Refletir sobre a forma como falamos com o objetivo de nos comprometermo-nos a expressarmo-nos de forma mais inclusiva.

3.1 - Pensar nas alternativas aos atuais pronomes e discutir a sua inclusividade com outras pessoas.

Contexto:

O flyer da insígnia *Escoteiro Inclusivo da Diversidade LGBTQI+* tem como foco a linguagem e de que forma é que esta pode reforçar os conceitos binários nos quais a nossa sociedade ainda assenta. De seguida são apresentadas algumas alternativas mais inclusivas de expressões que utilizamos diariamente.



Inclusão e diversidade LGBTQI+ na roupa

Objetivos:

1 - Entender que o conceito do que é feminino e masculino é socialmente construído e está em constante mudança.

2 - Perceber que a roupa faz parte da identidade de um indivíduo e que este pode não identificar-se com nenhum dos sexos, abrindo espaço para uma concepção não binária de género.

3 - Sendo a roupa um elemento identitário da pessoa que a usa, podendo esta não encaixar em nenhum dos géneros, fará sentido existirem maioritariamente roupas para o género feminino ou masculino?

Contexto:

O flyer da insígnia *Roupa Inclusiva da Diversidade LGBTQI+* remete para a importância da roupa na expressão de género de cada pessoa, remetendo para o facto da mentalidade social definir normas que determinam como um homem e uma mulher se devem vestir. Concluindo, informando que identidade de género e expressão de género são coisas diferentes e que é necessário pararmos de assumir formas pré concebidas de como um homem ou uma mulher se devem vestir.



Igualdade de género

Objetivos:

1 - Refletir sobre conceções que podem refletir imagens pré-concebidas de como cada género se deve comportar.

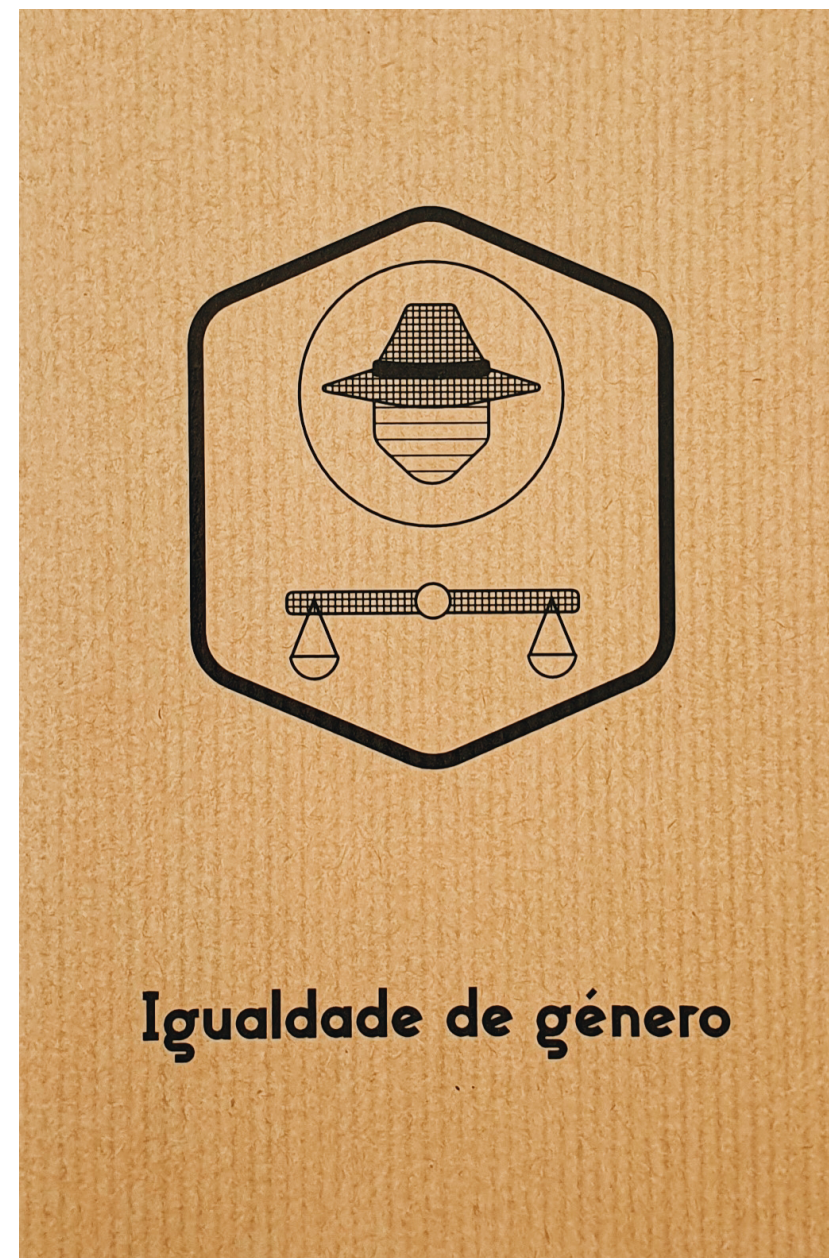
1.1 - Refletir como uma atitude de carácter individual pode reforçar estes papéis de género.

2 - Refletir sobre a pressão e expectativas a nível comportamental que a sociedade coloca na pessoa à qual atribui um género preconcebido.

3 - Refletir sobre a importância da co-educação.

Contexto:

O flyer de *Igualdade de género* remete para a importância da nossa identidade de género e como esta pode consistir numa grande parte de quem somos. Sendo a identidade de género aquela que nos permite compreender mais detalhadamente quem somos, concluindo que a nossa identidade de género e a nossa orientação sexual fazem parte de um todo. De seguida é introduzido o conceito de sexo, que posteriormente é comparado com género e é explicado que sexo consiste nas nossas características físicas enquanto género é a forma como nós nos expressamos enquanto pessoas. Para concluir, é explicado que género é um termo bastante complexo e são introduzidas algumas terminologias referentes a género.



Expressão de gênero

Objetivos:

- 1 - Entender a diferença entre sexo e gênero.
 - 1.1 - Refletir como as normativas de gênero podem influenciar a vida de uma pessoa.
- 2 - Entender o conceito de gênero.
 - 2.1 - Entender em que consiste a expressão de gênero.
- 3 - Compreender em que consiste transição de gênero.

Contexto:

O flyer, insígnia *Expressão de gênero* foca-se na expressão de gênero, explicando que esta consiste na aparência externa da identidade da pessoa, materializando-se na forma como esta se expressa, através do seu vestuário, das suas características físicas e vocais. Podendo esta expressão estar em conformidade com o sexo masculino ou feminino, ou não. Seguidamente são introduzidos três conceitos: conceito de sexo, conceito de gênero e identidade de gênero. Para finalizar é apresentada uma ilustração a explicar como gênero deve ser percebido.



Tipos de atração

Objetivos:

- 1 - Entender o que é orientação sexual.
- 2 - Compreender que não existe apenas um tipo de atração.
 - 2.1 - Diferenciar os diversos tipos de atração.
- 3 - Compreender que, assim como o género, a atração também é fluída.

Contexto:

O flyer, *Tipos de atração* explica no que consiste orientação sexual, esta abarca diversos tipos de atração, comportamentos e identidades. De forma geral só é conhecido um tipo de atração, a atração física, no entanto, segundo uma perspectiva mais inclusiva, destacam-se quatro principais - Atração sexual, física, romântica e emocional. De seguida são introduzidas algumas terminologias relacionadas com orientação sexual e por fim é explicada a diferença entre atração física, atração romântica e atração emocional.



Inclusão de Diversidade LGBTQI+

Objetivos:

1 - Compreender que vivemos numa sociedade constituída por pessoas diversas e com diferentes visões do mundo.

1.1- Conseguir identificar o significado das letras que constituem a palavra LGBTQI+.

2 - Estar consciente do funcionamento do movimento em que te inseres, compreendendo que este é integrante da WOSM (Organização Mundial do Movimento Escotista) e comprometendo-te a procurar saber mais sobre as suas políticas de inclusão e diversidade.

3 - Obtenção das seis insígnias que constituem o sistema de competências Inclusão e Diversidade LGBTQI+.

Contexto:

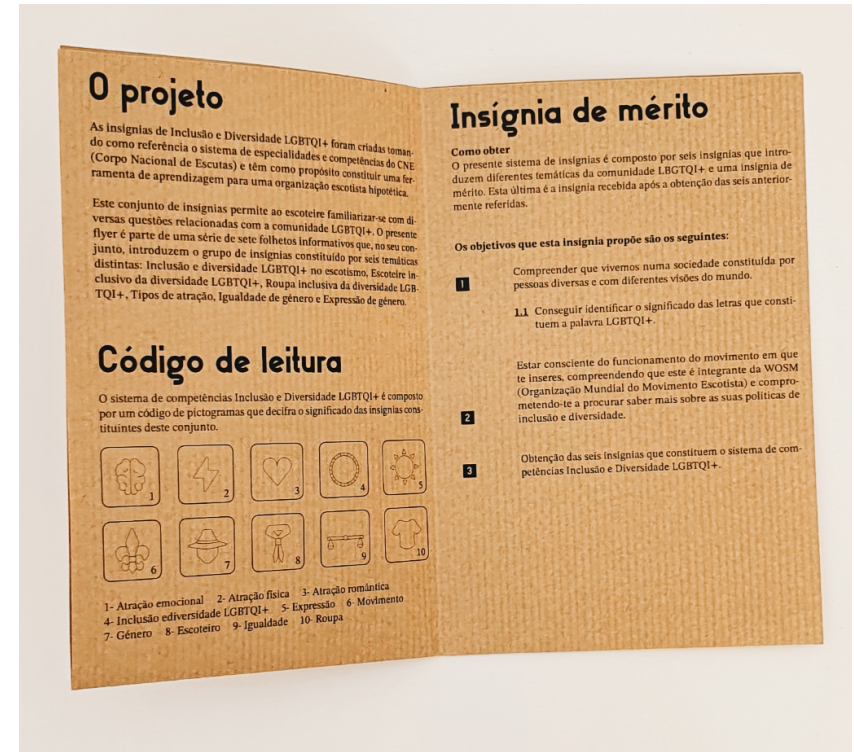
O flyer *Inclusão e Diversidade LGBTQI+* é entregue juntamente com a insígnia de mérito e nele estão dispostas as informações necessárias à compreensão da linguagem gráfica que constitui o conjunto de insígnias *Inclusão e Diversidade LGBTQI+*, é possível consultar o código - os diversos pictogramas e respetivas legendas - pelas quais estas insígnias foram criadas, assim como uma sugestão do posicionamento em conjunto.

Por fim, a parte traseira dos flyers constitui-se num poster que tem como propósito ser disposto num sítio de fácil acesso para consulta. Este poster é composto por uma imagem da insígnia e os respectivos pictogramas (legendados) por baixo. Por sua vez, o poster da insígnia de mérito é constituído pela mesma e pelo conjunto total de pictogramas utilizados. O objetivo é que, ao conquistar todas as insígnias, o escoteiro possa facilmente recordar-se do que cada uma significa, remetendo assim para tudo o que aprendeu.



Para finalizar apresento as fotografias dos sete flyers que anteriormente apresentei, no anexo 9 é também possível consultar os flyers na totalidade.







Conclusões

O presente projeto apoia-se numa pesquisa que tem como objetivo compreender como é que o escotismo pode trabalhar a temática LGBTQI+ no seu método educativo. Como estudante de design gráfico e ex-escuteira preocupada e interessada no futuro do movimento escotista, tive como objetivo estudar e compreender de que forma é que o design pode ser usado como meio de consciencialização social, através da criação de sistemas mais inclusivos que combatam a reprodução de uma matriz dominante de forma a que as vantagens e desvantagens sejam equitativamente distribuídas, relativamente a esta questão Sacha Costanza-Chock (2020) afirma:

“ *Design Justice is a framework for analysis of how design distributes benefits and burdens between various groups of people. Design Justice focuses explicitly on the ways that design reproduces and/or challenges the matrix of domination (white supremacy, heteropatriarchy, capitalism, ableism, settler colonialism, and other forms of structural inequality). Design Justice is also a growing community of practice that aims to ensure a more equitable distribution of design’s benefits and burdens; meaningful participation in design decisions; and recognition of community-based, Indigenous, and diasporic design traditions, knowledge, and practices* (Conzanza-Chock, 2020, p. 23).

Dito isto, acredito no potencial que este projeto poderá vir a ter no movimento escotista, por consistir numa aplicação dos valores e da metodologia proposta pelo *design justice*, visto que a WOSM, por si só, já propõe a inclusão da comunidade LGBTQI+ nas temáticas educativas do movimento escotista. Sendo esta a visão da Organização Mundial do Movimento Escotista, acredito que só pelo facto de se apresentar uma proposta neste sentido, o projeto desenvolve objetivos pertinentes, ao propor uma abordagem possível a um problema identificado pela própria WOSM. Relativamente à questão de investigação,

Como pode o escotismo incluir a temática LGBTQI+? considero que foi apresentada uma alternativa coesa à problemática levantada na componente teórica, pois o desenvolvimento de um sistema de insígnias é um método de educação recorrentemente utilizado no escotismo e, por não consistir numa novidade dentro do movimento, poderá apresentar um sistema facilmente recebido por qualquer escoteiro. Tal como as *girl scouts* ofereceram resistência às normas que lhes estavam a ser impostas, tal como referido no capítulo 1 (p.42-43) relativamente à possibilidade de poderem oficialmente integrar o movimento ao abdicarem de ser *girl scouts* e passarem a ser *girl guides*, o trabalho aqui desenvolvido procura igualmente ilustrar a necessidade de adaptação por parte do movimento escotista, mas defende que esta adaptação deve começar a ser trabalhada dentro do movimento, defendendo uma adaptação em termos educativos benéfica tanto para escoteiros da comunidade LGBTQI+, como para a consciencialização da restante comunidade escotista.

Assim, ao adaptar o meu projeto à metodologia escotista, estou a propor uma consciencialização que se inicia a partir do interior do próprio movimento. Onde o projeto pretende inovar é na temática que este conjunto de insígnias propõe desenvolver, promovendo assim uma consciencialização de mentalidades dentro do movimento escotista que tem como objetivo formar os futuros jovens que vão integrar a sociedade. A própria WOSM, no seu site, afirma que a missão - adotada na *35ª World Scout Conference* (1999) - do movimento escotista é:

“ *The Mission of Scouting is to contribute to the education of young people, through a value system based on the Scout Promise and Law, to help build a better world where people are self-fulfilled as individuals and play a constructive role in society* (World Organization of Scout Movement, 2022).

De seguida, a WOSM, reforça a ideia afirmando que a sua visão para o movimento escotista em 2023 - adotada na *40ª World Scout Conference* - consiste numa partilha de valores e na construção de uma mudança positiva nas comunidades de todo o mundo. Passo a citar:

“ *By 2023 Scouting will be the world’s leading educational youth movement, enabling 100 million young people to be active citizens creating positive change in their communities and in the world based on shared values* (World Organization of Scout Movement, 2022).

Acredito nas potencialidades que o método escotista defende por se tratar de um método educativo não-formal, sendo que, no decorrer do presente trabalho, compreendi que o *Design Justice* (2020) é uma metodologia que se pode desenvolver em harmonia com o método educativo escotista, por esta ser adaptável a qualquer realidade onde queiramos trabalhar. Acima de tudo, o *design justice* é constituído por valores próximos dos da WOSM, que assume como slogan: *Creating a Better World* (World Organization of Scout Movement, 2022). Sendo que o *design justice* também tem como foco a criação de processos que funcionem a nível comunitário, é possível aqui encontrar outro ponto onde o método escotista e a metodologia desenvolvida por Sacha Costanza-Chock confluem. No próprio livro, *Design Justice, Community-Led Practises to build the Worlds We Need* (2020), Costanza-Chock afirma que: “Design justice rethinks design processes, centers people who are normally marginalized by design, and uses collaborative, creative processes to address the deepest challenges our communities face” (Costanza-Chock, 2020, p. 6).

Relativamente à componente teórica aprendi bastante sobre metodologias de design e durante todo o mestrado, mais aprofundadamente no presente trabalho, sobre como olhar para o design de forma abrangente e integrada, Sasha Costanza-Chock (2020), Ellen Lupton

et al. (2021), Andy Campbell (2019) e Anthony Dunne e Fiona Raby (2012) foram as principais referências que orientaram toda a concepção projetual, tanto teórica como prática, no desenho do artefato gráfico aqui gerado. Estes autores permitiram-me traçar um conjunto de objetivos e ideais que me acompanharam durante todo o processo, pois tornaram possível imaginar uma realidade, seguindo Anthony Dunne e Fiona Raby (2012); perceber que existia uma associação escotista que ativamente trabalhava inclusão e diversidade no seu método educativo, enquadrando através de Sasha Costanza-Chock (2020) e Ellen Lupton et al. (2021) tornaram; já a recolha e análise de material gráfico, a partir de Andy Campbell (2019), tornou possível entender que o meu objetivo durante o desenvolvimento deste projeto era gerar um artefato gráfico que identificasse a comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista.

“ There I bought a thin, rainbow-striped bumper sticker with the intention of immediately adhering it to the back of my “new car”. In my head such an action was a declaration - a public claiming of a piece of my identity I was still coming to terms with. But this potential for increased public visibility forced me to pause and reconsider (Campbell, 2019, p.VI).

A necessidade que Campbell (2019) teve de reconsiderar a ação que estava prestes a tomar é o exemplo do que pretendi desenvolver neste trabalho: criar um elemento identitário de uma comunidade que faça parte do método educativo de um movimento que se foca na formação dos futuros adultos membros de sociedade, gerando um artefato que consiste numa insígnia que torna possível que a comunidade LGBTQI+ e aliados se expressem livremente dentro do movimento.

Por outro lado, apesar de ter como objetivo gerar um artefato gráfico inclusivo, não é possível afirmar que o projeto que aqui apresen-

to seja totalmente inclusivo. O que aqui estou a propor é a inclusão da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista, no entanto, existem tantas outras comunidades que a WOSM defende incluir que não são aqui abrangidas. Na declaração gerada na 39ª conferência mundial a WOSM afirma que:

“ (...) noting that Article 2 of the Universal Declaration of Human Rights states that: “Everyone is entitled to all the rights and freedoms set forth in this Declaration, without distinction of any kind, such as race, colour, sex, language, religion, political or other opinion, national or social origin, property, birth or other status” (...)


(...) stressing that human rights and fundamental freedoms are the birth right of all human beings, that the universal nature of these rights and freedoms is beyond question and that the enjoyment of such rights and freedoms should not be hindered in any way (World Organization of the Scout Movement, 2018, p. 66).

O que sugiro é que este projeto sirva de inspiração à criação de outros sistemas de insígnias que, em conjunto com o sistema aqui proposto, promovam um escotismo mais abrangente e inclusivo, um escotismo onde pessoas com desabilidade, de outra etnia ou de outra religião ou espiritualidade se possam sentir acolhidas ou integradas. Tal como referido anteriormente (p. 89-90), o que podemos fazer é criar diversos sistemas que incluam diversas comunidades e preocuparmo-nos em gerir uma redistribuição das *affordances* e *disaffordances* de forma equitativa. Considero que este projeto apenas inicia o caminho para um movimento escotista inclusivo. O propósito é que, seguindo a lógica do presente projeto, sejam realizados mais sistemas de insígnias que desenvolvam a inclusão de outras comunidades marginalizadas no movimento. Costanza-Chock (2020) reconhece que, tanto ao atin-

gir a universalidade, como a desenvolver sistemas personalizados a determinados grupos de pessoas, estamos a perpetuar a exclusão, concluindo que não existe uma solução para este paradoxo. Passo a citar:

“ *Universalization erases difference and produces self-reinforcing spirals of exclusion, but personalized and culturally adaptive systems too often are deployed in ways that reinforce surveillance capitalism. Design justice doesn't propose a “solution” to this paradox. Instead it urges us to recognize that we constantly make intentional decisions about which users we choose to center and holds us accountable for those choices* (Costanza-Chock, 2020, p.56).

Focando-me agora na componente prática, considero que a complexidade de leitura das insígnias pode dificultar a sua interpretação, no entanto, como justifiquei anteriormente, o seu propósito é estabelecer uma relação direta com o código escotista, fazendo assim uma analogia com o movimento. Admito que o código que aqui apresento tenha potencial para se tornar num código semanticamente mais simples de modo a melhorar a sua leitura. Por outro lado, acredito ter aqui criado um sistema coeso, considerando que é perceptível identificar as diversas insígnias como constituintes de um conjunto. Dentro do escotismo, considero que este artefato tem potencial para se tornar num sistema de insígnias inovador, pois ao adotar um método educativo já praticado pelo movimento, e sendo a insígnia um elemento usualmente utilizado por escoteiros, ao usa-la o escoteiro está a tornar se num portador ambulante de pictogramas, e conseqüentemente vai dar a conhecer este sistema a outros escoteiros que por sua vez podem demonstrar interesse ao completá-lo também. Consistindo portanto numa forma eficaz de disseminar uma mensagem que pretende dar visibilidade a uma comunidade já pertencente ao movimento escotista, dito isto, esta mensagem será transmitida de escoteiros para escoteiros, iniciando uma mudança a partir de dentro do movimento.



Referências bibliográficas

Livros

Baden- Powell, R. (1946). *Escutismo para Rapazes* (5.a ed). Editorial Ibis.

Campbell, A. (2019). *Queer X Design: 50 years of Signs, Symbols, Banners, Logos, and Graphic Art of LGBTQ* (1.a ed). Black Dog & Leventhal Publishers.

Costanza-Chock, S. (2020). *Design Justice, Community-Led Practises to Build the Worlds We Need*. The MIT Press.

Divisão Pedagógica Nacional. (1998). *Insignias de Competências*. In *Competência & Especialidades* (pp. 7–14). Corpo Nacional de Escutas.

Dunne, A., & Raby, F. (2012). *Speculative Everything: Design, Fiction, and Social Dreaming*. The MIT Press.

Frutiger, A. (1989). *Signs, Symbols, Emblem, Signal*. In *Signs and Symbols: Their Design and Meaning* (pp. 221–242). Van Nostrand Reinhold.

Kerrigan, E. E. (1967). *Introduction*. In *American Badges and Insignia* (pp. XIII–XV). The Viking Press.

Lupton, E., Kafei, F., Tobias, J., Halstead, J. A., Sales, K., Xia, L., & Vergara, V. (2021). *Extra bold, a feminist inclusive anti-racist nonbinary field guide for graphic designers*. Princeton Architectural Press.

McLuhan, M., & McLuhan, E. (1988). *Laws of media: the new science*. University of Toronto Press.

Mechling, J. (2009). *Dress right, dress: The Boy Scout uniform as a folk costume*. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1987.64.3-4.319>

Springhall, J. O. (1971). *The boy scouts, class and militarism in relation to british youth movements 1908-1930*. *International Review of Social History*, 16(2), 125–158.

Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020859000004065>

Hooks, B. (2000). *Feminist Politics: Where We Stand*. In *Feminism is for everybody: passionate politics* (pp. 1–3). South End Press. Disponível em: https://excoradfeminisms.files.wordpress.com/2010/03/bell_hooks-feminism_is_for_everybody.pdf

Reis, J. (2007). *Corpo Nacional de Escutas: uma História de Factos* (subsídios). Corpo Nacional de Escutas.

Alexandrov, A. D. (2005). *Convex polyhedra* v.109. Springer. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/b137434>

Artigos eletrônicos

Groys, B. (2009). “Self-Design and Aesthetic Responsibility. E” - Flux Journal, 7. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/07/61386/self-design-and-aesthetic-responsibility/> [Consultado a 3 de Junho de 2021].

Krutak, L. (2015). “The Cultural Heritage of Tattooing: A Brief History. Current Problems in Dermatology”, v. 48, 1–5. Disponível em: <https://doi.org/10.1159/000369174>

Cambridge English Dictionary. (n.d.). *Badge*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/badge> [Consultado a 26 de maio de 2021].

Dicionário Online Priberam de Português. (n.d.). *Insígnias*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ins%C3%ADgnias> [Consultado a 26 de maio de 2021].

Dall’Agnese, C. W., Canavilhas, J., & Barichello, E. M. M. da R. (2020). *A tétrade de McLuhan na pesquisa em comunicação: revisão sistemática de aplicações no Brasil e em Portugal*. MATRIZES, v. 14(n.o 1 jan./abr.), 221–239. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/ISSN.1982-8160.V14I1P221-239> [Consultado a 21 de maio de 2021].

Interaction Design Foundation. (n.d.). *The World’s Leading Online Design School*. Disponível em: <https://www.interaction-design.org/about> [Consultado a 29 maio 2021].

World Scout Bureau Inc. (maio, 2018). *Peace and Human Rights Education in Scouting*. Disponível em: <https://www.scout.org/peaceandhumanrights>

World Organization of the Scout Movement. Disponível em: <https://www.scout.org/es/peaceandhumanrights> [Consultado a 14 de outubro de 2020].

World Scouting. (n.d.). *History of World Scout Conferences*. Disponível em: <https://www.scout.org/node/6884> [Consultado a 30 de abril de 2020].

World Scouting (n.d.). *World Scouting*. Disponível em: <https://www.scout.org/> [Consultado a 27 de abril de 2020].

The Gender & Sexuality Resource Center. (2021, July). *Pride Flags*. Disponível em: <https://www.unco.edu/gender-sexuality-resource-center/resources/pride-flags.aspx> [Consultado a 5 de novembro de 2020].

Haring Foundation Blog. (25 de junho de 2021). *Celebrate Pride*. Disponível em: https://foundationblog.haring.com/topics/gay-pride?doing_wp_cron=1603844011.0900959968566894531250 [Consultado a 27 de fevereiro de 2020].

Hitti, N. (12 de junho de 2018). *Daniel Quasar redesigns LGBT Rainbow Flag to be more inclusive*. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2018/06/12/daniel-quasar-lgbt-rainbow-flag-inclusive/> [Consultado a 26 de junho de 2020].

Philadelphia Office of LGBT Affairs. (2021). *More Color More Pride. Tierney*. Disponível em: <https://hellotierney.com/work/more-color-more-pride/> [Consultado a 20 de setembro de 2020].

Grinstead, N., & Armando, J., World Scouting (n.d.). *WAGGGS and WOSM Joint world thinking day and Founder’s Day statement*. Disponível em: <https://www.scout.org/fr/node/156601>. [Consultado a 5 de dezembro de 2021].

Escoteiros de Portugal. (n.d.). *Escoteiros de Portugal*. Disponível em: <https://escoteiros.pt/> [Consultado a 15 de dezembro de 2021].

Boy Scouts of America. (n.d.). *Scouts BSA*. Disponível em: <https://www.scouting.org/programs/scouts-bsa/> [Consultado a 15 de dezembro de 2021].

Scouts for Equality. (n.d.). *A Scout is Equal*. Disponível em: <https://www.scoutsforequality.org/> [Consultado a 22 de dezembro de 2021].

Escoteiros do Brasil. (2021). *Escoteiros do Brasil*. Disponível em: <https://escoteiros.org.br/escoteiros-do-brasil/> [Consultado a 17 de dezembro de 2021].

FLAGS Scout Active Support Unit. (2021). *FLAGS Scout Active Support Unit*. Disponível em: Facebook. https://m.facebook.com/FLAGSActiveSupport/?ref=page_internal&rdr [Consultado a 18 de dezembro de 2021].

Centro de Documentação Escutista. (6 de agosto de 2020). *25 anos da Comunidade do Escutismo Lusófono*. Disponível em: <https://flordelis.escutismo.pt/25-anos-da-comunidade-do-escutismo-lusofono/> [Consultado a 12 de março de 2022].

CNE. (n.d.). *Caminheiros*, Disponível em: <http://escutismo.pt/seccaov/uniforme/caminheiros/caminheiros:2130> [Consultado a 23 de fevereiro de 2022].

HERALDRY SOCIETY. (2016). *The Heraldry Society*. Disponível em: www.theheraldrysociety.com [Consultado a 1 de março de 2022].

Hues. (n.d.). *Genderbread Person*. Disponível em: <https://www.genderbread.org/> [Consultado a 2 de fevereiro de 2022].

The Human Rights Campaign. (n.d.). *Equality for ALL not for some*. Disponível em: <https://www.hrc.org/> [Consultado a 2 de fevereiro de 2022].

Mills, S. (2011). "Scouting for Girls? Gender and the Scout Movement in Britain. *Gender, Place and Culture*", v. 18(4), 537–556. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2011.583342>

Hill, P. (1990). *Black Feminist Thought in the Matrix of Domination*. In *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (pp. 221–238). Unwin Hyman. Disponível em: <http://www.runet.edu/~lridener/courses/BLKFEM.HTML>

Keifer-Boyd, K. T. (2010). "Visual Culture and Gender Constructions. *The International Journal of Arts Education*", 1–24. Disponível em: https://www.ufg.at/fileadmin/media/institute/kunst_und_gestaltung/bildnerische_erziehung/materialien_und_links/art_education/VCGC_IJAE_Karen_Keifer-Boyd.pdf

Mechling, J. (2009). *Dress right, dress: The Boy Scout uniform as a folk costume*. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1987.64.3-4.319> [Consultado a 12 de janeiro de 2022].

Springhall, J. O. (1971). "The boy scouts, class and militarism in relation to british youth movements: 1908-1930. *International Review of Social History*," v. 16(2), 125–158. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020859000004065> [Consultado a 12 de janeiro de 2022].

Vicente, A. C. S. D. (2004). *A introdução do escutismo em Portugal*. *Lusitânia Sacra*, v. 16, 203–245. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/4476>

Tijus, C., & et. al. (2007). *Chapter 2: The Design, Understanding and Usage of Pictograms. In Written Documents in the Workplace* (pp. 17–31). BRILL. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004253254_003

Allen, B. (12 de agosto de 2012). "Rainbow Merit Badge. *New York Times*." Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/07/20/opinion/scoutings-gay-founder.html> [Consultado a 21 de fevereiro de 2022].

BBC. (11 de junho de 2020). "Lord Robert Baden-Powell: Who was he?" Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/newsround/53006178> [Consultado a 21 de fevereiro de 2022].

BBC News. (2020). "Was Robert Baden-Powell a supporter of Hitler?" BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-dorset-53007902> [Consultado a 21 de fevereiro de 2022].

David Kaufman, M. (10 de agosto de 2013). *Robert Baden-Powell's Entomological Intrigues*. *The Public Domain Review*. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/essay/robert-baden-powells-entomological-intrigues> [Consultado a 21 de fevereiro de 2022].

History.com Editors. (22 de janeiro de 2020). "Boy Scouts movement begins". A&E Television Networks. Disponível em: <https://www.history.com/this-day-in-history/boy-scouts-movement-begins> [Consultado a 21 de fevereiro de 2022].

Mijksenaar. (n.d.). *Beyond the Binary: Setting the wayfinding standard for inclusive restrooms: A white paper*. Disponível em: <https://inclusivity.mijksenaar.com/work/all-gender-white-paper/> [Consultado a 3 de janeiro de 2021].

Willis, A.-M. (2015). "Ontological Designing. Design Philosophy Papers", v. 4(2), 69–92. Disponível em: <https://doi.org/10.2752/144871306X13966268131514>

Cunha, O. (2008). *Os adolescentes e a sua sexualidade conversas com Adultos no contexto do movimento Escutista*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/477>

Referências bibliográficas - flyers

Abranches, G. (2009). *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/11/Guia_ling_mulhe_homens_Admin_Publica.pdf [Consultado a 1 de maio de 2021].

Alberta Health Services. (2019). *An introduction for creating safer and more welcoming healthcare Safer Places Toolkit*. Disponível em: <https://www.albertahealthservices.ca/assets/info/pf/div/if-pf-div-sogie-safer-places-toolkit.pdf> [Consultado a 15 de setembro de 2021].

Boehringer Ingelheim. (n.d.). *Comunicação Inclusiva Como abraçar a diversidade, a igualdade e a pluralidade no seu dia a dia*. Disponível em: https://www.boehringer-ingelheim.com.br/sites/br/files/guia_diversidade_bi_-_final_pg_simples.pdf [Consultado a 15 de setembro de 2021].

Cathy, N. (2019, March 20). *Gender-bending fashion rewrites the rules of who wears what at the Museum of Fine Arts, Boston exhibit*. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/culture/article/gender-bending-fashion-rewrites-rules-who-wears-what> [Consultado a 15 de setembro de 2021].

Manual de Linguagem Inclusiva, (2021). Disponível em: www.ces.pt [Consultado a 29 de março de 2021].

Esittir, B. (n.d.). *Guide for avoiding discriminatory language and behavior in workplace*. Disponível em: https://www.borusan.com/Assets/Media/PDF/BorusanEsittir_Rehber-En-2.pdf [Consultado a 14 de setembro de 2021].

União Europeia. (n.d.). *Comunicação Inclusiva*. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/media/35437/pt_brochure-inclusive-communication-in-the-gsc.pdf [Consultado a 27 de setembro de 2021].

Framework for Gender Inclusive Schools. (n.d.). Disponível em: www.genderspectrum.org/510378834412/info@genderspectrum.org/

Gender Spectrum. (n.d.). *Gender Inclusive Schools Toolkit*. Disponível em: https://aisne.finalsite.com/uploaded/Information_Resources/Documents_PDF's/Diversity_Inclusion/Gender_Inclusive_Schools_Toolkit.pdf [Consultado a 15 de setembro de 2021].

Glossary of Terms - HRC. (n.d.). Disponível em: <https://www.hrc.org/resources/glossary-of-terms> [Consultado a 1 de maio de 2021].

Graça, A. (2019). *Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens na administração pública*. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/11/Guia_ling_mulhe_homens_Admin_Publica.pdf [Consultado a 1 de maio de 2021].

Grinstead, N., Armando, J., & World Scouting. (2017). *WAGGGS and WOSM joint world thinking day and founder's day statement*. Disponível em: <https://www.scout.org/ar/ScoutsFoundersDay2017> [Consultado a 15 de setembro de 2021].

HBO. (2020). *Guia de linguagem inclusiva*. Disponível em: <https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf> [Consultado a 1 de outubro de 2021].

Instituto Promundo. (2018). *Manhood 2.0: A curriculum promoting a gender-equitable future of manhood*. Disponível em: <https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2018/06/PM-Manhood-2-0-curriculum-v12-2-E.pdf> [Consultado a 1 de outubro de 2021].

LGBTQIA Resource Center - *LGBTQIA Resource Center Glossary*. (n.d.). Disponível em: <https://lgbtqia.ucdavis.edu/educated/glossary> [Consultado a 14 de setembro de 2021].

LGBTQ Terminology | SUNY Geneseo. (n.d.). Disponível em: <https://www.geneseo.edu/lgbtq/glossary-terms> [Consultado a 1 de maio de 2021].

Martins, T. (n.d.). *Guia P.Porto para uma comunicação inclusiva*. Disponível em: https://www.ipp.pt/comunidade/responsabilidade_social/comunicacao_inclusiva/copy2_of_GUIAINCLUSAOWEB.pdf [Consultado a 8 de maio de 2021].

Newman, C. (2019). *Gender-bending fashion rewrites the rules of who wears what at the Museum of Fine Arts, Boston exhibit*. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/culture/article/gender-bending-fashion-rewrites-rules-who-wears-what> [Consultado a 15 de setembro de 2021].

Planned Parenthood. (2021). *Sex and Gender Identity. Sex and Gender Identity*. Disponível em: <https://www.plannedparenthood.org/learn/gender-identity/sex-gender-identity> [Consultado a 7 de janeiro de 2021].

Queer Undefined. (n.d.). Disponível em: <https://www.queerundefined.com/> [Consultado a 1 de junho de 2021].

Rich, A. (2021). *Gender Inclusive Schools Toolkit*. Disponível em: https://www.gatewaypublicschools.org/sites/default/files/inline-files/gender_inclusive_schools_toolkit.pdf [Consultado a 23 de junho de 2021].

Steinberg, A. (2011). *Coming Out Young*. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=qth&AN=62393774&site=ehost-live> [Consultado a 29 de fevereiro de 2021].

Stevenson Olivia, Stainthorp Clare, & Morris Siobhan. (2019, October 11). "How the language we use entrenches inequalities." Disponível em: <https://theconversation.com/how-the-language-we-use-entrenches-inequalities-124664> [Consultado a 1 de maio de 2021].

The Trevor Project. (n.d.). *COMING OUT A Handbook for LGBTQ Young People*. Disponível em: <https://www.thetrevorproject.org/wp-content/uploads/2019/10/Coming-Out-Handbook.pdf> [Consultado a 23 de junho de 2021].

Tienda, M. (2013). *Diversity ≠ Inclusion*. Disponível em: <https://doi.org/10.3102/0013189x13516164> [Consultado a 21 de junho de 2021].

UNICEF, S. A. (2018). *Integrating Gender in Programming*. Disponível em: <https://www.unicef.org/rosa/media/2336/file> [Consultado a 5 de agosto de 2021].

University of Essex. (2017). *Supporting inclusivity in our curriculum and practices*. Disponível em: <http://www.rcuk.ac.uk/documents/skills/equalitystatement-pdf/>

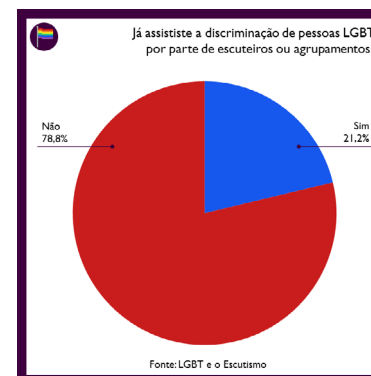
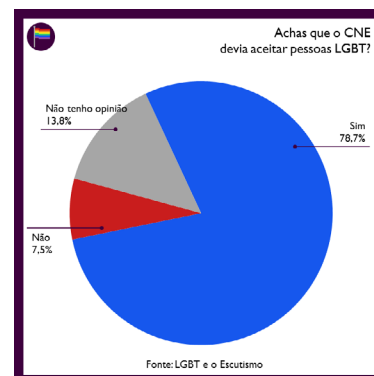
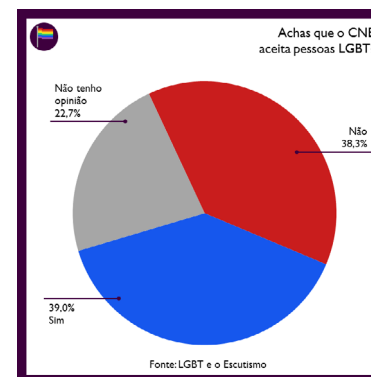
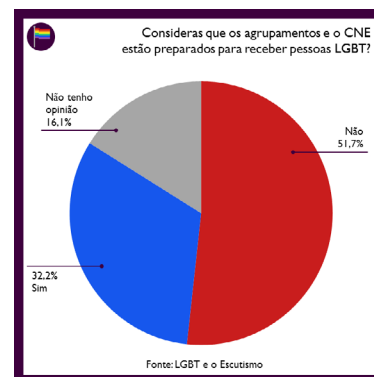
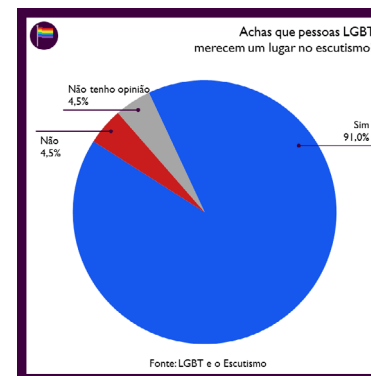
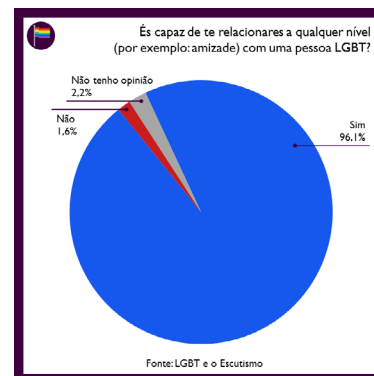
World Organization of the Scout Movement. (2018). *Peace and Human Rights Education in Scouting*. Disponível em: https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/Peace%20and%20Human%20Rights_EN_WEB_0.pdf [Consultado a 14 de outubro de 2021].

World Scout Bureau Inc. (2017). *Diversity and Inclusion in Scouting - WOSM's Position Paper*. Disponível em: http://www.scout.org/sites/default/files/library_files/PP%20Diversity%20%26%20Inclusion%20Scouting_EN_0.pdf [Consultado a 4 de outubro de 2021].



Anexos

Anexo 1 | Questionário LGBT e o Escutismo



Anexo 2| Princípios do Design Justice

1 – O design é usado para sustentar, curar e fortalecer as comunidades oprimidas, procurando libertá-las dos sistemas opressivos e exploratórios.

Este princípio encoraja os designers não só a criticar os sistemas opressivos, mas também a participar ativamente na cura e empoderamento das comunidades oprimidas. O *design justice* é uma metodologia que se centra na análise estrutural e institucional da desigualdade do poder, interessando-se mais pelas causas que estão na origem do problema do que em diversas abordagens de design. Reconhecendo que design pode apenas desafiar a opressão de forma limitada, este é também um método que permite produzir objetos, interfaces, serviços, etc. O *design justice* deseja ter uma abordagem a longo termo perante as forças que reforçam a desigualdade estrutural, querendo contribuir de forma concreta, sustentável e objetivando empoderar e curar a comunidade (Costanza-Chock, 2020).

2- O design justice foca-se na voz daqueles que estão a ser diretamente afetados pelo atual processo do design.

Seguindo-se pelo mote “nothing about us without us”, o segundo princípio questiona-se relativamente ao lugar da comunidade no processo, quem fala por ela, e em como criar um projeto totalmente responsável. A prática do *design justice* necessita desenvolver uma abordagem bastante clara e transparente e apoiando-se em processos decisivos explícitos. É necessário enunciar quem está a participar e qual vai ser a sua função no processo de criação de forma a torná-lo o mais claro possível a todos os participantes (Costanza-Chock, 2020).

3- O impacto que o design causa na comunidade sobrepõe-se às intenções do designer.

Este terceiro ponto enuncia a importância do impacto que o resultado vai ter sobre a comunidade e o quão benéfico vai ser para os seus membros. É importante que os designers pensem concretamente sobre os reais impactos que querem despoletar na comunidade onde estão a desenvolver o seu projeto de forma a criar uma consciencialização. Uma ideia chave do *design justice* na aplicação deste princípio é a preocupação em não criar qualquer dano, procurando sempre entender e respeitar a complexidade do ambiente em que se insere o seu projeto (Costanza-Chock, 2020).

4- A mudança é vista como o resultado de um processo responsável, acessível e colaborativo e tem mais importância que o resultado final.

O processo do projeto de design requiere um equilíbrio entre o desejo de ser inclusivo, colaborativo e responsável e a necessidade de conseguir cumprir o seu propósito. Este ponto propõe que o projeto de design seja submetido a rondas limitadas de feedback em vez de este ser constante, preocupando-se em investir em mudanças significativas em vez de estar constantemente a sofrer pequenos ajustes e alterações. Outro elemento fundamental neste ponto é a criação de um protótipo no início do processo de design de forma a ser perceptível ao designer a variedade de abordagens que pode vir a seguir. Concluindo, para o *design justice*, o balanço entre o processo e o produto é mais importante do que os produtos finais, avaliação contínua do processo de design serve de ajuda a melhorar a experiência individual de todos os participantes. (Costanza-Chock, 2020).

5- O designer é visto como um facilitador e não como um perito.

O privilégio e o poder sobre questões de gênero, classe, raça, desabilidade, educação, linguagem e outras formas de desigualdade são algo reconhecido e ativamente debatido pelo *design justice*. O designer, como facilitador deve trabalhar de forma a assegurar que os participantes discutam e reflitam sobre questões associadas ao privilégio e poder de forma a propor dinâmicas explícitas de como estas temáticas vão ser desenvolvidas. Tendo em mente a criação de um processo de design que abra caminho para uma aprendizagem e crescimento mútuo e desafiando a reprodução de estruturas opressivas. Procurando criar um espaço de empatia mútua e solidariedade, reconhecendo e respeitando os diferentes pontos de vista e experiências de vida (Costanza-Chock, 2020).

6- Toda a gente é um perito nas suas próprias vivências e através delas pode gerar contribuições únicas.

Este princípio defende que toda a gente detém conhecimento através das suas experiências de vida, sendo de primária importância conseguir criar uma conexão entre os interesses do designer e da comunidade (Costanza-Chock, 2020).

7- Os conhecimentos de design e ferramentas são partilhados com a comunidade.

Os locais físicos onde o designer escolhe aplicar e desenvolver o seu projeto têm implicações importantes para aqueles que estão aptos para participar. Lugares onde é possível criar espaço para a comunidade gerar ideias, tomar decisões, guiar o processo de design, testar, produzir protótipos ou sugerir feedback construtivo (Costanza-Chock, 2020).

8- O *design justice* trabalha para atingir resultados sustentáveis e continuamente liderados pela da comunidade.

Os projetos de design geram diversos resultados, desde artefatos físicos e digitais, de objetos para trabalhar código a aplicações que levam a servidores específicos com imagens e representações do propósito do empreendimento, como slides, zines e artigos académicos produzidos por membros ou parceiros da comunidade em questão. No entanto, é importante nunca esquecer que quando um projeto é materializado no mundo real requer uma manutenção e não deve cair no esquecimento (Costanza-Chock, 2020).

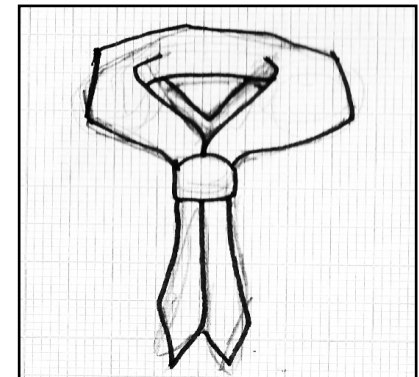
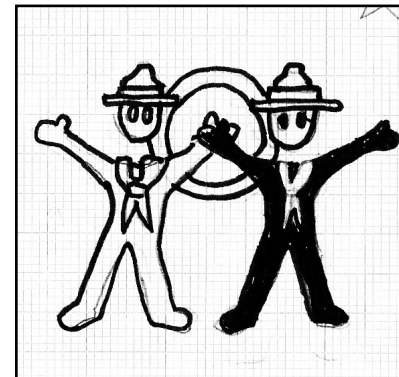
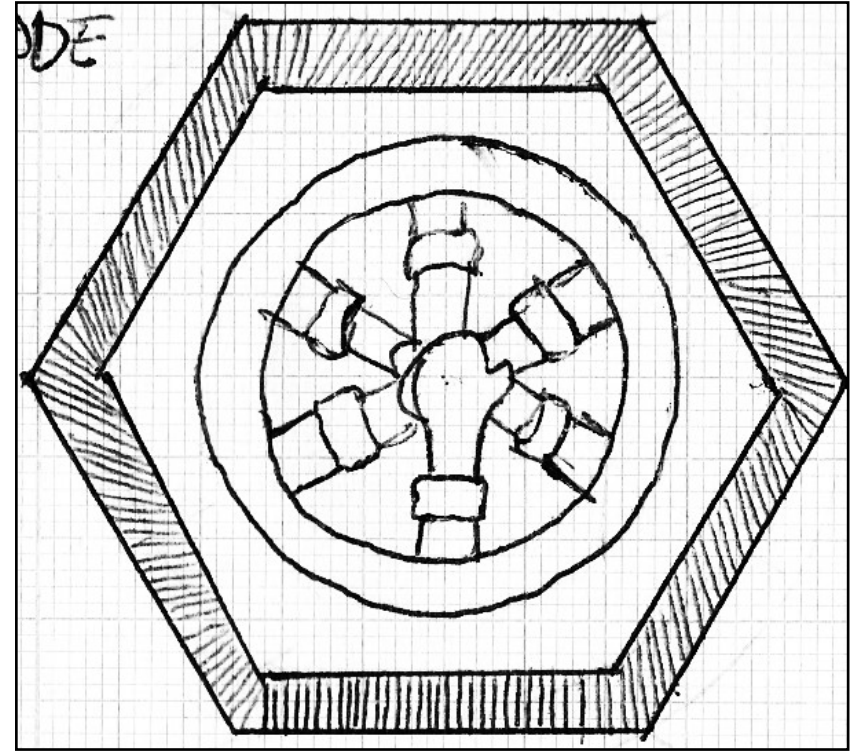
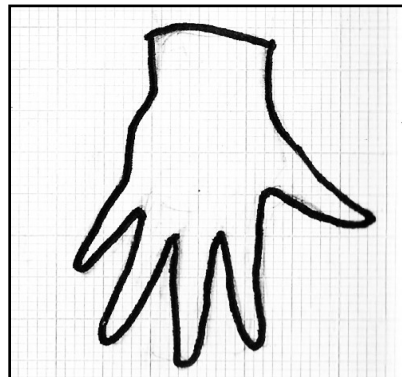
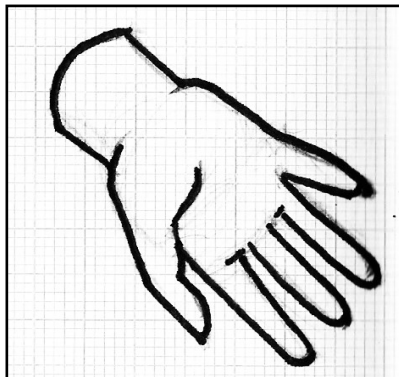
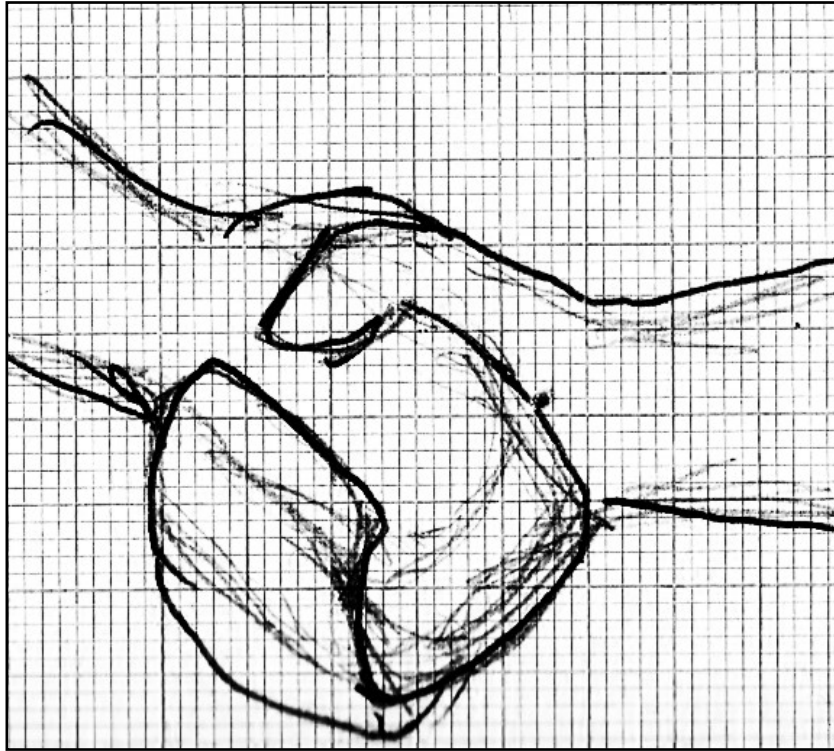
9- O processo de trabalho funciona através de soluções não-exploratórias que nos reconectam com a terra e com nós mesmos.

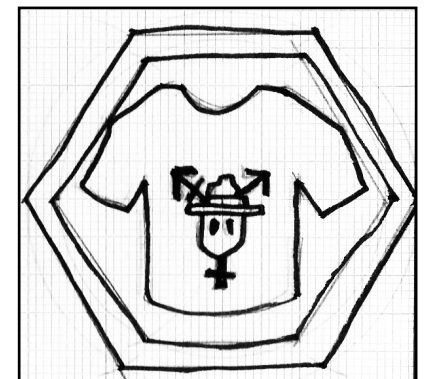
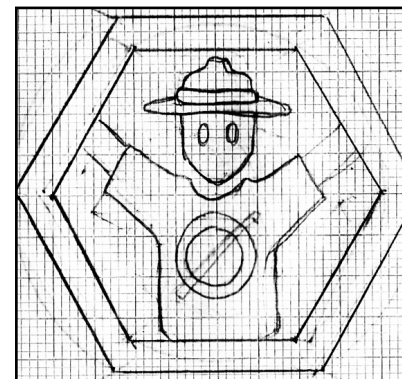
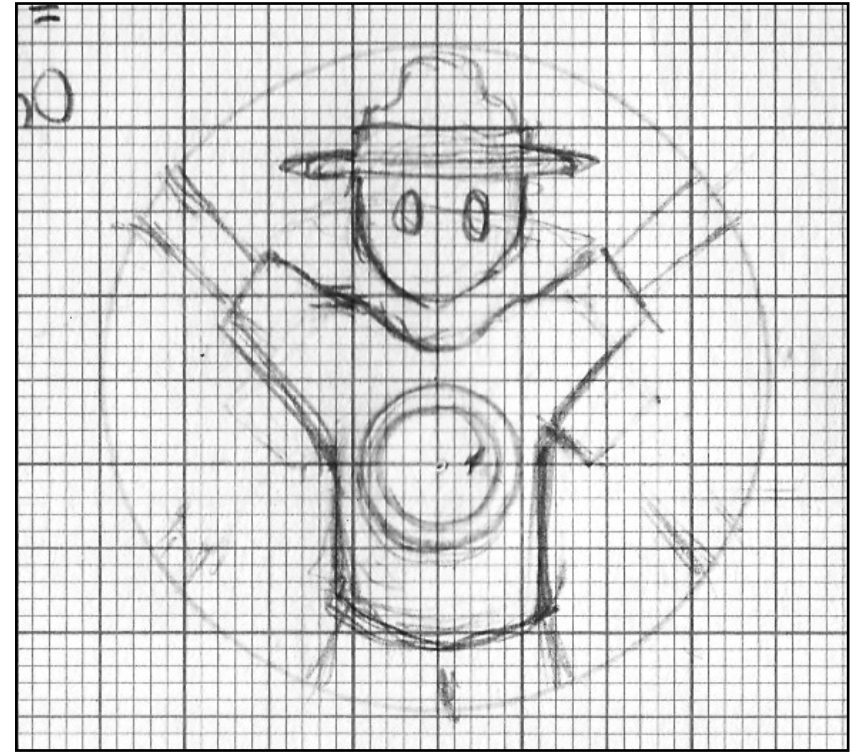
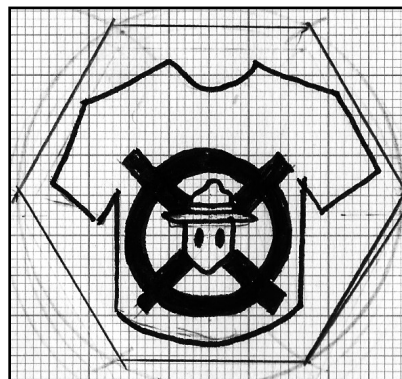
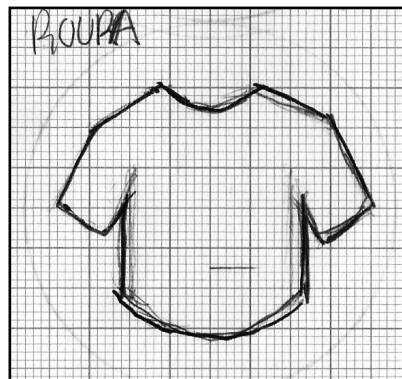
Os designers enfrentam sempre desafios entre o inicialmente idealizado e o resultado final, por sua vez os praticantes de *design justice* que têm como objetivo evitar qualquer abordagem que seja malévola à terra ou que evite a exploração de trabalho laboral ainda têm mais estas preocupações como acréscimo às normalmente existentes num processo de design convencional. Concluindo o design pode ser visto como um processo em constante ideação, iteração (repetição) e revisão até atingir o resultado esperado (Costanza-Chock, 2020).

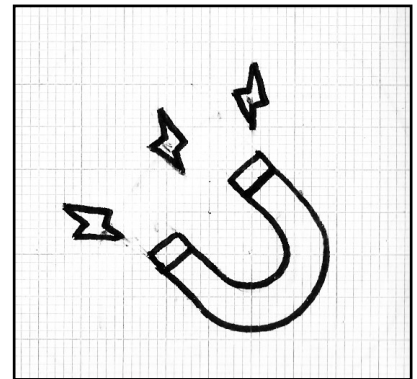
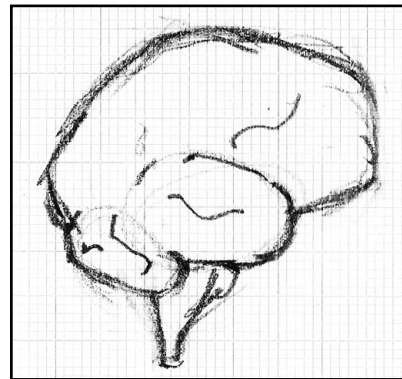
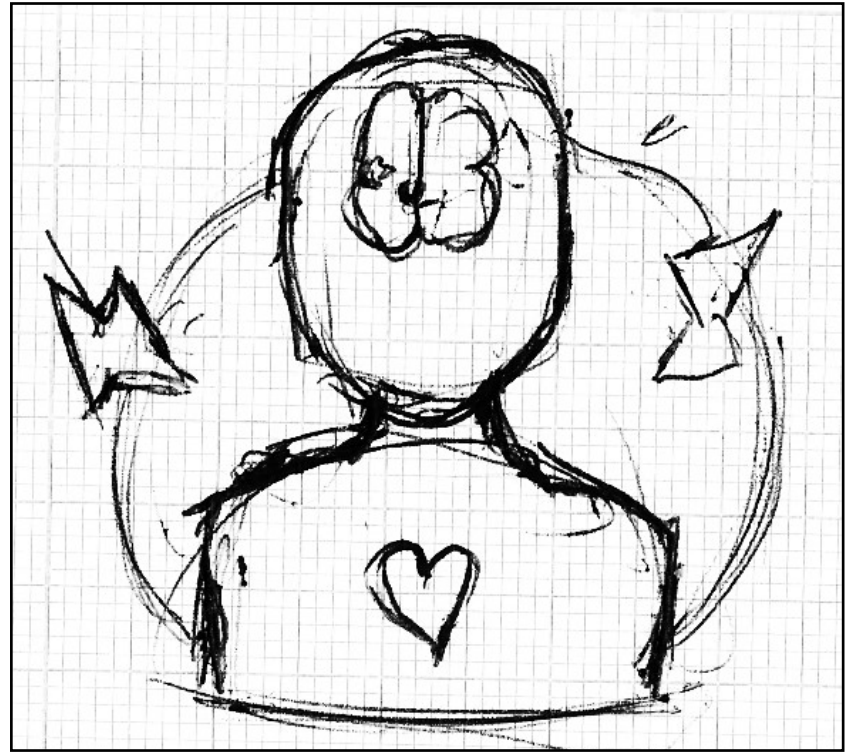
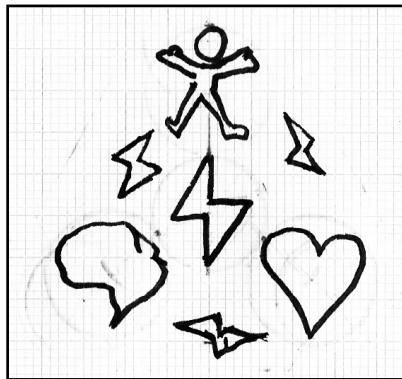
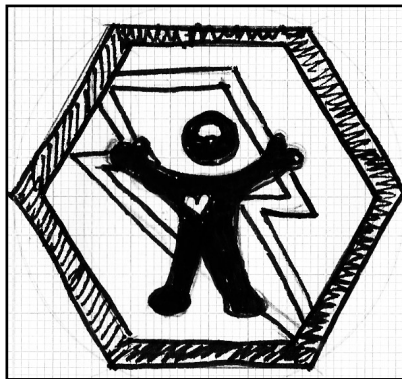
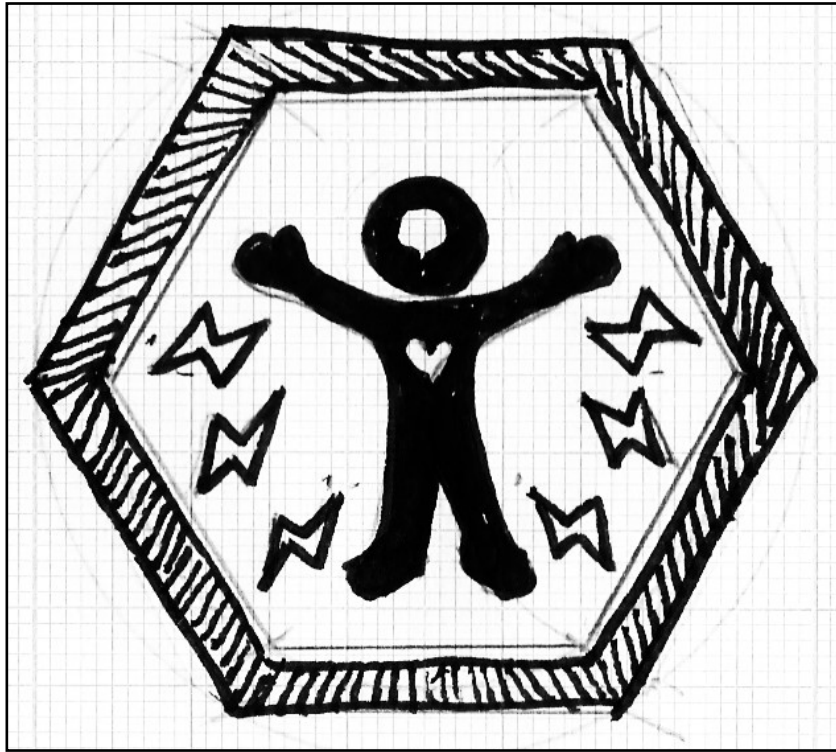
10- Antes de enveredar por novas soluções existe uma exploração do que já existe e foi feito a nível comunitário. É preciso respeitar e elevar as práticas tradicionais de cada comunidade.

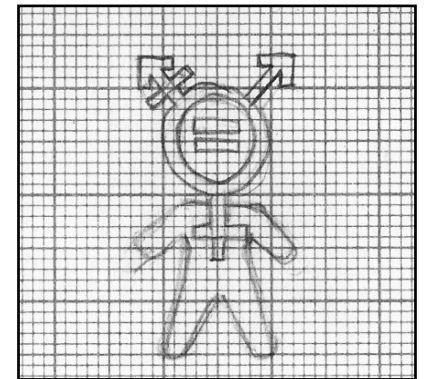
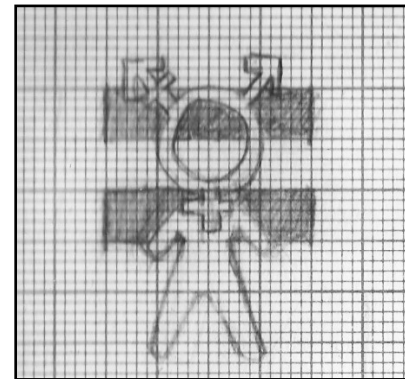
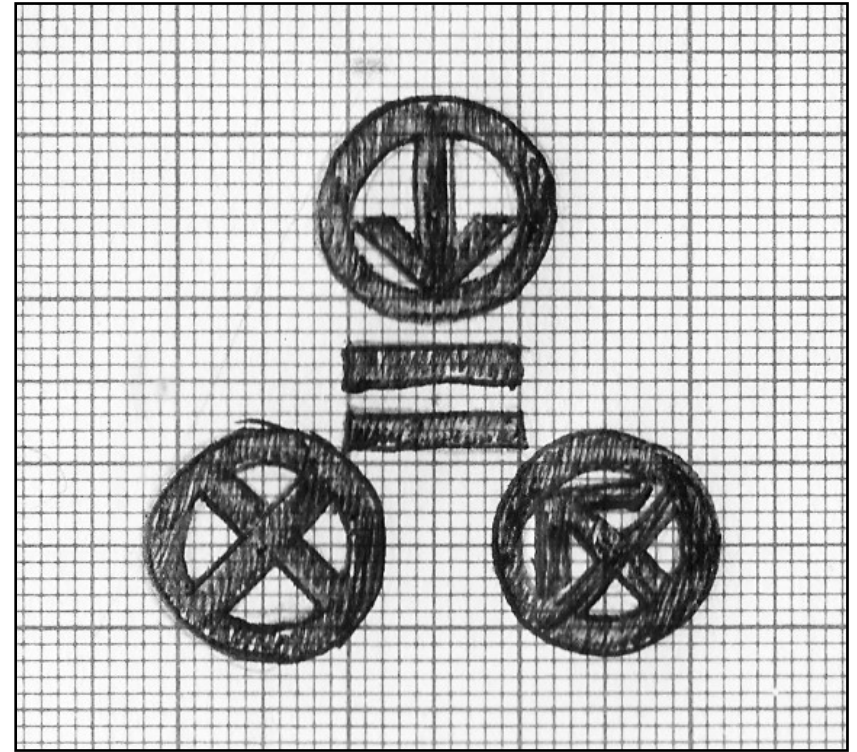
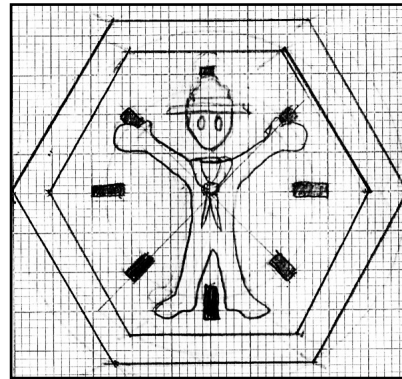
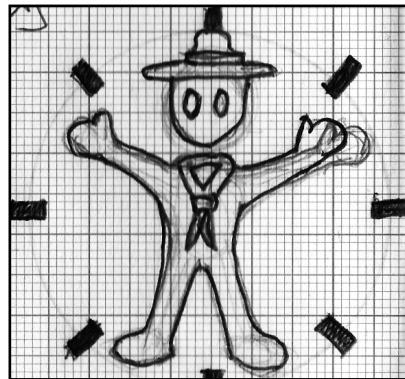
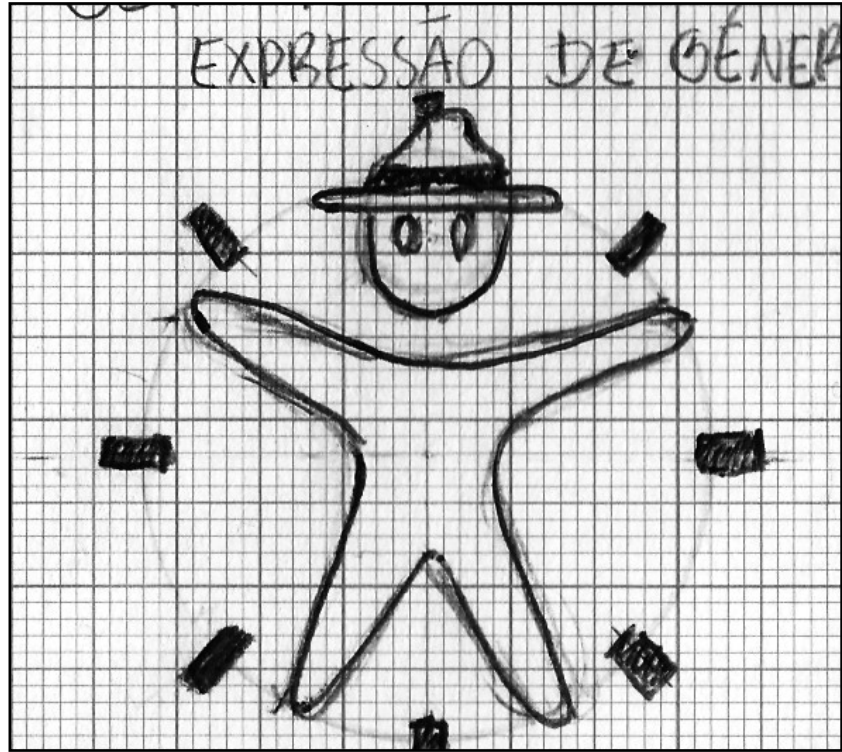
O design justice propõe o reaproveitamento dos projetos, práticas, aplicações ou ferramentas já existentes em vez de enveredar pela construção de algo completamente novo. Ao optar por um reaproveitamento do já existente torna-se possível conceber uma rápida prototipagem, a validação de uma ideia, a redução do preço, a sustentabilidade do projeto a longo-termo, entre outros. A criação de algo novo cria uma aversão ao olhar para o já existente, dando a ideia que as ferramentas já existentes não vão encaixar na perfeição no projeto que está a ser desenvolvido. Por outro lado, as limitações dos produtos já existentes podem tornar-se difíceis de encaixar na visão do projeto (Costanza-Chock, 2020).

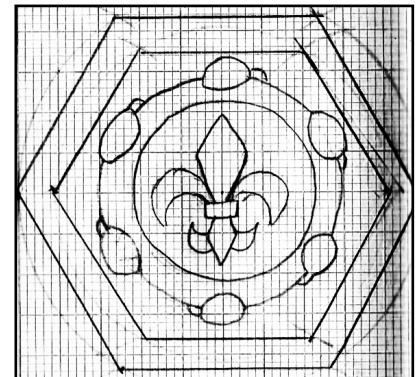
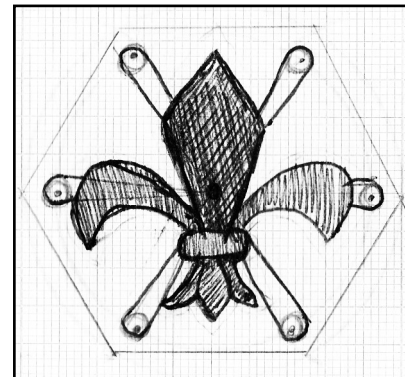
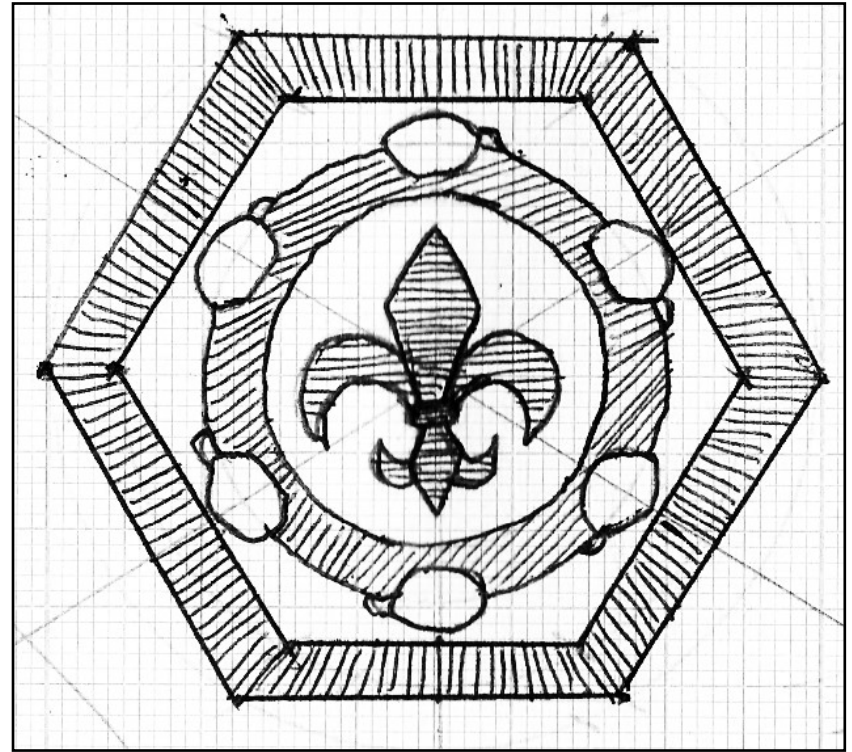
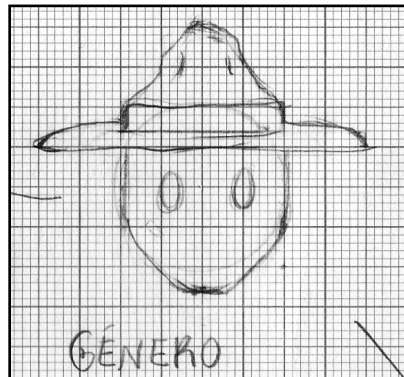
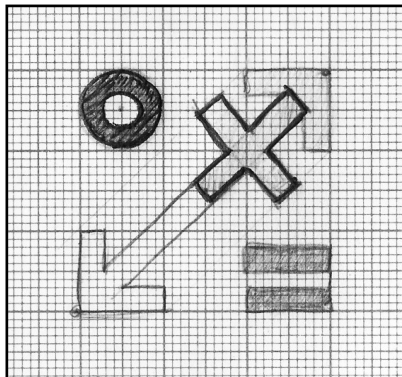
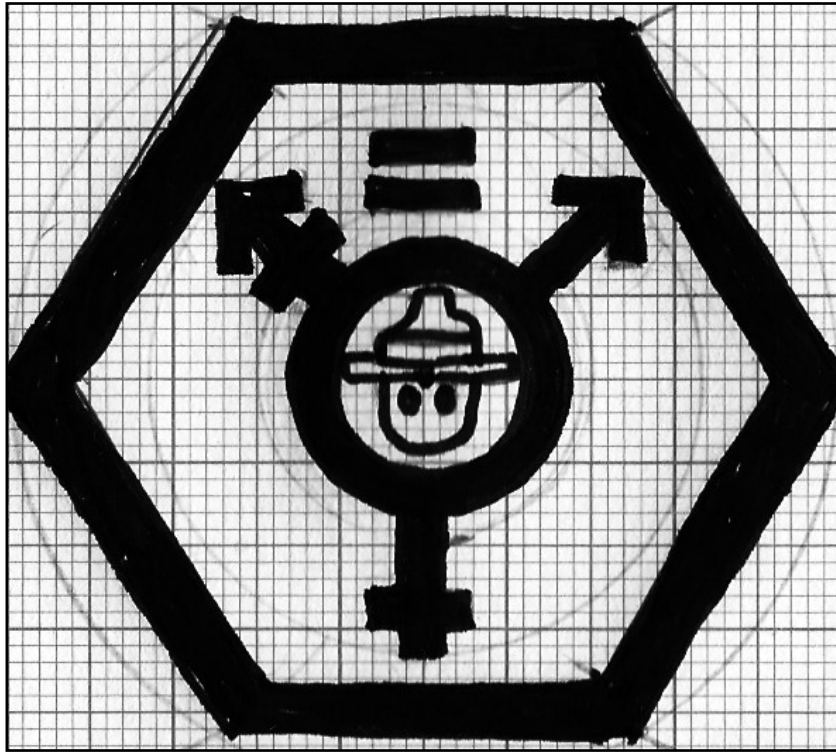
Ανεχο 3 | Esboços





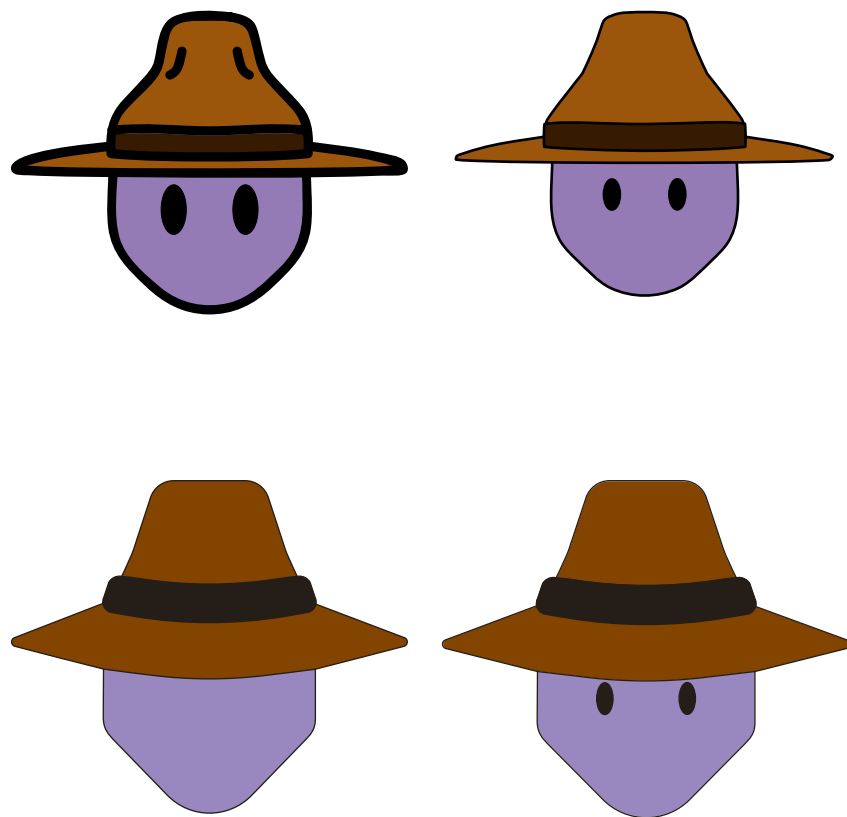




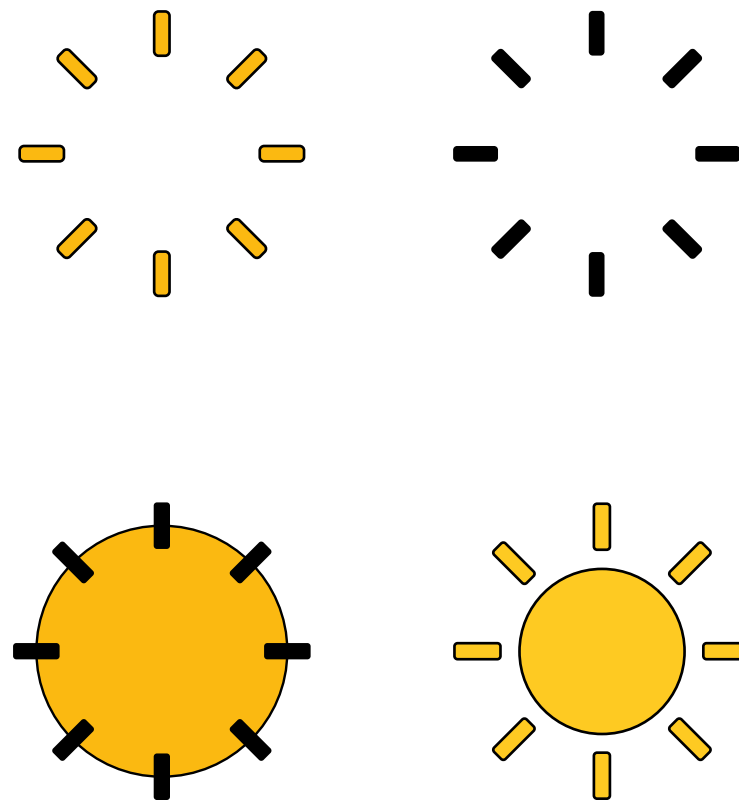


Анехо 4 | Pictogramas

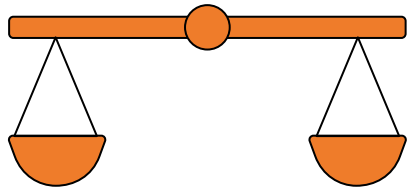
Evolução do pictograma referente a “género”.



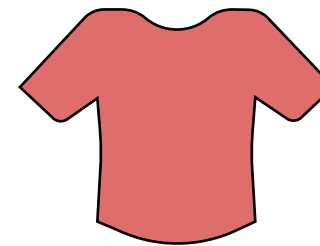
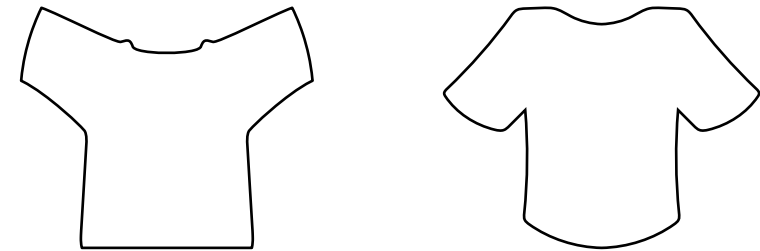
Evolução do pictograma referente a “expressão”.



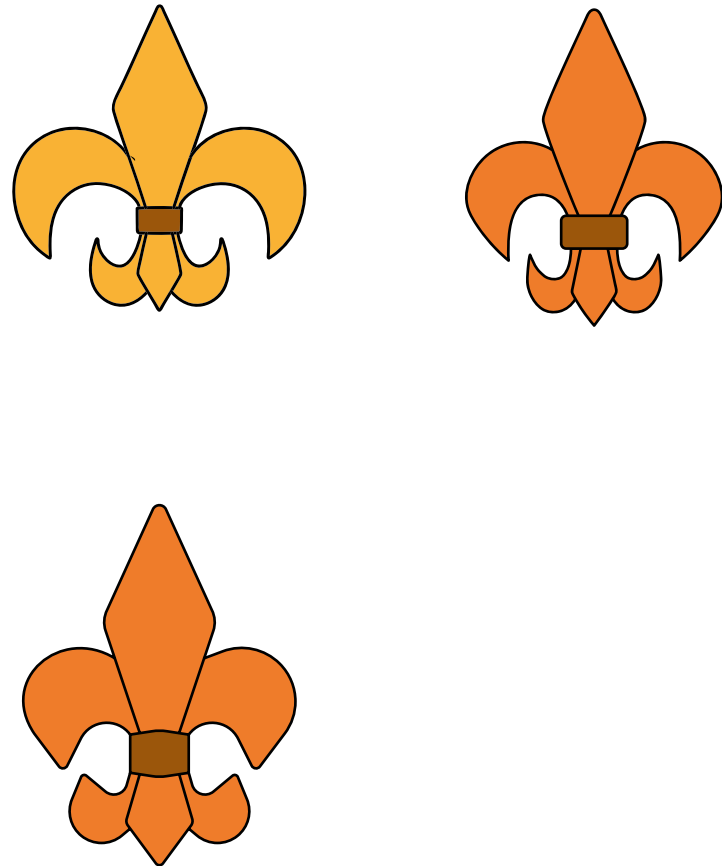
Evolução do pictograma “igualdade”.



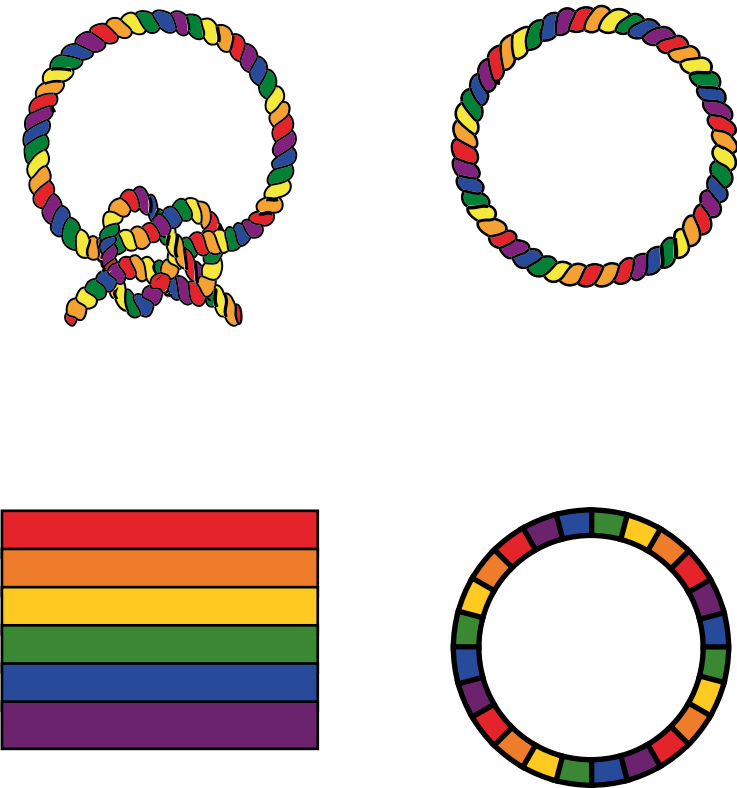
Evolução do pictograma “roupa”.



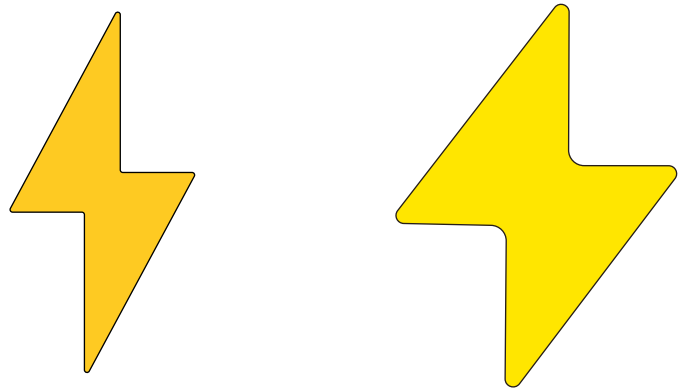
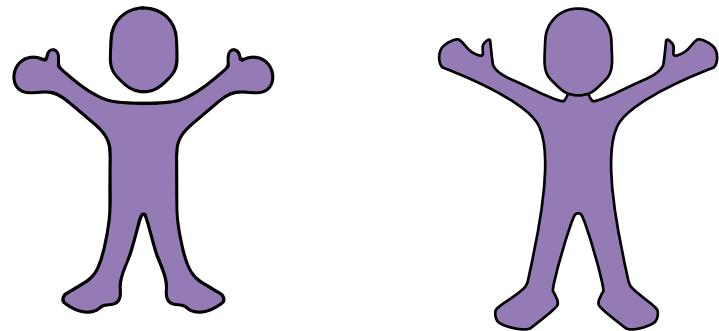
Evolução do pictograma “movimento”.



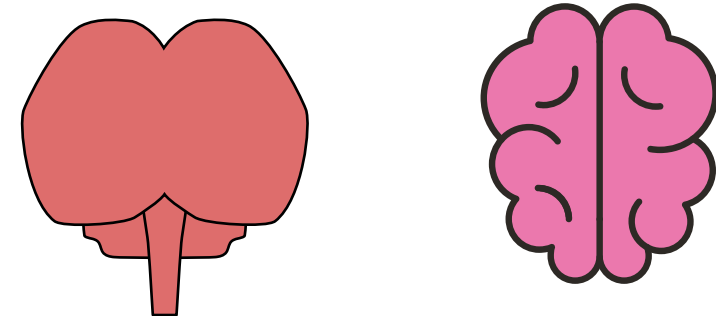
Evolução do pictograma “inclusão e diversidade LGBTQ”.



Evolução do pictograma “atração física”.



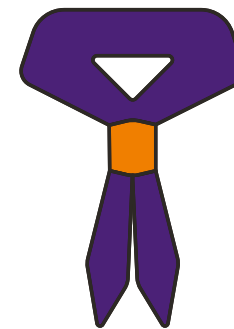
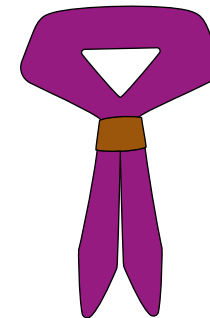
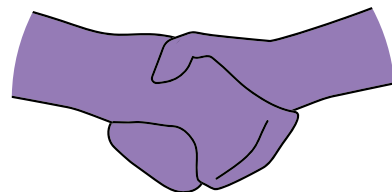
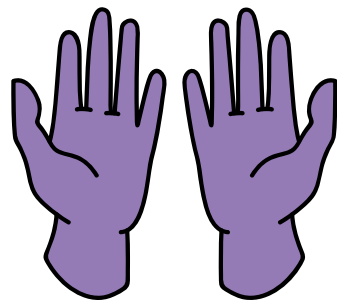
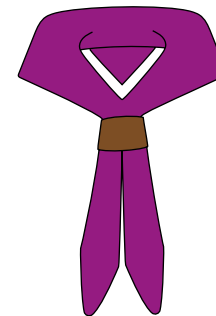
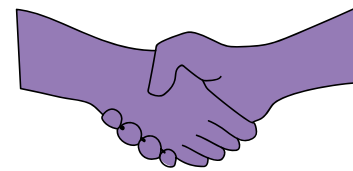
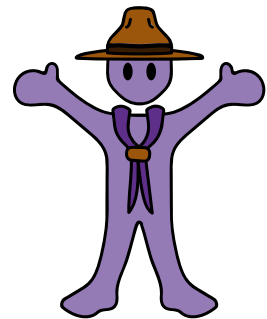
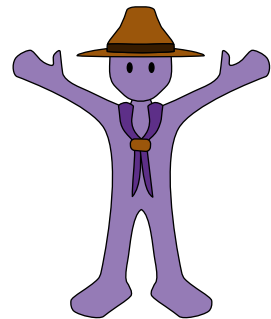
Evolução do pictograma “atração emocional”.



Evolução do pictograma “atração romântica”.

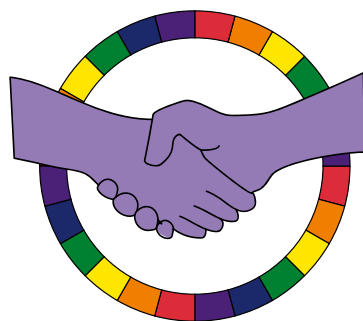
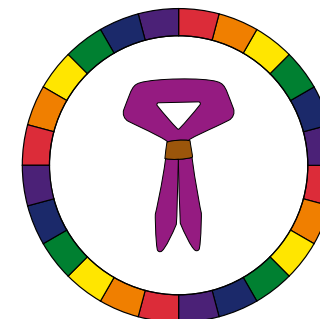
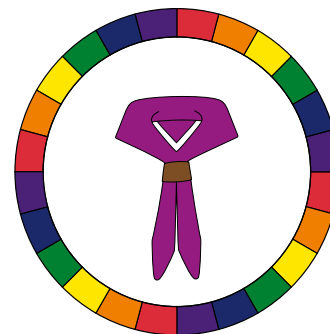
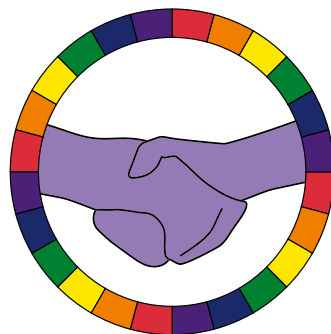


Evolução do pictograma “escoteiro”.

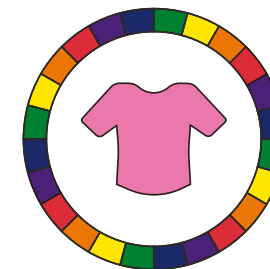
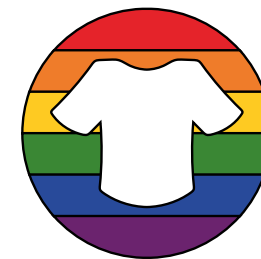
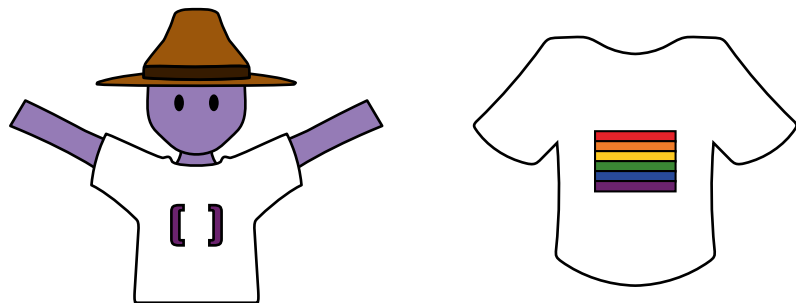
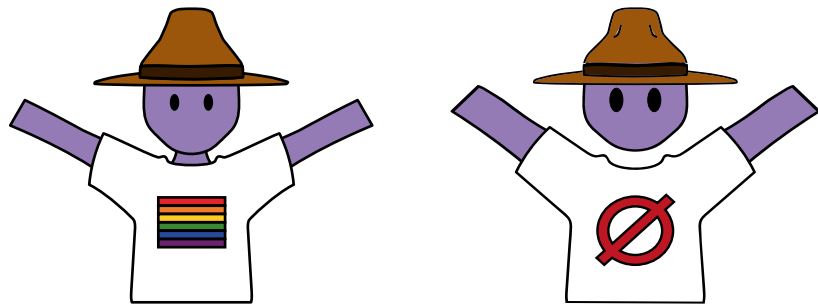


Anexo 5 | Testes de montagem

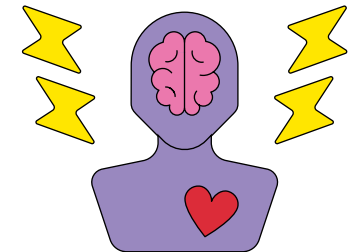
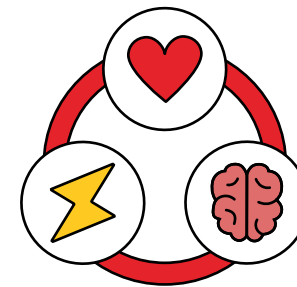
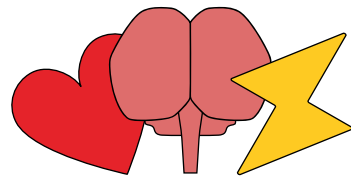
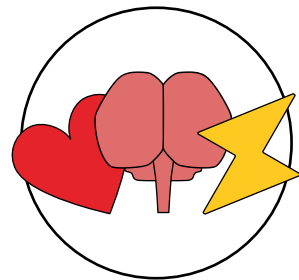
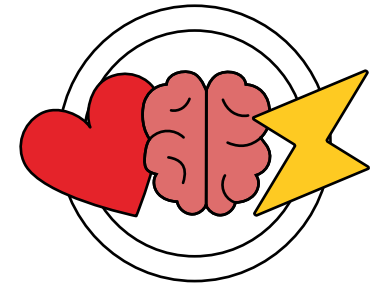
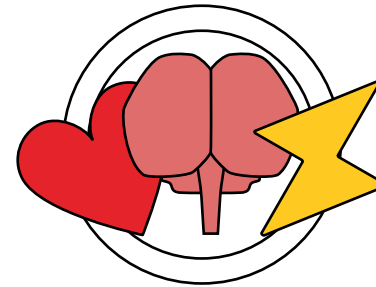
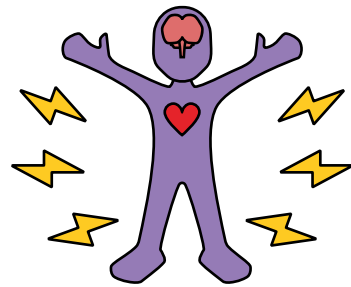
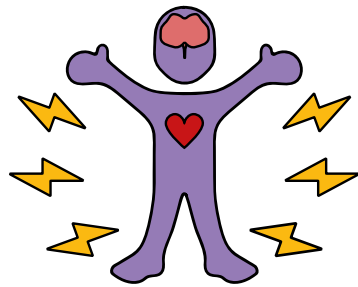
Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQ



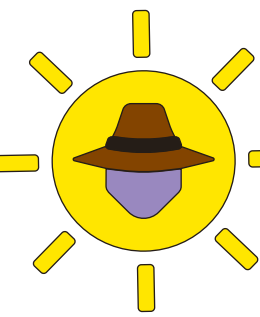
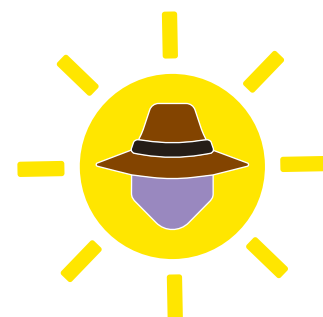
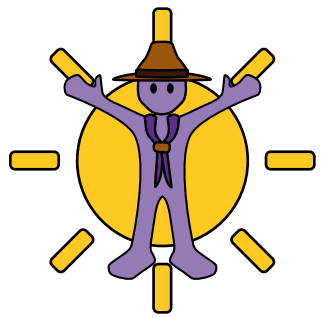
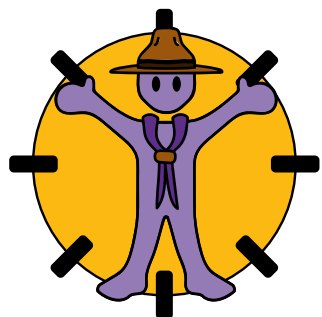
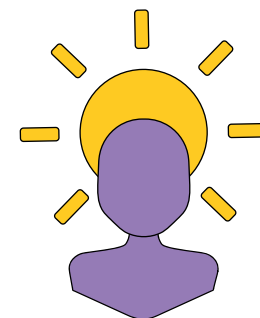
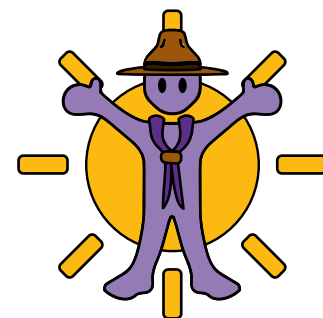
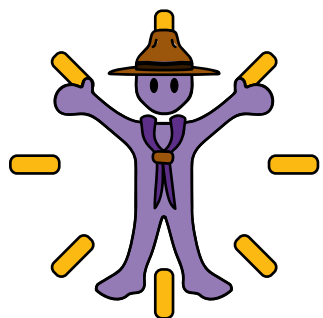
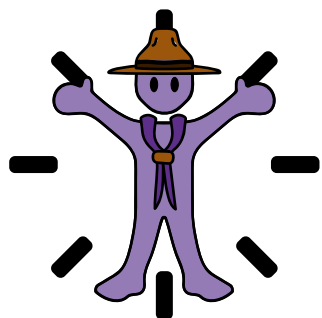
Inclusão e diversidade LGBTQ na roupa



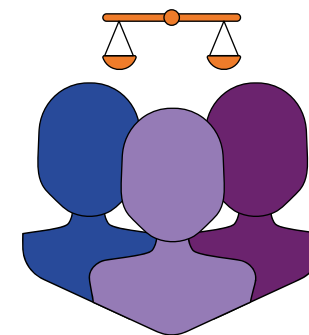
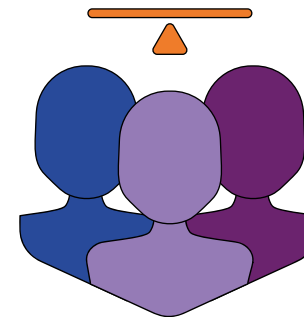
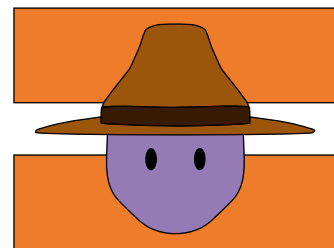
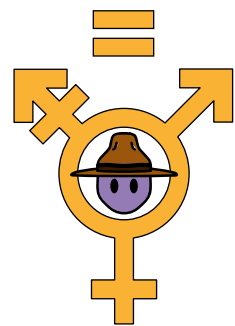
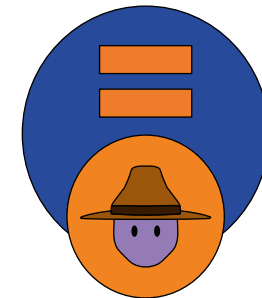
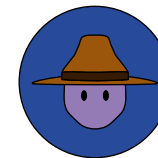
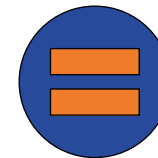
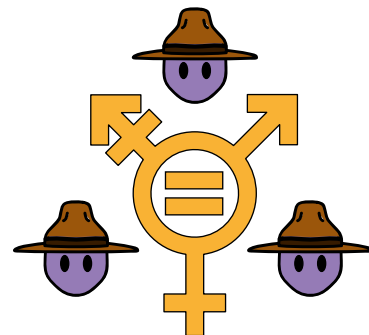
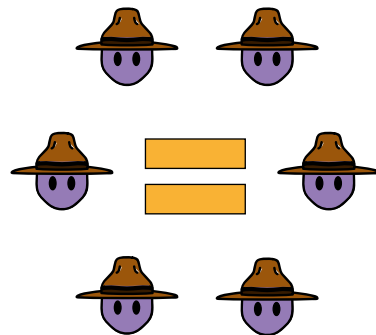
Tipos de atração



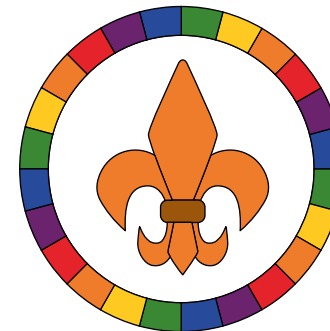
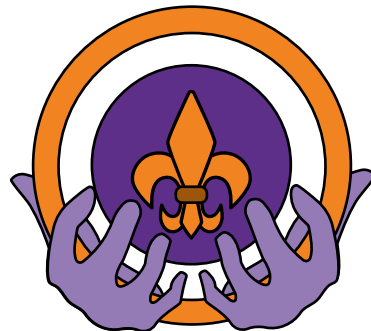
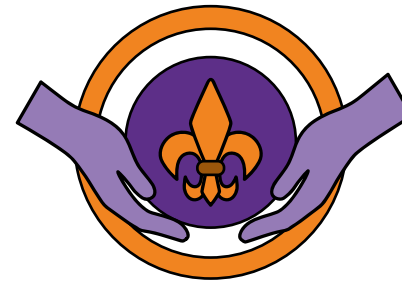
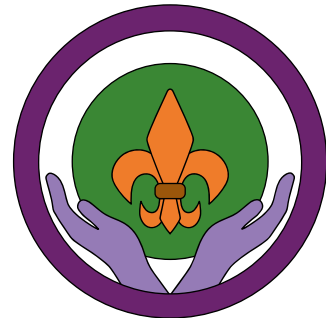
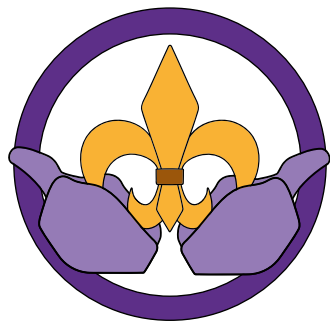
Expressão de género



Igualdade de género

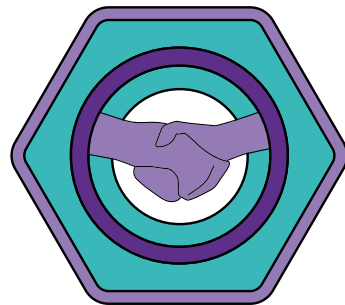
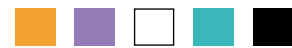
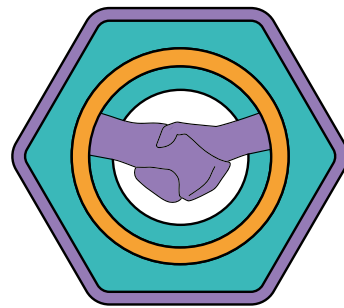
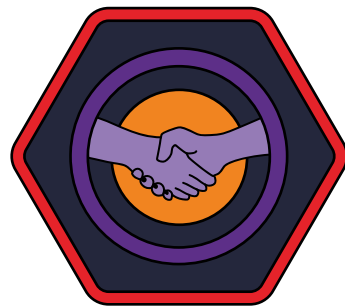


Movimento inclusivo da diversidade LGBTQ

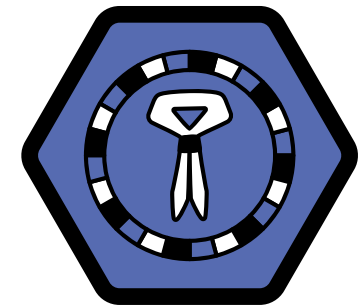
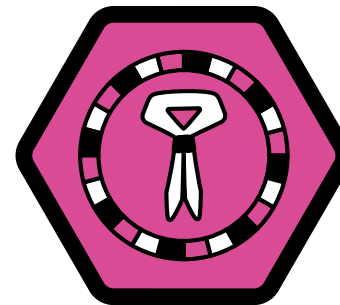
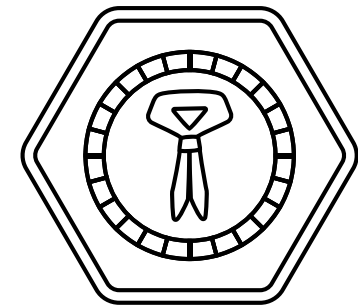
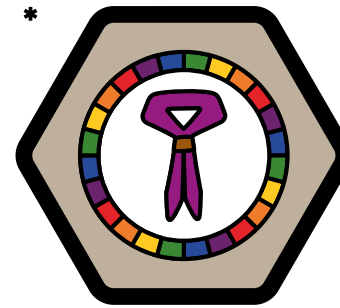
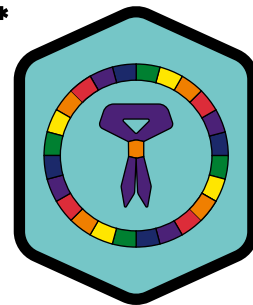


Anexo 6 | Testes de cor

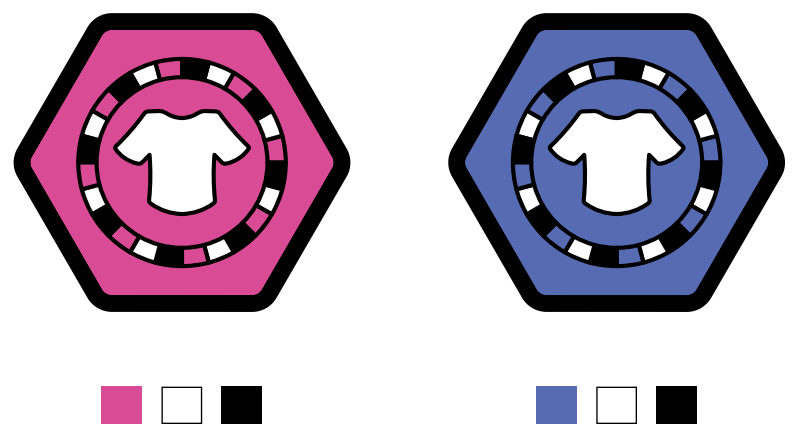
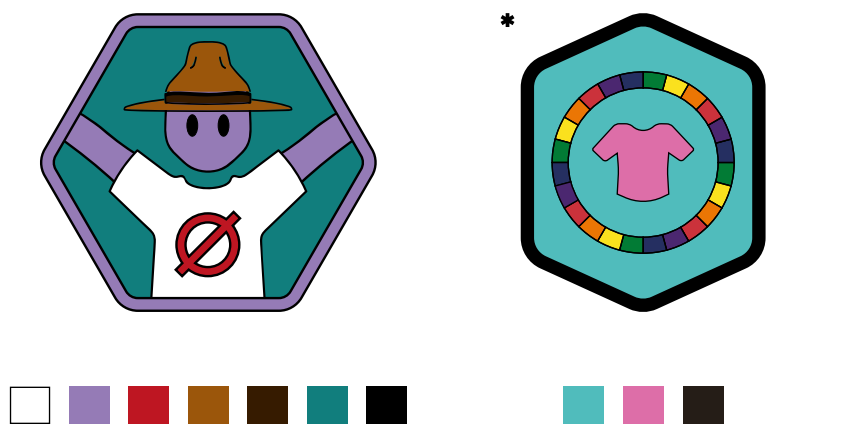
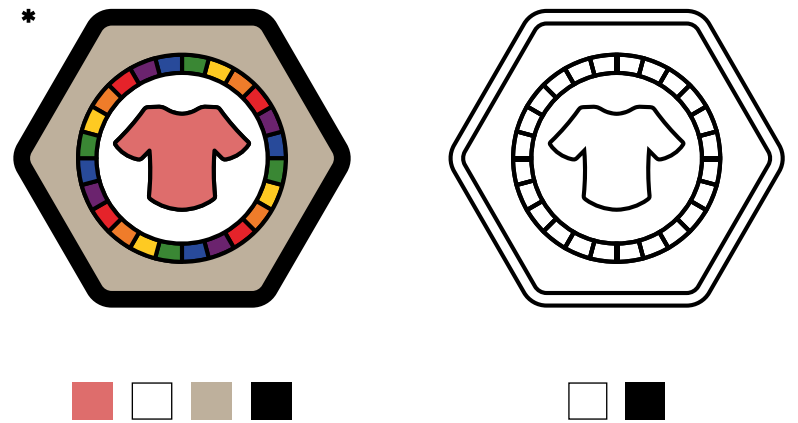
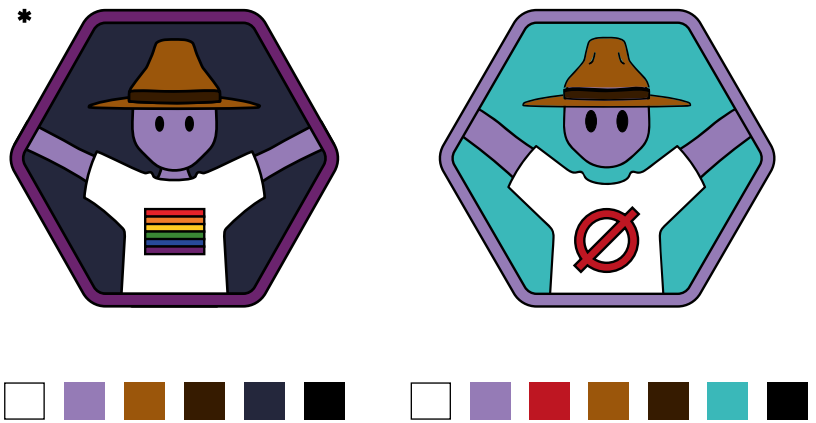
Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQ



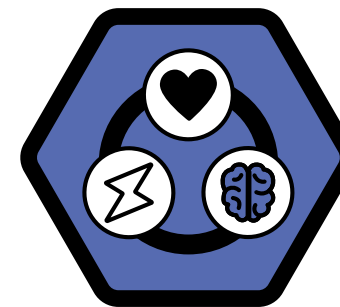
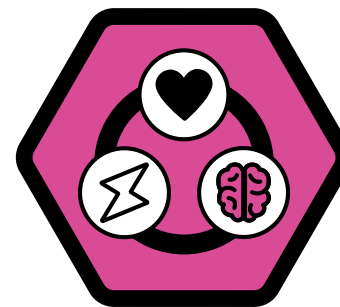
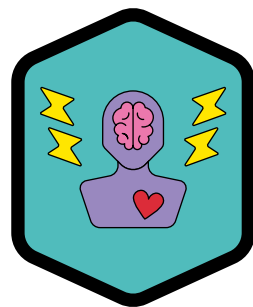
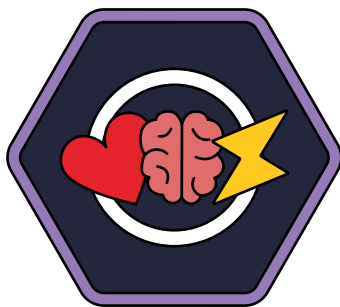
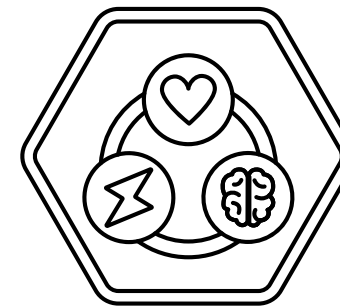
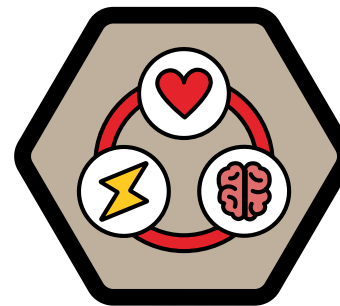
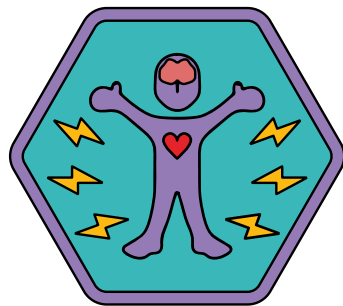
**



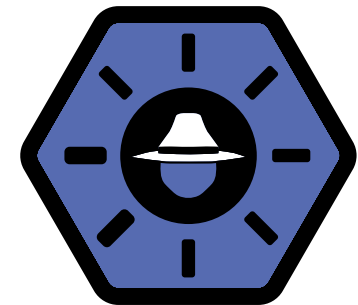
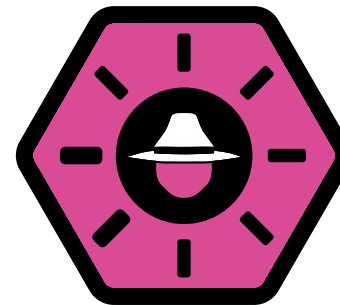
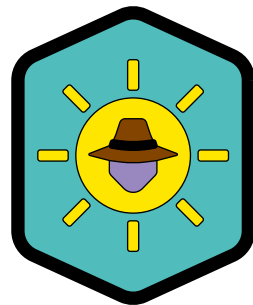
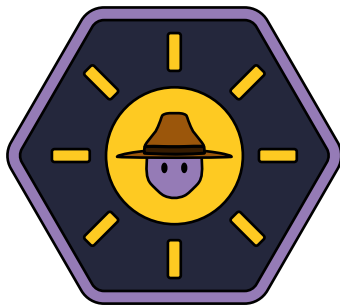
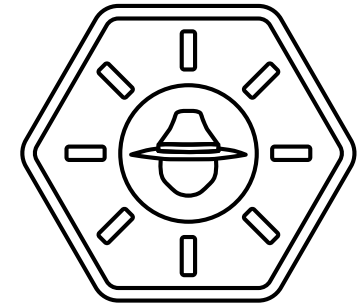
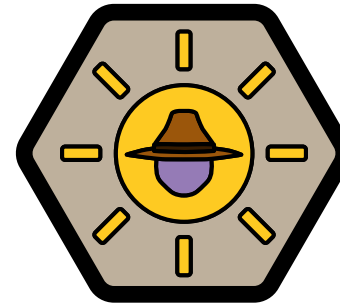
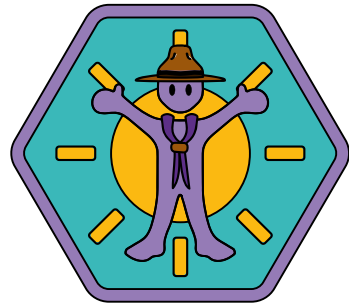
Inclusão e diversidade LGBTQ na roupa



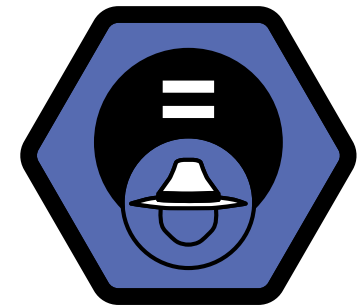
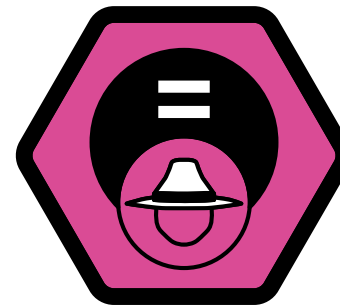
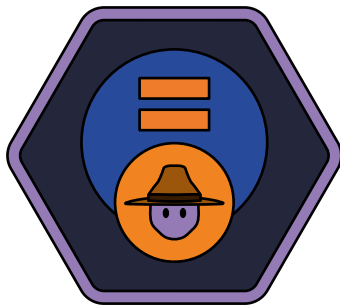
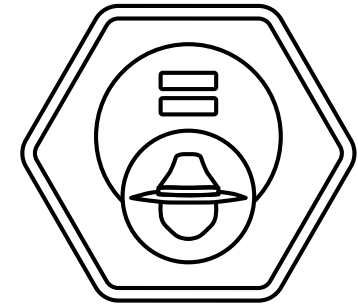
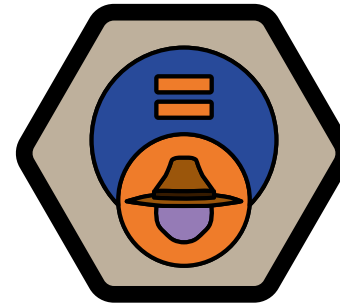
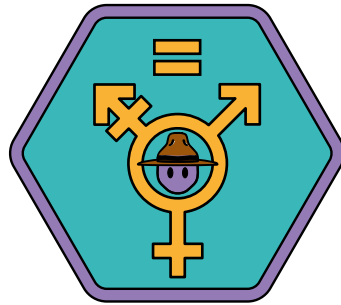
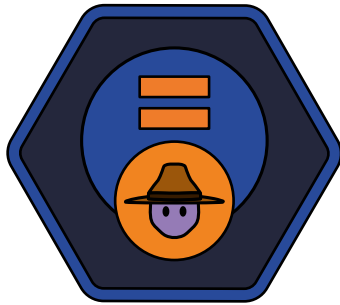
Tipos de atração



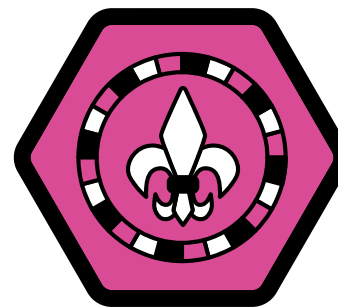
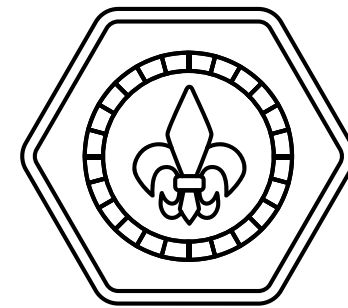
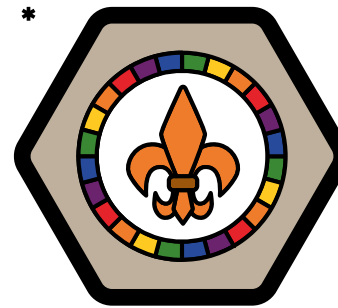
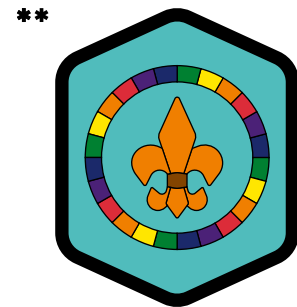
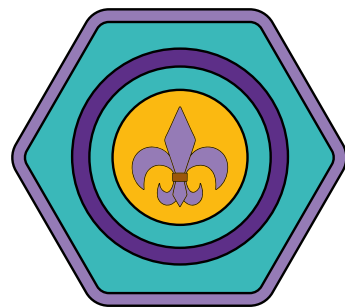
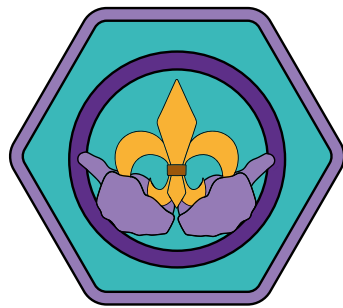
Expressão de género



Igualdade de género

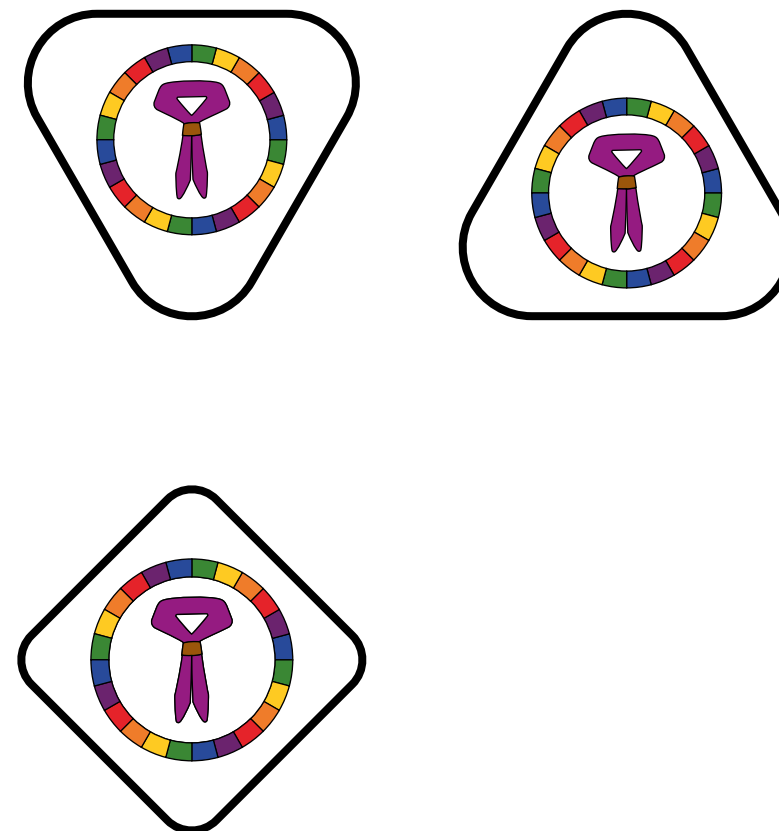
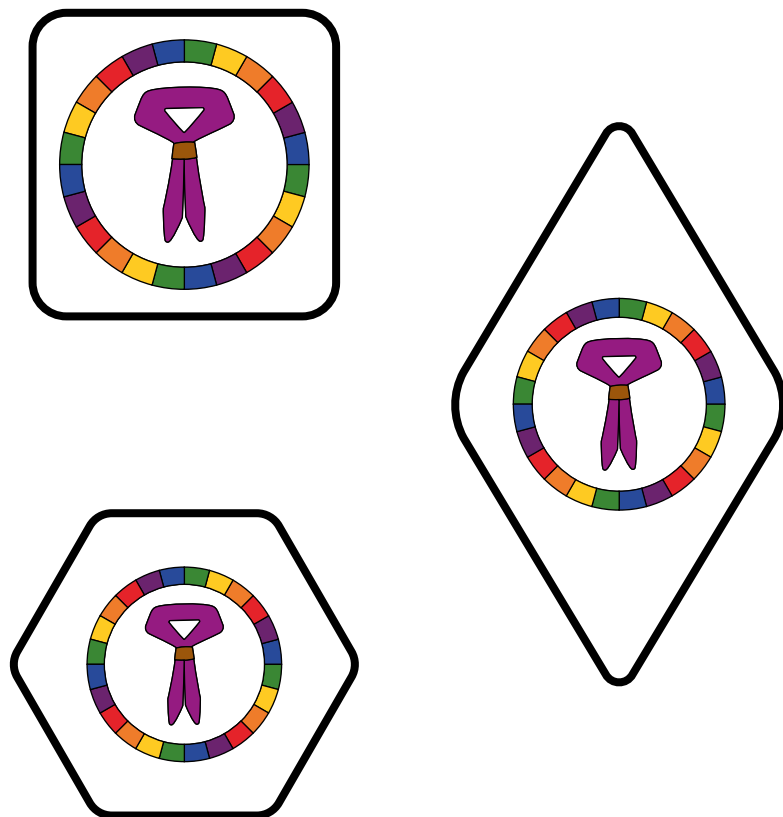


Movimento inclusivo da diversidade LGBTQ

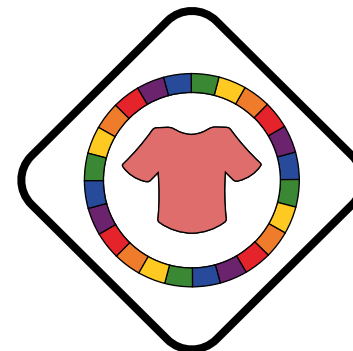
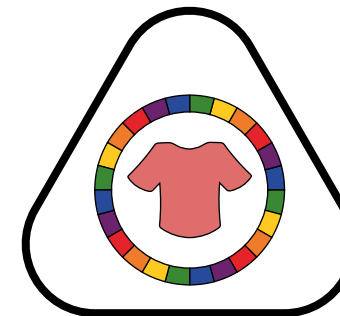
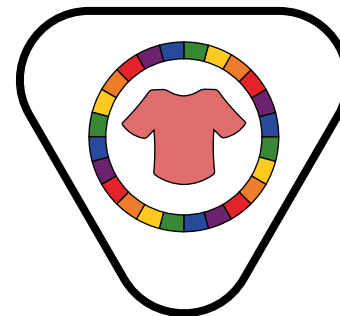
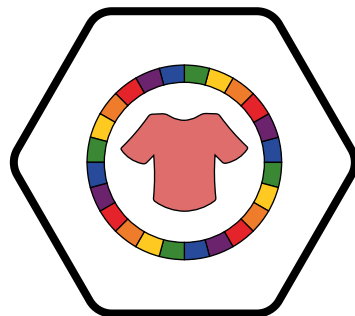
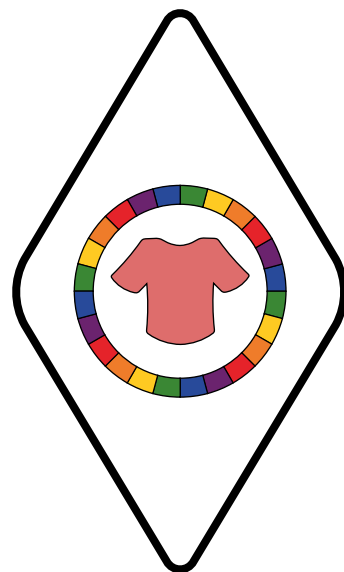
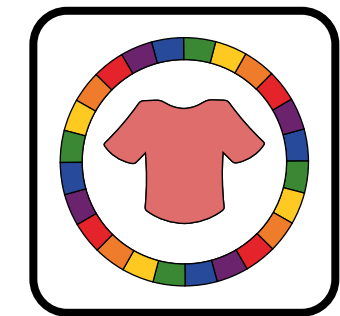


Анексо 7 | Testes de forma

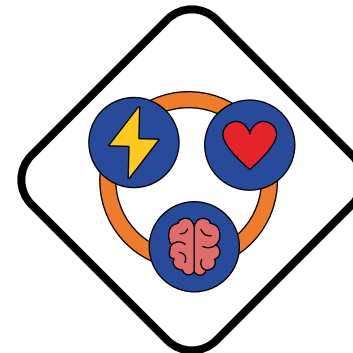
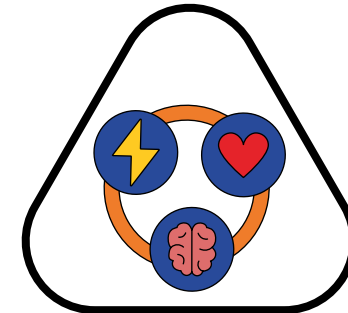
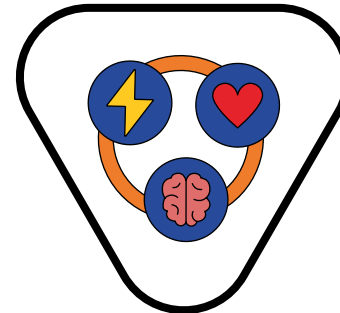
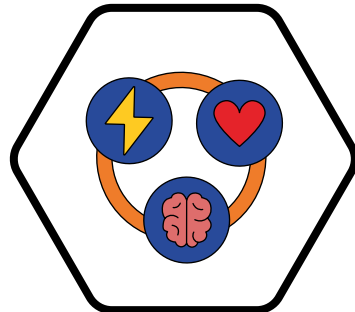
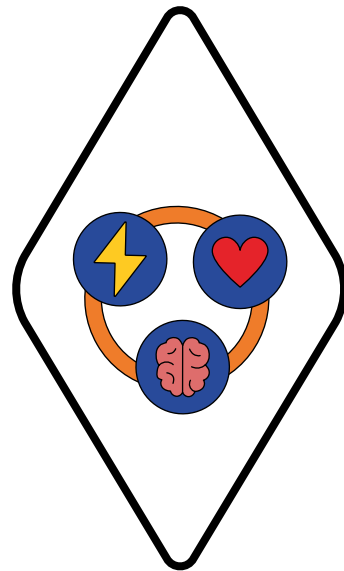
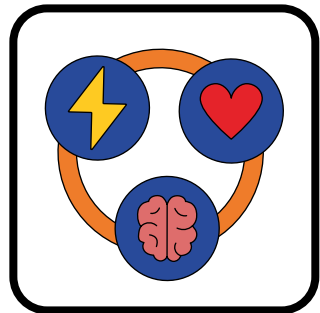
Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQ



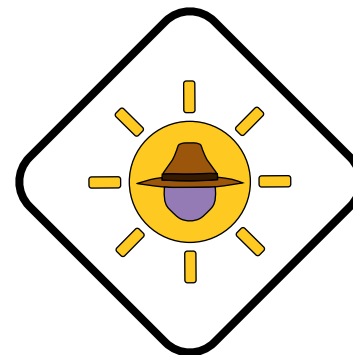
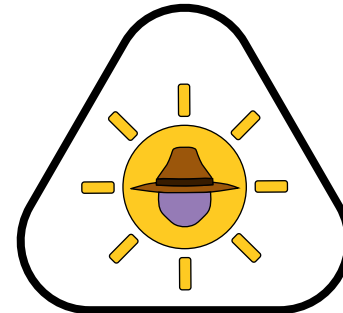
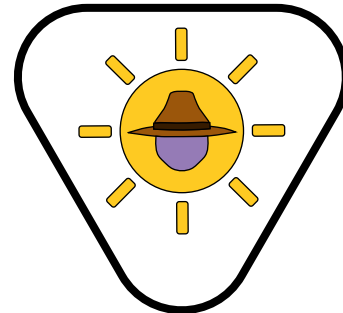
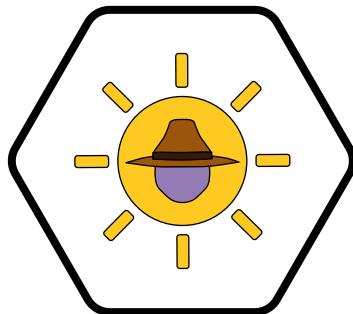
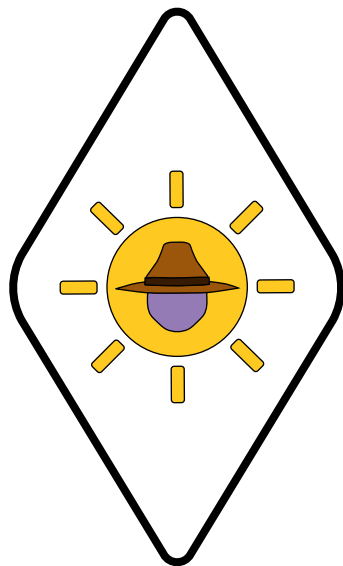
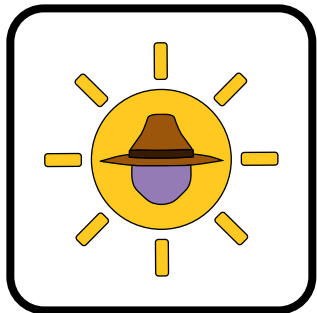
Inclusão e diversidade LGBTQ na roupa



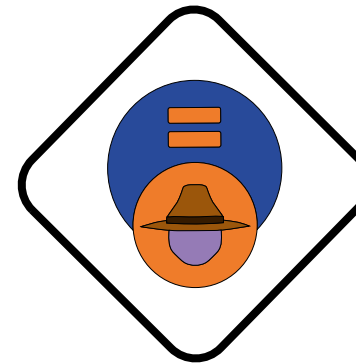
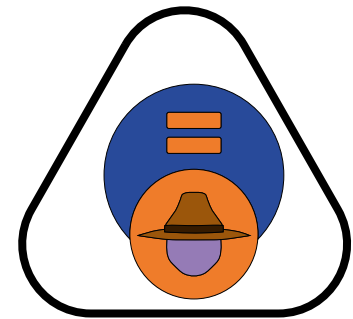
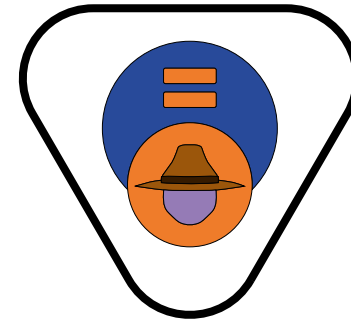
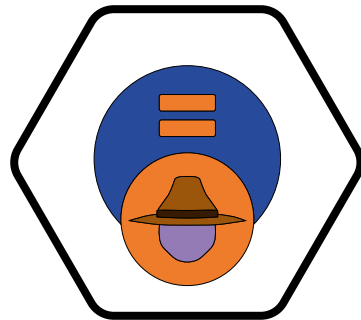
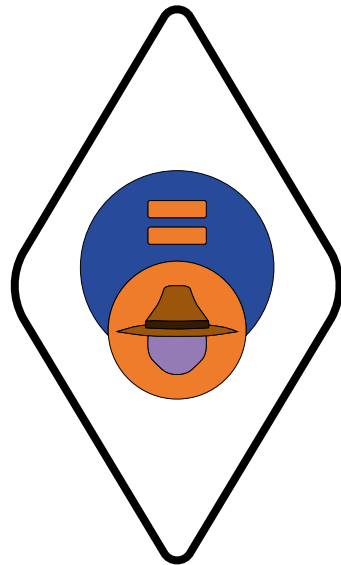
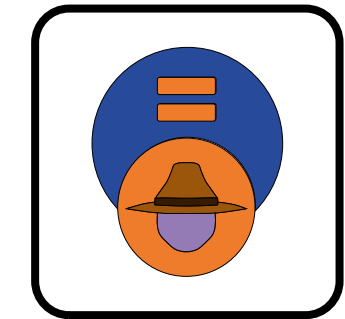
Tipos de atração



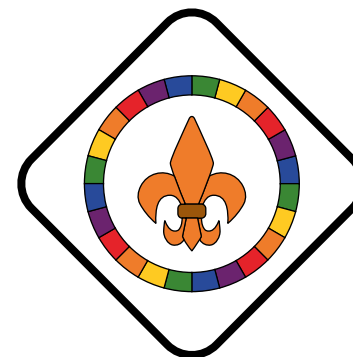
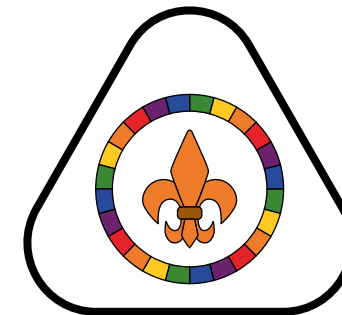
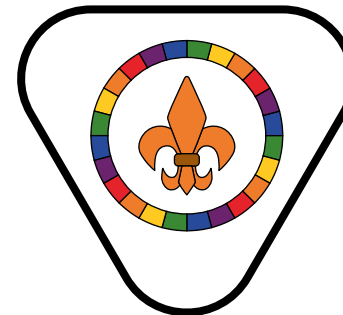
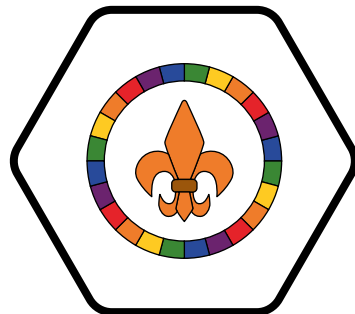
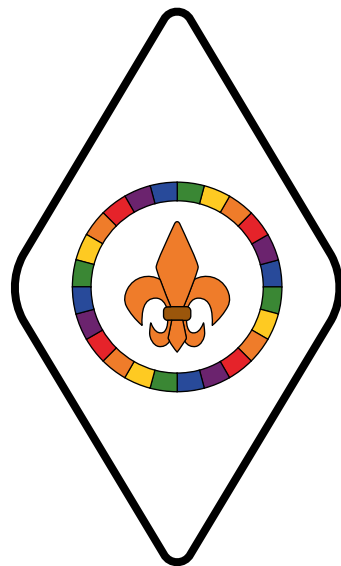
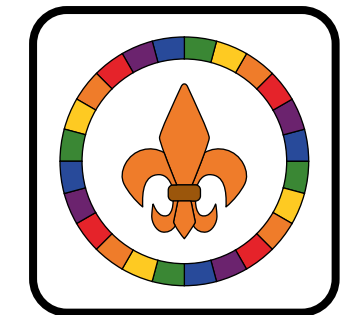
Expressão de género



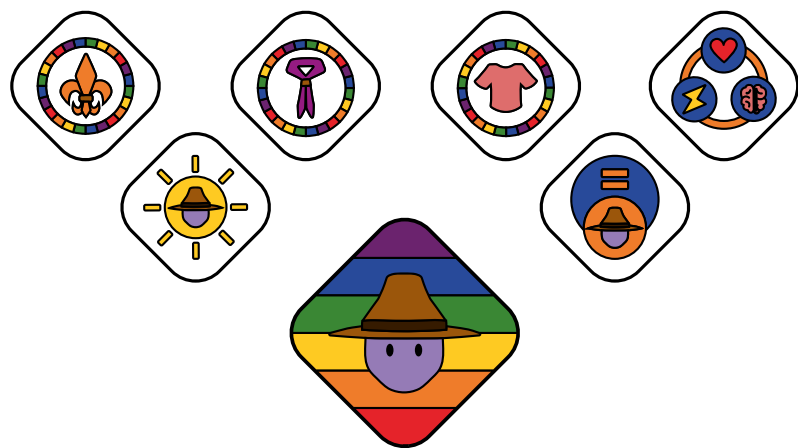
Igualdade de género

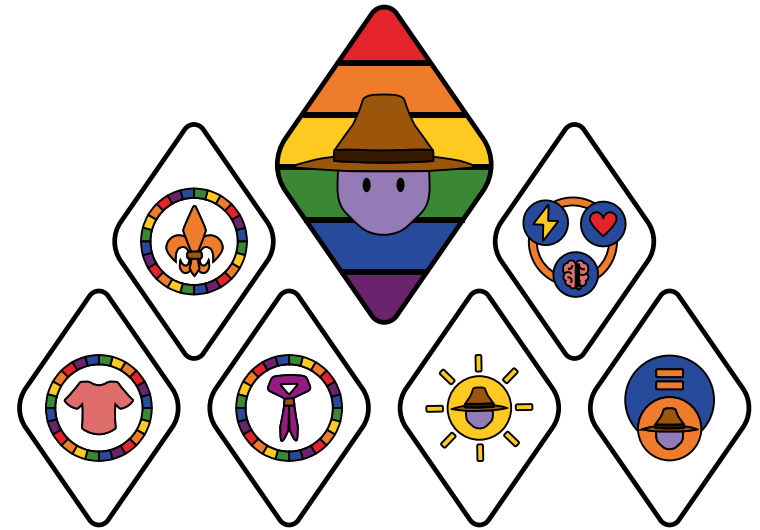
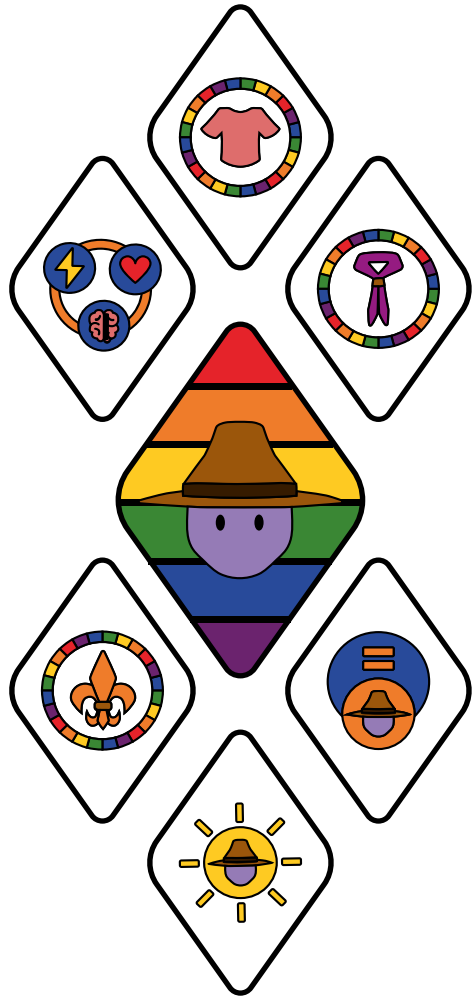


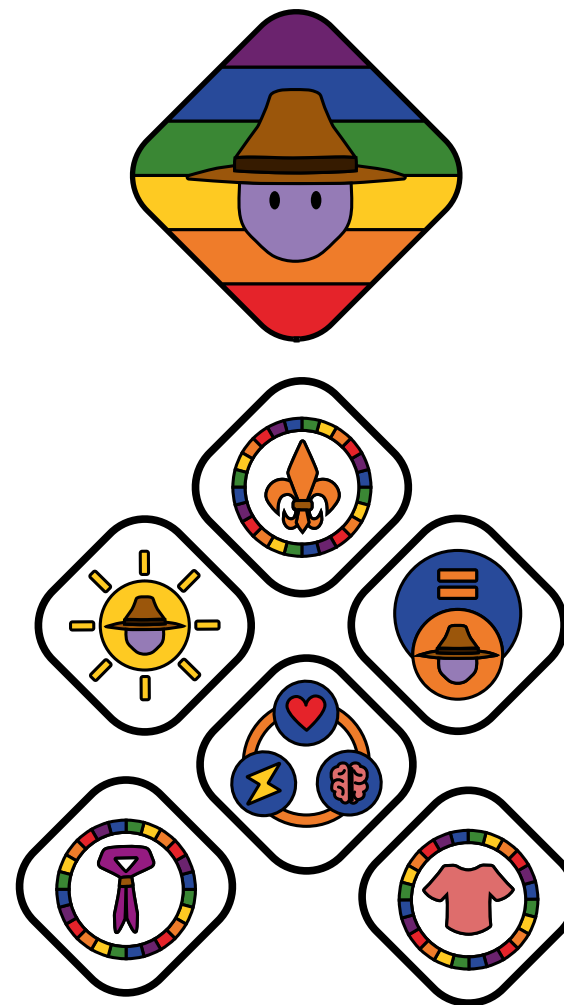
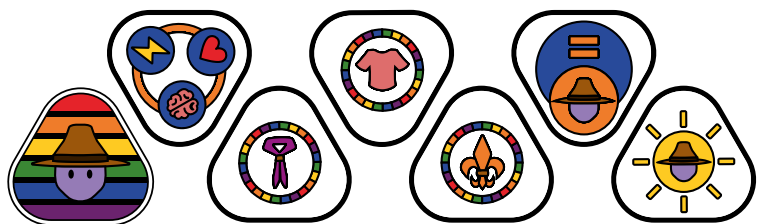
Movimento inclusivo da diversidade LGBTQ

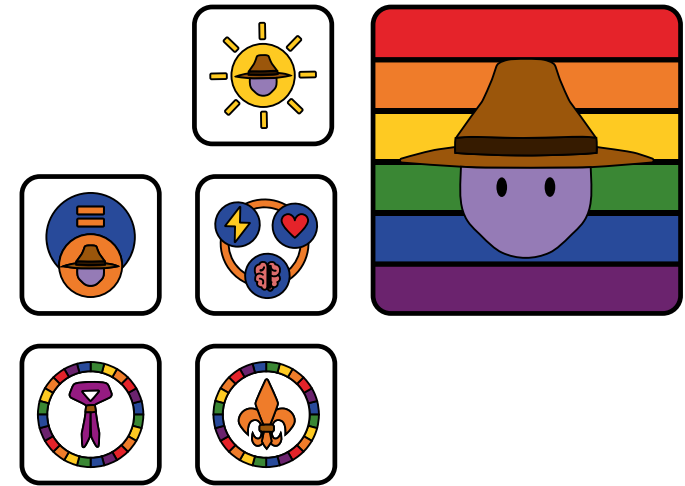
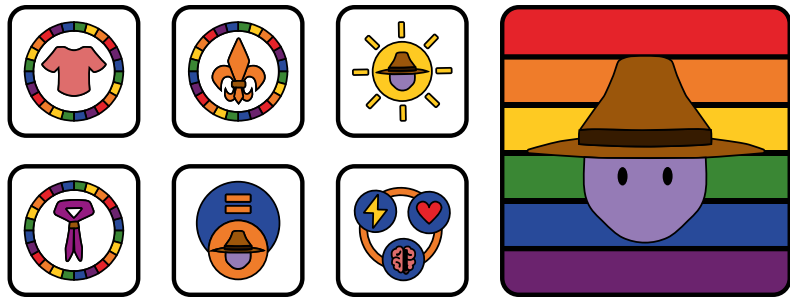


Anexo 8 | Testes de disposição em grupo









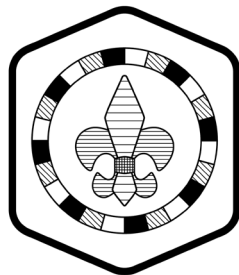
Anexo 9 | Flyers das insígnias

O projeto

Parte constituinte de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insígnias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insígnias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Conhecer o trabalho que a WOSM tem desenvolvido na temática da Inclusão e Diversidade.
- 2 Promover e defender os Direitos Humanos.
 - 2.1 Opor-se a todas as formas de discriminação.
- 3 Estar ciente das políticas de Inclusão e Diversidade defendidas pela tua associação escotista.
 - 3.1 Promover o acesso do movimento a todos os adultos e jovens que nele quiserem participar.



Movimento inclusivo da diversidade LGBTQI+

Contexto

A WOSM/OMME é a maior associação mundial escotista que tem como função unificar e compreender as necessidades do movimento escotista a nível mundial, unificando-o e promovendo a sua expansão e desenvolvimento.

Um dos principais órgãos da WOSM é a World Scout Conference, que consiste numa conferência escotista trienal a nível mundial, constituída pelas diversas associações escotistas nacionais que visa formular propostas para o desenvolvimento do movimento.

Valores

A **Inclusão** é um dos princípios defendidos pelo movimento escotista, que valoriza a diversidade individual e defende o igual acesso de oportunidades na participação de todas as atividades disponíveis, almejando ser inclusivo para todos os jovens e adultos.

A **Diversidade** é um valor fundamental do escotismo e consequentemente da WOSM. Consiste em reconhecer todas as pessoas de forma igual, nunca esquecendo a sua individualidade e respeitando as suas diferenças. Para que a diversidade seja reconhecida no escotismo torna-se necessário compreender que toda a gente é diferente e fazer uso dessas diferenças de forma a criar comunidades - locais, nacionais e globais - coesas e diversas.

Posicionamento da WOSM

Na 40ª Conferência Mundial, (WSC), foi criada uma equipa - Human Rights Task Force, HRTF - com o objetivo de estudar e avaliar as políticas atuais referentes aos Direitos Humanos e reportar as suas descobertas e respetivas recomendações à WSC. O trabalho desta equipa resultou na criação de um documento, intitulado "Document 12 - Human Rights", onde estavam dispostas todas as suas descobertas e recomendações relativamente à prática dos Direitos Humanos no Escotismo. No seguimento deste documento e da 40ª WSC, foi criado e disponibilizado no site da WOSM um segundo documento intitulado de "Peace and Human Rights Education in Scouting", com o propósito de servir de guia às Associações Escotistas Nacionais na abordagem da Paz e dos Direitos Humanos no seu programa educativo.

Terminologias

LGBTQI+

LGBT é um acrónimo para "Lésbica, gay, bissexual e transgénero". O "Q" representa a palavra Queer. O "I" faz referência às pessoas intersexo e o "+" tem como propósito incluir qualquer outra pessoa que não se sinta incluída.

QUEER

Terminologia usada em países de língua inglesa para expressar o espectro identitário ou sexual que vai para além do convencional, abrangendo todas as pessoas da comunidade LGBTQI+, abrangendo qualquer pessoa que não se encaixe dentro das normativas de género, sexo ou relacionamentos. Foi inicialmente usado de forma pejorativa, mas acabou por ser adotado por diversos membros da comunidade LGBTQI+.

Heteronormatividade

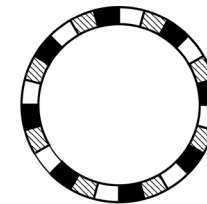
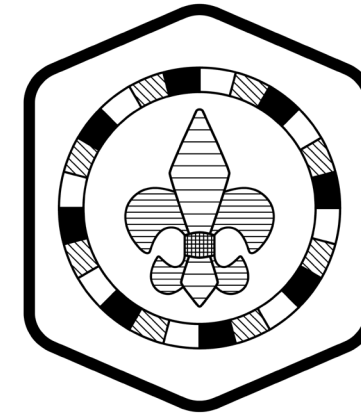
Atitudes ou comportamentos que assumem que género é binário (homem/mulher) e que toda a gente é heterossexual, ignorando outras possibilidades e escolhas fora da convenção, assumindo parâmetros definidos e limitativos do que é identidade e expressão de género e atração sexual ou romântica.

Aliados

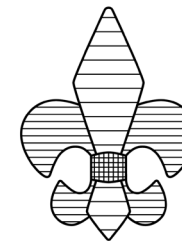
Pessoas que não são LGBTQI+ mas que apoiam a igualdade LGBTQI+, um aliado pode demonstrar o seu suporte, apoiando os seus amigos, pessoas com quem trabalha, colegas de turma, família, etc (...) que pertençam à comunidade LGBTQI+.

“ Através da promoção dos direitos humanos e da cultura da paz, o Escotismo pode agir como um espaço onde as crianças e jovens de todo o mundo são encorajados a abraçar justiça, igualdade e o respeito pela igualdade de oportunidades e dignidade sem discriminação. No panorama internacional, a orientação sexual como fonte de discriminação com base no sexo, levou à inclusão dos direitos das pessoas LBGT na família dos direitos humanos.”

Peace and Human Rights Education in Scouting



Inclusão e diversidade LGBTQI+



Movimento

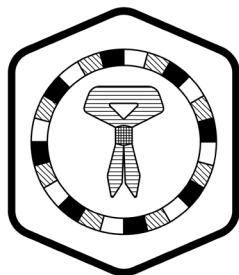


O projeto

Parte integrante de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insígnias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insígnias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteire inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Compreender a necessidade de adaptar a nossa linguagem de forma a acolher a diversidade.
 - 1.1 Ficar familiarizado com os pronomes criados em alternativa ao plural masculino.
- 2 Refletir sobre determinadas expressões que aparentemente parecem inofensivas, mas que reforçam estruturas de poder e estereótipos.
- 3 Refletir sobre a forma como falamos com o objetivo de nos comprometermo-nos a expressarmo-nos de forma mais inclusiva.
 - 3.1 Pensar nas alternativas aos atuais pronomes e discutir a sua inclusividade com outras pessoas.



Escoteire inclusivo da diversidade LGBTQI+

Contexto

A linguagem reflete e preserva os valores e preconceitos da sociedade da qual faz parte, podendo tornar-se num poderoso elemento de reforço à desigualdade. Tanto os novos media como os tradicionais estão repletos de exemplos, como o uso pejorativo da palavra "gay".

Na sua composição, a língua portuguesa, apresenta dois géneros, o feminino e o masculino, já no alemão e no latim existem três e nas línguas do grupo bantu, faladas em África, estão presentes mais de dez, contrariamente ao finlandês ou basco onde não existe nenhum. Na língua portuguesa é comum o género natural e o género gramatical serem correspondentes, daí ser dito o homem, a mulher, o professor, a professora, o médico, a médica, etc., criando uma clara divisão entre o masculino e o feminino. A forma como os géneros gramaticais se dividem não depende da vontade individual dos falantes da língua portuguesa, no entanto os géneros naturais podem ser compreendidos para além do masculino e do feminino. Existem diversas pessoas que não se sentem representadas dentro destes dois géneros e que por isso mesmo sentem a necessidade de reivindicar visibilidade. Sendo que a comunicação está intrinsecamente interligada com o nosso funcionamento e perceção enquanto sociedade, torna-se assim necessário adotar uma comunicação inclusiva, pois a atual não representa a realidade vivida. É, portanto, necessário ter consciência de que a sociedade é composta por pessoas das mais diversas características e identidades.

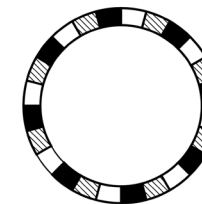
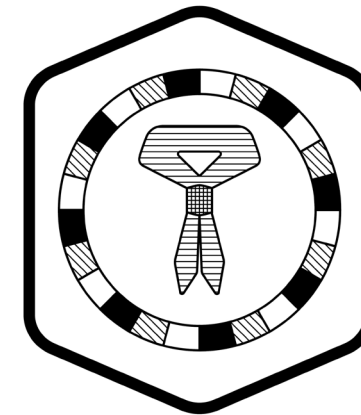
Género não - binário na língua portuguesa

Atualmente utilizamos a letra "a" ou "o" quando nos queremos referir ao feminino ou masculino, sendo a letra "O" também muito usada para referir o plural. A proposta consiste em passar a utilizar o som da letra "e" em substituição ao "O" ou ao "a". Pode ser usado em vez de "e", o "x" ou o "@", no entanto a escolha do "e" é considerada mais inclusiva na medida em que é mais facilmente perceptível por pessoas com deficiências visuais. Dito isto, de modo a evitar os pronomes "ele" e "ela", as pessoas não binárias podem optar pelo uso do pronome "ile".

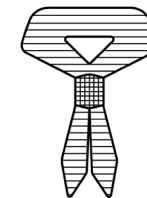
Usar isto:	Em vez disto:
Pessoa gay, lésbica, bissexual, transgénero, intersexual, etc...	Gays, lésbicas, bissexuais, transgéneros, intersexuais, etc...
Família	Os pais, as mães.
Estudantes	Alunos
Pessoal Docente/Docentes	Professores
O pessoal da limpeza	As empregadas de limpeza
A gerência	O gerente
Pessoas com deficiência	Deficientes
A classe política	Políticos
Etnia Cigana	Raça Cigana

“As meninas bebês estão envoltas em rosa. Os meninos em azul. As meninas usam salvas. Os meninos calças. Os clichés saem facilmente dos nossos lábios. As roupas fazem o homem, nós dizemos: quem veste as calças, sinal de dominância. O objetivo base do traje é distinguir o homem da mulher.”

Gender-bending fashion rewrites the rules of who wears what at the Museum of Fine Arts



Inclusão e diversidade LGBTQI+



Escoteiro

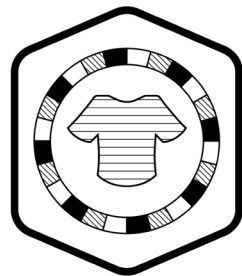


O projeto

Parte integrante de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insígnias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insígnias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Entender que o conceito do que é feminino e masculino é socialmente construído e está em constante mudança.
- 2 Perceber que a roupa faz parte da identidade de um indivíduo e que este pode não identificar-se com nenhum dos sexos, abrindo espaço para uma conceção não binária de género.
- 3 Sendo a roupa um elemento identitário da pessoa que a usa, podendo esta não encaixar em nenhum dos géneros, fará sentido existirem maioritariamente roupas para o género feminino ou masculino?



Inclusão e diversidade LGBTQI+ na roupa

Contexto

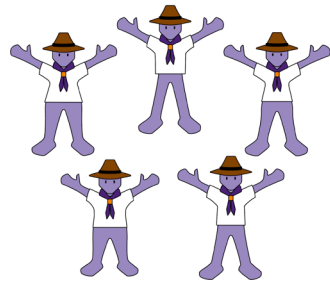
As normas criadas à volta da expressão de género estiveram em constante mudança ao longo da história e diferem de sociedade para sociedade. Atualmente é normal um homem usar brincos ou uma mulher fazer tatuagens, uma visível mudança a nível social. Por causa das expectativas associadas à expressão de género de uma pessoa, estamos constantemente a pressionar o que deve vestir, como deve andar, como deve mexer-se ou expressar-se. No entanto, não podemos assumir o género de alguém baseado na forma como o expressa. Por exemplo, um rapaz cisgénero pode gostar de usar saias ou vestidos e a sua escolha de roupa não altera em nada a sua identidade de género, simplesmente significa que ele prefere usar a roupa que a sociedade tipicamente associa ao género feminino.

Identidade de género e expressão de género são coisas diferentes. É essencial não assumir que uma pessoa com determinada roupa e corte de cabelo, que anda e fala de uma determinada maneira, é indicativo de que esta se identifica com determinado género. Alguns rapazes usam saia, algumas raparigas têm o cabelo curto e algumas pessoas não-binárias usam maquilhagem.

Crossdresser

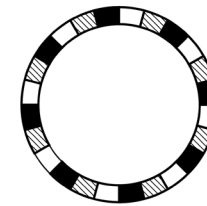
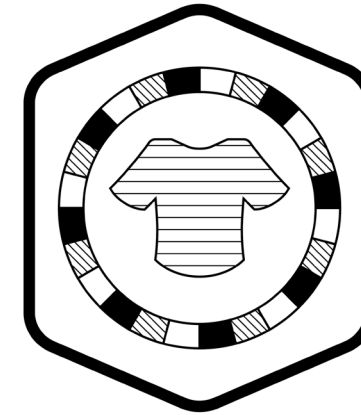
Pessoa que, como parte da sua expressão de género, ocasionalmente se veste com roupas do género "oposto". Esta pessoa pode ou não identificar-se como transgénero e isto não é em nada um indicativo da sua orientação sexual.

A roupa não tem género e deve servir todos os corpos

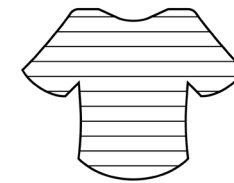


“As meninas bebés estão envolvidas em rosa. Os meninos em azul. As meninas usam saias. Os meninos calças. Os clichés saem facilmente dos nossos lábios. As roupas fazem o homem,” nós dizemos; “quem veste as calças,” sinal de dominância. O objetivo base do traje é distinguir o homem da mulher.”

Gender-bending fashion rewrites the rules of who wears what at the Museum of Fine Arts



Inclusão e diversidade LGBTQI+



Roupa

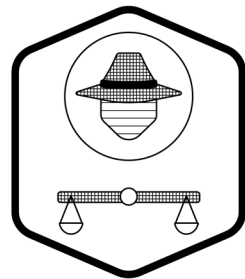


O projeto

Parte integrante de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insígnias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insígnias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Refletir sobre concepções que podem refletir imagens pré-concebidas de como cada género se deve comportar.
 - 1.1 Refletir como uma atitude de carácter individual pode reforçar estes papéis de género.
- 2 Refletir sobre a pressão e expectativas a nível comportamental que a sociedade coloca na pessoa à qual atribui um género preconcebido.
- 3 Refletir sobre a importância da co-educação.



Igualdade de género

Contexto

A nossa identidade de género pode significar uma grande parte de quem somos. Todas as nossas identidades - raça, etnia, (des) habilidade, nacionalidade, língua de origem, idade, classe social, religião ou espiritualidade, entre outras - ajudam-nos a compreender o panorama mais abrangente de quem somos, sendo que a identidade de género e a orientação sexual são apenas parte de um todo. Questionar a própria identidade é uma experiência comum na vida de diversas pessoas e, por vezes, bastante complicada. Muitas pessoas não estão familiarizadas, nem lhes foi ensinada, a diferença existente entre identidade de género, expressão de género, o sexo atribuído à nascença e a orientação sexual.

Ao nascermos, o pessoal médico responsável tem de decidir se somos meninas ou meninos para ser registado no nosso certificado de nascimento. Este é o primeiro momento em que é feita uma relação direta entre género e sexo, sendo o nosso género o mesmo que o sexo que nos foi atribuído, tendo em conta a nossa genitália.

Enquanto sexo se refere a características físicas específicas presentes na nossa biologia, género diz respeito aos papéis que são determinados culturalmente por uma sociedade. Estes papéis baseiam-se no sexo da pessoa e, com base nele, são esperados diferentes comportamentos e atitudes. Como resultado, desde o dia do seu nascimento, são colocadas diferentes expectativas, tanto nos homens como nas mulheres. Ao dividirmos o género entre masculino e feminino, estamos a deixar de parte as pessoas que não se identificam com nenhum dos dois. O género pode adotar mais do que duas possibilidades de expressão, consistindo numa expressão não binária. Cada pessoa experiencia de forma única e pessoal o entendimento do próprio género.

Algumas identidades mais comuns são:

Agénero

Pessoa que não se identifica com qualquer género. (Binário ou não binário)

Pangénero

Pessoa que apresenta características de diversos géneros, refutando o conceito de género binário.

Multi género

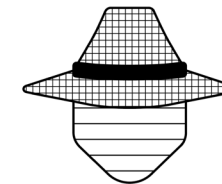
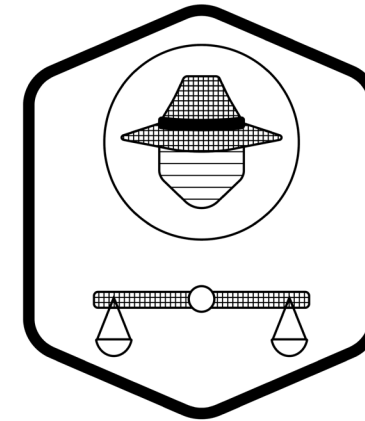
A identidade multi género pode albergar diversas identidades não binárias e transgéneras. Representa pessoas com mais do que uma identidade de género ou que viajam entre as diversas identidades ao longo do tempo. Podem ou não recorrer à transição física do seu corpo.

Género fluido

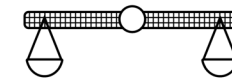
Pessoa cuja identidade e representação do seu género troca, correspondendo ou não, com o conceito social de género, fluindo entre os dois ou mais géneros.



- 1 Forma como uma pessoa se expressa
- 2 Características físicas



Género



Igualdade

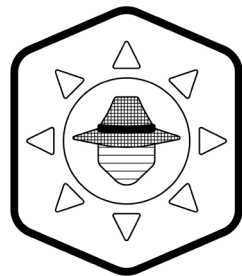


O projeto

Parte constituinte de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insígnias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insígnias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Entender a diferença entre sexo e género.
 - 1.1 Refletir como as normativas de género podem influenciar a vida de uma pessoa.
- 2 Entender o conceito de género.
 - 2.1 Entender em que consiste a expressão de género.
- 3 Compreender em que consiste transição de género.



Expressão de género

Contexto

Expressão de género

Consiste na aparência externa da identidade de uma pessoa, expressando-se através do seu comportamento, vestuário, características físicas e vocais, podendo, ou não, estar em conformidade com o que é socialmente associado ao feminino ou masculino.

Conceito de sexo

Classificação que é atribuída - feminino ou masculino - por profissional da saúde assim que a pessoa nasce. Esta atribuição tem como base a análise dos genitais e dos cromossomas presentes no recém nascido. Os resultados desta análise serão inscritos posteriormente na certidão de nascimento da pessoa em questão.

Conceito de género

Cada cultura apresenta diferentes visões acerca da forma como as pessoas devem agir tendo em conta o seu género, este representa a imagem social da pessoa e as expectativas que a sociedade tem relativamente à forma como se deve comportar, à sua aparência física e à forma de pensar. É recorrente ser feita uma ligação direta entre género e sexo, o género é normalmente limitado ao feminino ou masculino e muitas vezes percecionado de acordo com as características físicas da pessoa, sendo esperado que esta se comporte de acordo com o sexo que lhe é atribuído.

Identidade de género

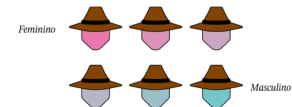
Consiste na forma como, interiormente, a pessoa se sente e, consequentemente, na maneira como o expressa - através do vestuário, dos comportamentos e da aparência pessoal. Algumas pessoas sentem-se mulheres masculinas ou homens femininos, existem ainda pessoas que se identificam como género *fluido* ou *genderqueer*. As pessoas que sentem que o sexo que lhes foi atribuído à nascença corresponde com o seu género são denominadas de *cisgéneras*, enquanto que aquelas sentem que o seu sexo não coincide com a sua identidade de género são denominadas de *trans-género* ou *trans*.

Ilustrando género

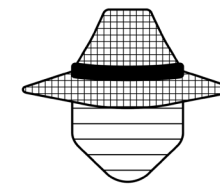
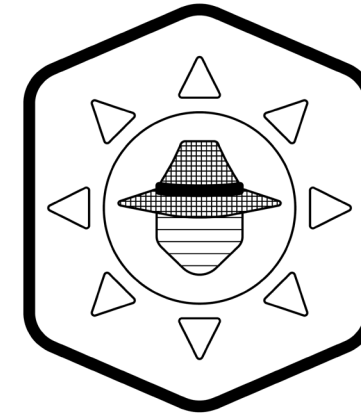
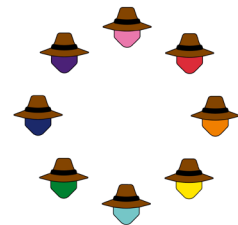
Género pode ser percecionado assim ...



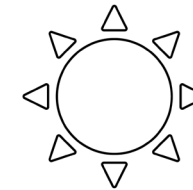
Assim ...



Na verdade género parece-se mais com isto ...



Género



Expressão



O projeto

Parte integrante de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem um grupo de insignias com o tema Inclusão e diversidade LGBTQI+, um projeto que tem como propósito promover a educação para a inclusão e diversidade da comunidade LGBTQI+ dentro do movimento escotista. Este grupo de insignias é constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupa inclusiva da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Objetivos

- 1 Entender o que é orientação sexual.
- 2 Compreender que não existe apenas um tipo de atração.
 - 2.1 Diferenciar os diversos tipos de atração.
- 3 Compreender que, assim como o género, a atração também é fluida.



Tipos de atração

Contexto

Orientação sexual

Terminologia que abarca diversas formas de atração, comportamentos e identidades. Segundo a convenção normativa, as formas de atração foram reconhecidas como uma única. Segundo uma perspectiva inclusiva existem quatro tipos principais de atração - sexual, física, romântica e emocional - havendo ainda outros como a atração mental, sensual e estética.

Homossexualidade

Pessoa que se sente emocionalmente, fisicamente e/ou sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo.

Heterossexualidade

Pessoa que se sente emocionalmente, fisicamente e/ou sexualmente atraída por pessoas do sexo oposto.

Demisssexualidade

Alguém que só sente atração sexual por alguém com quem já tenha um laço emocional. Os demisssexuais são considerados parte do espectro assexual.

Assexualidade

Terminologia que faz parte de um espectro maior de orientações sexuais, caracterizada por diversos níveis de atração sexual ou desejos sexuais. Dentro da assexualidade há pessoas sexualmente ativas e que experienciam diversos tipos de atração sexual, assim como existem pessoas que não experienciam atração sexual e podem sentir outras formas de atração como atração romântica, física e ou emocional, podendo até sentir mais do que uma ao mesmo tempo.

Orientação sexual



Atração sexual

O tipo de atração mais conhecido pela generalidade das pessoas. Este tipo de atração é caracterizado pelo desejo de ter intimidade sexual com outras pessoas. A atração física é frequentemente considerada uma parte integrante da atração sexual.



Atração romântica

É descrita como sendo o desejo de ser romanticamente íntimo com alguém. Alguns exemplos podem ser dar as mãos, ir em encontros, beijar, trocar carinhos, entre outros, sendo variável de pessoa para pessoa.

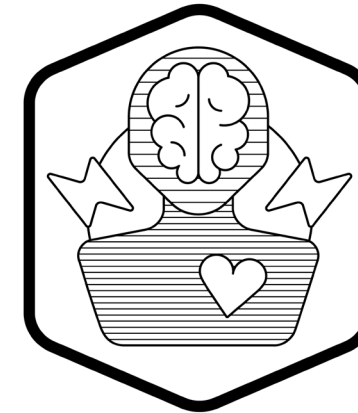


Atração emocional

Atração que consiste no desejo de criar uma conexão profunda a nível emocional com alguém. Podendo ser descrito como a vontade de ser melhor amigo de alguém ou a sensação de se sentir emocionalmente atraído pela personalidade da outra pessoa.

“ Na nossa sociedade é muitas vezes assumido que todas as pessoas são heterossexuais (...). Também é assumido que todos experienciamos atração física/sexual, romântica e emocional como sendo a mesma coisa. Enquanto algumas pessoas se apercebem que a sua orientação sexual vai de acordo a estas afirmações, existem outras que não. É bastante comum questionarmos a nossa orientação sexual. Apesar do que nos pode ter sido ensinado, a atração pode ser incrível e única.”

The Trevor Project, "Coming Out" (n.d.)



Atração emocional



Atração física



Atração romântica



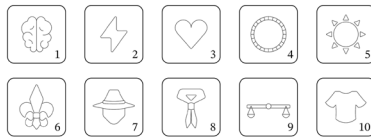
O projeto

As insígnias de Inclusão e Diversidade LGBTQI+ foram criadas tomando como referência o sistema de especialidades e competências do CNE (Corpo Nacional de Escutas) e têm como propósito constituir uma ferramenta de aprendizagem para uma organização escotista hipotética.

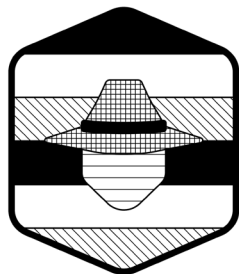
Este conjunto de insígnias permite ao escoteiro familiarizar-se com diversas questões relacionadas com a comunidade LGBTQI+. O presente flyer é parte de uma série de sete folhetos informativos que, no seu conjunto, introduzem o grupo de insígnias constituído por seis temáticas distintas: Inclusão e diversidade LGBTQI+ no escotismo, Escoteiro inclusivo da diversidade LGBTQI+, Roupas inclusivas da diversidade LGBTQI+, Tipos de atração, Igualdade de género e Expressão de género.

Código de leitura

O sistema de competências Inclusão e Diversidade LGBTQI+ é composto por um código de pictogramas que decifra o significado das insígnias constituintes deste conjunto.



1- Atração emocional 2- Atração física 3- Atração romântica
4- Inclusão ediversidade LGBTQI+ 5- Expressão 6- Movimento
7- Género 8- Escoteiro 9- Igualdade 10- Roupas



**Inclusão e Diversidade
LGBTQI+**

Insígnia de mérito

Como obter

O presente sistema de insígnias é composto por seis insígnias que introduzem diferentes temáticas da comunidade LGBTQI+ e uma insígnia de mérito. Esta última é a insígnia recebida após a obtenção das seis anteriormente referidas.

Os objetivos que esta insígnia propõe são os seguintes:

- 1** Compreender que vivemos numa sociedade constituída por pessoas diversas e com diferentes visões do mundo.
 - 1.1** Conseguir identificar o significado das letras que constituem a palavra LGBTQI+.
- 2** Estar consciente do funcionamento do movimento em que te inseres, compreendendo que este é integrante da WOSM (Organização Mundial do Movimento Escotista) e comprometendo-te a procurar saber mais sobre as suas políticas de inclusão e diversidade.
- 3** Obtenção das seis insígnias que constituem o sistema de competências Inclusão e Diversidade LGBTQI+.

Aplicação

O conjunto de insígnias não pretende ser rigoroso na sua aplicação. O escoteiro é livre de escolher como as quer usar e decidir sobre como as prefere dispor, pode optar por usar todas em grupo ou apenas usar a de mérito após ter conseguido conquistar as seis insígnias temáticas.

Proposta de disposição:

